

Mariana Schubert Backes

**A RELAÇÃO ENTRE O APEGO DO PAI, O ENVOLVIMENTO
PATERNO E A ABERTURA AO MUNDO EM PAIS DE
CRIANÇAS ENTRE 4 E 6 ANOS**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

Coorientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

FLORIANÓPOLIS, SC
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Backes , Mariana Schubert Backes

A relação entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos. / Mariana Schubert Backes Backes ; orientadora, Maria Aparecida Crepaldi , coorientadora, Mauro Luis Vieira , 2018.

177 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Envolvimento Paterno . 3. Abertura ao mundo . 4. Apego . 5. Desenvolvimento Infantil . I. , Maria Aparecida Crepaldi . II. , Mauro Luis Vieira . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

Mariana Schubert Backes

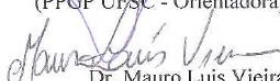
**A RELAÇÃO ENTRE O APEGO DO PAI, O ENVOLVIMENTO
PATERNO E A ABERTURA AO MUNDO EM PAIS DE
CRIANÇAS ENTRE 4 E 6 ANOS**

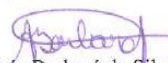
Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

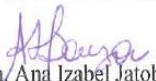
Florianópolis, 22 de Outubro de 2018.


Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
(Coordenador - PPGP/UFSC)


Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP UFSC - Orientadora)



Dr. Mauro Luis Vieira
(PPGP UFSC - Coorientador)


Dra. Andrea Barbará da Silva Bousfield
(PPGP UFSC - Examinador Interno)


Dra. Ana Izabel Jatobá de Souza
(PPG Enfermagem UFSC - Examinadora Externa ao Programa)

Dra. Maria de Fátima Joaquim Minetto
(PPG Educação UFPR - Examinadora Externa)

Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo More
(PPGP UFSC - Examinadora Interna Suplente)


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo More
(Dra. - Examinadora Externa Suplente)

Videcomprova

Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UFSC - CFH/UFSC
Florianópolis, 22/10/2018

*Dedico este trabalho a todos os pais, em especial ao meu. À minha mãe,
que também cumpriu este papel na minha vida, e ao meu padrasto que
sempre me acompanha.
Amo imensamente vocês!*

Agradecimentos

A concretização de uma pesquisa de doutorado foi uma escolha que proporcionou um aprendizado que vai além do domínio de práticas, teorias e da pesquisa em si. Foi um longo caminho que possibilitou uma mudança em mim de autoconhecimento e um crescimento profissional e pessoal indescritíveis. Este trabalho é o produto final da construção de uma trajetória em que pude contar com a participação e apoio de algumas pessoas especiais que cruzaram o meu caminho, às quais serei eternamente grata.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. (Antoine de Saint-Exupéry).

Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi, que tem me acompanhado em toda a minha trajetória de formação profissional, pelo exemplo de pessoa, psicóloga e professora, por carregar um brilho no olhar, ao vibrar com o desenvolvimento de seus alunos e apostar fortemente nisso. Pela sensibilidade e generosidade ao ensinar. Você é incrível e muito especial para mim.

Agradeço ao meu coorientador, professor Dr. Mauro Luís Vieira, pela confiança, apoio e conhecimentos transmitidos. Por ser uma pessoa e profissional preocupado com a qualidade do trabalho e com o bem-estar de seus alunos. Pelas provocações, questionamentos e suporte sempre.

À banca examinadora, agradeço por todas as contribuições para o aprimoramento da pesquisa e da tese.

Aos professores, aos amigos e parceiros de pesquisa do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), pelos aprendizados, pela disponibilidade, pelas trocas e pelo trabalho em equipe.

À Simone Bolze, a qual sempre me ajudou compartilhando seus conhecimentos, sugestões e me incentivando. Agradeço pela generosidade, disponibilidade e pela forma carinhosa que tem de ensinar.

À Erickson Kaszubowski, pela atenção e pelas orientações com os cálculos estatísticos.

Às Instituições de Educação Infantil que aceitaram participar da pesquisa e, em especial, às famílias que nos receberam em suas casas, no período noturno e em finais de semana, dispondo seu tempo, compartilhando conosco suas histórias e contribuindo para o nosso trabalho.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realizar o curso de doutorado. E à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos durante todo o período do curso de doutorado.

À minha mãe, Vânia, minha grande fonte inspiradora, meu porto-seguro, meu grande exemplo de mulher, profissional, de força, otimismo e fé! Obrigada por exercer o papel de mãe de uma forma tão bela e completa. Por me ensinar tanto, me pegar pela mão e não me deixar desistir, pelo teu amor incondicional, pelo teu entusiasmo e paciência. Te amo tanto!

Ao meu pai, Ademar, pelos cuidados intensos durante minha infância, por sempre me apoiar, mesmo estando longe, sempre preocupado com minha segurança e aguentando firme a saudade. Agradeço por compreender minhas escolhas e se orgulhar delas. Por ser uma pessoa correta, organizada e caprichosa e me ensinar a ser assim também. Obrigada também pela ligação a cada domingo para saber se estou bem e por sempre torcer por mim, do teu jeito. Você inspirou a escolha deste tema, fez com que eu buscasse aprofundar meu conhecimento neste assunto, te amo!

Ao Richard, meu padrasto, segundo pai que a vida me deu, obrigada por tudo que faz por mim. Agradeço toda a paciência durante este processo, todos os agradados, carinho, abraços e risadas. Você foi essencial, obrigada pelo cuidado e bom humor, você é mais que um padrasto é meu grande amigo e protetor.

À Dora, minha mascote, minha parceirona, que me acompanha durante as madrugadas de escrita deste trabalho me dando muito carinho e amor.

À minha família materna e paterna, pela torcida de sempre, carinho e amor. Em especial às minhas tias queridas: Tia Vali e Tia Vera e Vó Blondina, pelo acolhimento e cuidado em todas as etapas da minha vida, muitas vezes cumprindo o papel de mãe, vocês contribuíram significativamente para que chegasse até aqui. Meu amor por vocês é imenso! Agradeço, também, aos meus primos Luciana e Vinícius pelo carinho, sintonia e bons momentos que sempre passamos juntos.

Às minhas amigas, irmãs do coração, agradeço a escuta, o incentivo, as risadas e os conselhos. Vocês foram essenciais neste processo, me compreenderam e me acolheram quando mais precisei, nutriram minha alma para que eu seguisse em frente, amo vocês!

Agradeço de coração a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista.

“Não haverá borboletas se a vida não passar
por longas e silenciosas metamorfoses”.
(Rubem Alves).

Resumo

Backes, M. S. (2018). *A relação entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos.* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Na sociedade contemporânea o exercício da paternidade e o seu impacto no desenvolvimento infantil vem mobilizando estudiosos no mundo todo. Este estudo vem contribuir com o conhecimento na área. A presente pesquisa teve como objetivo relacionar o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos. Trata-se de um estudo quantitativo, transversal, exploratório-descritivo e correlacional. Os resultados obtidos foram tabulados e submetidos a análises formais por meio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* - versão 18.0. Realizaram-se análise de dados com base em estatística descritiva e inferencial, a análise de cluster, o teste t e a análise de regressão logística. Os instrumentos utilizados foram: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Engajamento Paterno (QEP), Questionário de Abertura ao Mundo (QOM) e Escala de Apego Adulto (EAA). Participaram da pesquisa 171 homens, com idade entre 19 e 59 anos, pais de crianças entre 4 e 6 anos de idade. Os critérios de inclusão foram: pais maiores de 18 anos e que tivessem morado ou convivido com a criança por, pelo menos, um ano. Os pais (pai e mãe), biológicos ou não, deveriam estar vivendo juntos por, pelo menos, seis meses. Foi incluído na amostra apenas o pai que, quando do nascimento da criança focal, já havia completado 18 anos. O presente estudo possibilitou compreender que, de forma geral, os pais com apego seguro envolvem-se de forma predominante em atividades de estímulo ao risco e em cuidados básicos com a criança do que os pais com apego inseguro, e essa diferença mostrou-se estatisticamente significativa. Por outro lado, os pais com perfil de apego inseguro relataram exercer mais punição (cuja diferença mostrou-se estatisticamente significativa) e suporte emocional do que os pais com apego seguro. A análise de regressão logística confirmou tais achados e encontrou que quando o pai possui um apego inseguro, há um aumento de 16% na probabilidade de ocorrência de punição por parte do pai, diminui em 11,3% a probabilidade de o pai realizar cuidados básicos e aumenta em 13,5% a probabilidade de ele fornecer suporte emocional ao filho. Verificou-se que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos ele se envolve com a criança, principalmente nas dimensões de suporte emocional e cuidados básicos.

Também, constatou-se que quanto maior a escolaridade do pai, mais envolvido de forma geral ele é com seu filho. Este trabalho mostra como é fundamental aprofundar as investigações sobre a paternidade e suas particularidades, a fim de valorizar a participação do pai em diferentes contextos e contribuir com a prática de profissionais que trabalham com o tema, tanto no meio acadêmico como na assistência ou na clínica. Sugere-se a realização de pesquisas futuras que abordem diferentes métodos (observacional, longitudinal), diferentes configurações familiares, condições socioeconômicas e faixas etárias.

Palavras-chave: envolvimento paterno, abertura ao mundo, paternidade, relações pai-filho, desenvolvimento infantil, apego.

Abstract

In the contemporary society the exercise of the paternity and its impact on child development has been mobilizing studies at a global level. This study comes to contribute with the knowledge in the area. This research aimed at relating parental emotional attachment, parental involvement and openness to the world among parents of children between 4 and 6 years. A quantitative, cross-sectional, exploratory-descriptive and correlational study. The results obtained were tabulated and subjected to formal analyzes by means of the statistical program Statistical Package for Social Sciences (SPSS) - version 18.0. The data analysis was carried out based on descriptive and inferential statistics, cluster analysis, t test and logistic regression analysis. The instruments used were: The sociodemographic Questionnaire, The Parental Involvement Questionnaire (PIQ), The World-Wide Openness Questionnaire (WWOQ) and the Adult Attachments Scale (AAS). Participants included 171 men aged between 19 and 59 years old, parents of children between 4 and 6 years of age. The inclusion criteria were: being parents over 18 years of age and currently living or lived with the child for at least one year. The parents (mother-father), biological or not, must have been living for at least six months. As mentioned, it was included in the sample only fathers who, at the birth of the child was already 18 years old. The present study made it possible to understand that in a general, parents with secure emotional attachment were predominantly involved in activities of risk stimulation and in basic care with the child when compared with care with insecure attachment, and that difference was statistically significant. On the other hand, parents with an insecure attachment profile reported exercising more punishment (whose difference was statistically significant) and emotional support from parents with secure attachment. The logistic regression analysis confirmed these findings and found that when the father has insecure attachment, there is a 16% increase in the probability of the father's punishment occurring, the father's probability of basic care decreases by 11.3% and increases in 13.5% the probability of him providing emotional support to the child. It was verified that the longer the workday of the father, the less he gets involved with the child, mainly in the dimensions of emotional support and basic care. Also, it was found that the greater the schooling of the father, the more involved they are in a general way, he would be with his son. This research shows how it is fundamental to deepen research on paternity and its particularities, in order to assess the participation of the father in different contexts and contribute to the practice of professionals working with the

subject, both in the academic environment and in the assistance or in the clinic. It is suggested to conduct future research that addresses different methods (observational and longitudinal), different family configurations, socioeconomic conditions and age cycles.

Keywords: paternal involvement, openness to the world, paternity, parents-children relationships, child development, emotional attachment.

Résumé

Dans la société contemporaine, l'exercice de la paternité et son impact sur le développement de l'enfant mobilisent des chercheurs du monde entier. Cette étude contribue à la connaissance dans ce domaine. Cette recherche vise éclairer la relation entre l'attachement du père, l'implication paternelle et l'ouverture au monde chez les pères d'enfants de 4 à 6 ans. Il s'agit d'une étude quantitative, transversale, exploratoire-descriptive et de corrélation. Les résultats atteints ont été tabulés et soumis à des analyses formelles à l'aide du programme statistique *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* - version 18.0. L'analyse de données a été basée sur les statistiques descriptives et inférentielles, l'analyse de cluster, le test t et l'analyse de régression logistique. Les outils utilisés ont été: Questionnaire Sociodémographique, Questionnaire d'Implication Paternelle (QEP), Questionnaire d'Ouverture au Monde (QOM) et Echelle d'Attachement Adulte (EAA). Cette recherche a compté avec 171 participants : des hommes de 19 à 59 ans, pères d'enfants dont l'âge varie entre 4 et 6 ans. Comme critères de participation, on a choisi des pères avec plus de 18 ans et qui avaient déjà habité avec l'enfant pour, au moins, un an. Les parents (père et mère), biologiques ou non, devraient avoir vécu ensemble pour un minimum de six mois. Juste les pères qui avaient déjà atteint l'âge de 18 ans au moment de la naissance de l'enfant ont été inclus dans l'échantillon. Cette étude a permis de comprendre que, en général, les pères qui gardent un attachement sécurisé sont plus impliqués dans des activités qui incite la prise de risques et dans les soins de base de l'enfant que les pères avec l'attachement insécurisé et cette différence s'est présentée statistiquement significative. En revanche, les pères avec le profil d'attachement insécurisé disent appliquer plus de punitions aux enfants (ce qui a marqué une importante différence statistique dans notre étude) et leur offrir plus de soutien émotionnel que les participants avec l'autre profil d'attachement parentel. L'analyse de régression logistique a confirmé ces informations et a montré, en plus, que lorsqu'un père possède un attachement insécurisé vers l'enfant il y a une augmentation de 16% de probabilité d'application de punitions et une réduction de 11,3% de la probabilité du père s'occuper des soins de base de l'enfant. En plus, il augmente en 13,5% la probabilité d'offrir un soutien émotionnel à l'enfant. Par rapport à la journée de travail du père, nous avons constaté que plus large est celle-ci, moindre est l'implication avec l'enfant, principalement dans des dimensions du soutien émotionnel et des soins de base. L'étude a montré, également, que les pères avec un plus haut niveau d'études sont généralement plus impliqués avec leurs enfants. Cette

recherche montre l'importance d'approfondir les recherches portant sur la paternité et ses particularités, à fin de mettre en valeur l'engagement des pères en différents contextes et aussi d'offrir des apports aux professionnelles qui travaillent avec ce sujet, soit en milieu académique, soit dans l'assistance aux parents ou dans la clinique. On suggère la mise en place de nouvelles recherches qui traitent de différentes méthodes (observationnelles, longitudinales), de différentes configurations familiales, conditions socioéconomiques et tranches d'âges.

Mots Clés: engagement paternel, ouverture au monde, paternité, relation père-enfant, développement infantile, attachement.

Resumen

En la sociedad contemporánea, el ejercicio de la paternidad y su impacto en el desarrollo infantil viene movilizando estudios a nivel global. Este estudio viene a contribuir con el conocimiento en el área. Esta investigación tuvo como objetivo relacionar el apego paterno, el involucramiento paterno y la apertura al mundo en padres de niños entre 4 y 6 años. Estudio cuantitativo, transversal, exploratorio-descriptivo y correlacional. Los resultados obtenidos fueron tabulados y sometidos a análisis formales por medio del programa estadístico *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* – versión 18.0. Se realizaron análisis de datos con base en estadística descriptiva e inferencial, el análisis de cluster, el test de t y el análisis de regresión logística. Los instrumentos utilizados fueron: Cuestionario sociodemográfico, Cuestionario de Involucramiento Paterno (CIP), Cuestionario de Apertura al Mundo (CAM) y la Escala de Apego Adulto (EAA). Participaron de la investigación 171 hombres con edades entre 19 y 59 años, padres de niños entre 4 y 6 años de edad. Los criterios de inclusión fueron: ser padres mayores de 18 años y que hubiesen morado o convivido con el niño por lo menos un año. Los padres (madre-padre) biológicos o no, debieron estar viviendo por lo menos seis meses. Como mencionado, fue incluido en la muestra apenas al padre que, al nacimiento del niño en cuestión, ya tenía 18 años. El presente estudio permitió comprender que de forma general, los padres con apego seguro se involucran de forma predominante en actividades de estímulo al riesgo y en cuidados básicos con el niño cuando comparados con los cuidados con apego inseguro, y esta diferencia se mostró estadísticamente significativa. Por otro lado, los padres con perfil de apego inseguro relataron ejercer más castigo (cuya diferencia se mostró estadísticamente significativa) y soporte emocional del que los padres con apego seguro. El análisis de regresión logística confirmó tales hallazgos y encontró que cuando el padre posee apego inseguro, hay un aumento del 16% en la probabilidad de ocurrencia de castigo por parte del padre, disminuye en 11,3% la probabilidad del padre realizar cuidados básicos y aumenta en 13,5% la probabilidad de él proveer soporte emocional al hijo. Se verificó que cuanto mayor sea la jornada laboral del padre, menos él se involucra con el niño, principalmente en las dimensiones de soporte emocional y cuidados básicos. También, se constató que cuanto mayor fuera la escolaridad del padre, más involucrado de forma general, él estaría con su hijo. Esta investigación muestra como es fundamental profundizar en las investigaciones sobre la paternidad y sus particularidades, a fin de valorar la participación del padre en diferentes contextos y contribuir con

la práctica de profesionales que trabajan con el tema, tanto en el medio académico como en la asistencia o en la clínica. Se sugiere la realización de investigaciones futuras que aborden diferentes métodos (observacionales y longitudinales), diferentes configuraciones familiares, condiciones socioeconómicas y ciclos etarios.

Descriptores: involucramiento paterno, apertura al mundo, paternidad, relaciones padre-hijo, desarrollo infantil, apego.

Lista de abreviaturas

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CEPSH / UFSC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEI - Instituição de Educação Infantil

LABSFAC - Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade

NEPeDI - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UdeM - Université de Montréal

UQAM - Université du Québec à Montréal

Lista de figuras

| | |
|---|-----|
| Figura 1. Modelo teórico da busca pelo equilíbrio entre estimulação ao risco e proteção, com as hipóteses dos tipos de ativação, conforme os padrões de resposta do modelo adaptado Bueno, 2018, p. 43 e Brussoni & Olsen, 2011, p. 495. | 73 |
| Figura 2. Etapas do procedimento de coleta de dados..... | 82 |
| Figura 3. Cluster Dendrograma | 100 |

Lista de tabelas

| | |
|--|-----|
| Tabela 1. Correspondência entre objetivos, instrumentos/técnica e análise de dados..... | 85 |
| Tabela 2. Caracterização sociodemográfica dos participantes – idade, escolaridade, jornada de trabalho e idade da criança | 91 |
| Tabela 3. Caracterização sociodemográfica dos participantes - estado de residência, composição familiar, sexo da criança, renda e escolaridade do pai..... | 92 |
| Tabela 4. Análises descritivas QOM e QEP..... | 93 |
| Tabela 5. Correlações de Pearson entre as dimensões estatisticamente significativas do QEP | 94 |
| Tabela 6. Correlações de Pearson entre os dados sociodemográficos do pai e as dimensões do QEP | 95 |
| Tabela 7. Correlações de Pearson entre as dimensões estatisticamente significativas do QOM | 95 |
| Tabela 8. Correlações de Pearson entre os dados sociodemográficos do pai e o QOM..... | 96 |
| Tabela 9. Correlações de Pearson entre as dimensões estatisticamente significativas entre o QEP e o QOM..... | 96 |
| Tabela 10. Perfis de Apego e médias (escore z) nas subescalas proximidade, confiança e ansiedade..... | 97 |
| Tabela 11. Dimensões do QEP e do QOM, Perfis de Apego e teste t... .. | 98 |
| Tabela 12. Frequências, médias, desvios-padrões e dimensões da abertura ao mundo das tipologias paternas..... | 101 |
| Tabela 13. Perfis do QOM e Perfis de Apego – proporção por coluna | 102 |
| Tabela 14. Definição do modelo logístico a partir da estratégia Backward | 103 |
| Tabela 15. Definição do modelo logístico a partir da estratégia Forward | 103 |

Sumário

| | |
|---|----|
| Apresentação | 27 |
| 1 Introdução..... | 31 |
| 2 Objetivos | 37 |
| 2.1 Objetivo Geral | 37 |
| 2.2 Objetivos Específicos..... | 37 |
| 2.3 Hipóteses | 37 |
| 3 Fundamentação Teórica | 41 |
| 3.1 Psicologia do Desenvolvimento e Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano..... | 41 |
| 3.2 Pensamento Sistêmico | 48 |
| 3.3 Teoria do Apego e Parentalidade..... | 51 |
| 3.4 Envolvimento Paterno e Mudanças no Contexto Familiar Contemporâneo | 57 |
| 3.5 Envolvimento Paterno no Contexto Científico: Definições e Surgimento do “Novo Pai” | 58 |
| 3.6 Impacto do Pai no Desenvolvimento Infantil..... | 61 |
| 3.7 Fatores que Influenciam o Envolvimento Paterno | 64 |
| 3.8 Envolvimento Paterno: Contribuições e Desdobramentos | 67 |
| 3.9 Teoria da Relação de Ativação: Definição e Aspectos Relacionados | 69 |
| 3.10 Relação de Ativação: Situação de Risco (Risky Situation) | 73 |
| 4 Método..... | 77 |
| 4.1 Delineamento da Pesquisa | 77 |
| 4.2 Contextos..... | 77 |
| 4.3 Participantes | 78 |
| 4.4 Instrumentos..... | 79 |
| 4.4.1 Questionário sociodemográfico..... | 79 |
| 4.4.2 Escala de apego adulto (EAA)..... | 79 |
| 4.4.3 Questionário de envolvimento paterno (QEP)..... | 80 |
| 4.4.4 Questionário de abertura ao mundo (QOM)..... | 81 |
| 4.5 Procedimentos..... | 82 |
| 4.5.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados. | 83 |
| 4.5.2 Procedimentos de seleção dos participantes..... | 83 |
| 4.5.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita..... | 84 |
| 4.6 Procedimentos para a Análise de Dados | 85 |
| 4.7 Considerações Éticas..... | 88 |
| 5 Resultados | 91 |
| 5.1 Caracterização Sociodemográfica dos Participantes | 91 |

| | |
|---|------------|
| 5.2 Caracterização do Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo | 93 |
| 5.3 Caracterização do Apego do Pai | 97 |
| 5.4 Relação Entre o Apego do Pai, Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo | 98 |
| 5.5 Relação Entre os Perfis de Apego do Pai e os Perfis de Abertura ao Mundo | 99 |
| 5.5.1 Clusterização hierárquica do pai | 100 |
| 5.6 Análise de Regressão Logística: Relação Entre o Apego Adulto do Pai, o Envolvimento Paterno e a Abertura ao Mundo Pai-Criança com as Variáveis Sociodemográficas | 102 |
| 6 Discussão | 105 |
| 6.1 Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo | 105 |
| 6.2 Caracterização do Apego do Pai | 114 |
| 6.3 Relação Entre os Perfis de Apego do Pai e os Perfis de Abertura ao Mundo | 118 |
| 7 Considerações Finais | 125 |
| 7.1 Principais Conclusões e Contribuições | 125 |
| 7.2 Considerações Metodológicas e Limitações do Estudo | 128 |
| 7.3 Desdobramentos para a Prática e Estudos Futuros | 130 |
| Referências | 133 |
| Anexos | 163 |
| Anexo 1: Autorização Institucional | 163 |
| Anexo 2: Carta-Convite | 165 |
| Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 167 |
| Anexo 4: Aplicação do questionário sociodemográfico – Escala de Apego Adulto (EAA) - Questionário de Envolvimento Paterno (QEP) | 171 |

Apresentação

Minha trajetória como psicóloga e pesquisadora começou cedo, mais precisamente no segundo ano de faculdade, período em que eu cursava a terceira fase do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Minha disciplina predileta da época era Psicologia do Desenvolvimento, ministrada pela competente professora Jadete Rodrigues Gonçalves. Nessa matéria aprendíamos de forma ampla e sutil sobre os aspectos psicológicos relacionados à gravidez, ao puerpério, ao desenvolvimento infantil e as influências do sistema familiar nesses processos desenvolvimentais.

Meu encanto por essa temática despertou em mim o interesse em aprofundar o meu conhecimento a respeito desses assuntos. Então, conversei com a professora Jadete e lhe pedi sugestões de outros trabalhos ou p8'rojeto extraclasse dos quais eu pudesse participar. Foi assim que conheci minha orientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi. Ela estava retornando de um pós-doutorado no Canadá e procurava uma bolsista de iniciação científica para trabalhar com ela nos projetos que seriam desenvolvidos.

Assim, na terceira fase da graduação, passei a ser membro do Laboratório de Pesquisa em Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC), o qual tem o propósito de produzir conhecimento nas áreas da Psicologia da Saúde, Desenvolvimento da Família, Comunidade e Psicologia Hospitalar. O LABSFAC tem como finalidade a produção do conhecimento contextualizado, para a promoção da saúde e o aprimoramento da qualidade de vida das pessoas. O laboratório é constituído por várias linhas e projetos de pesquisa e extensão, nos quais atuam professores, mestrando, doutorando e alunos de graduação.

Dessa forma, experimentei o contato com a pesquisa, trabalhando durante dois anos em diferentes projetos. O primeiro foi sobre a comunicação de diagnóstico de soropositividade HIV e AIDS por profissionais da saúde, o qual objetivou caracterizar as práticas de comunicação de diagnóstico de soropositividade HIV e Aids por profissionais da saúde para pré-adolescentes, adolescentes e adultos, pessoas da rede social de apoio, além de identificar dificuldades enfrentadas na comunicação do diagnóstico.

O segundo foi um projeto amplo, o qual estava sendo implantado em parceria com um grupo de estudos canadense da Université du Québec à Montréal (UQAM) e da Université de Montréal (UdeM). O projeto era intitulado 'A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças

de 4 a 6 anos de idade (TIV)’ e tinha por objetivo estabelecer um elo entre três formas de violência familiar, quais sejam, a violência conjugal, a violência parental e a agressividade em crianças entre si, propondo um modelo de transmissão intergeracional das estratégias de gestão de conflitos.

Em seguida, quando finalizaram minhas atividades da iniciação científica, iniciei meu estágio curricular obrigatório em Terapia Familiar Sistêmica no Serviço de Atenção Psicológica da UFSC-SAPSI sob orientação acadêmica da Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi e supervisão local da psicóloga Monica Barreto. Nesse estágio, no qual fiquei atendendo famílias durante um ano e meio, pude aproveitar os conhecimentos da pesquisa e aplicá-los ao contexto clínico. O trabalho com as famílias foi algo muito significativo e tocante profissionalmente. Vivenciar na prática as teorias e informações advindas do contexto científico foi enriquecedor.

Posteriormente, assim que me graduei psicóloga, decidi prestar seleção para o mestrado na Área de Concentração: Saúde e Desenvolvimento Psicológico e Linha de Pesquisa: Saúde e Contextos de Desenvolvimento Psicológico. Realizei o mestrado com minha orientadora, fonte inspiradora humana e profissional, novamente Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi sob coorientação do Prof. Dr. Mauro Luís Vieira. Meu trabalho de mestrado e doutorado inseriu-se no âmbito de outro projeto mais abrangente realizado em convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Québec em Montreal (UQÀM) e Universidade de Montreal (UDM), intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Tal projeto está sendo desenvolvido, no Brasil, em parceria entre o Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) e tem como objetivo geral investigar o envolvimento paterno e sua relação com características do pai, da mãe e da família.

Minha dissertação de mestrado analisou as relações entre envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos. Tratou-se de um estudo de natureza quanti-qualitativa, do qual participaram 20 pais de crianças entre 4 e 6 anos de idade, os quais responderam a alguns questionários e a uma entrevista sobre seu envolvimento com seus filhos. Ao finalizar o mestrado, uma das lacunas verificadas como fator relevante, para melhor compreender os fenômenos das relações pai-filho, foi pesquisar uma amostra consideravelmente maior, aprofundar os aprendizados estatísticos e investigar outros

aspectos que poderiam influenciar no envolvimento paterno, como o apego, variável estudada nesta tese.

Assim, surgiu a ideia e inspiração para uma nova empreitada, o curso de doutorado. Portanto, o presente trabalho é fruto de uma longa caminhada, permeada de escolhas que oportunizaram aprendizados, crescimento e o incessante desejo de aprofundar conhecimento sobre essa temática importante para o desenvolvimento infantil e da família como um todo.

1 Introdução

Constata-se, a partir da década de 1950, uma mudança no cenário mundial em relação aos papéis desempenhados pelos pais¹ e pelas mães na interação com seus filhos. Assim, a família pode ser considerada um sistema ativo em constante transformação (Andolfi, 1984) e constituída por subsistemas que se relacionam e se influenciam mutuamente (Minuchin, 1982). O subsistema parental, especialmente a relação pai-filho², teve destaque no presente estudo, o qual aborda as possíveis relações entre apego do pai, envolvimento paterno e relação de ativação com pais de crianças entre 4 e 6 anos.

A Teoria do Apego, desenvolvida por Bowlby (1982/1969), denominou apego como o laço de segurança e proteção que possibilita a existência humana, pois é a partir dos cuidados de alguém (como a mãe, o pai ou cuidadores) que o ser humano encontra suporte para seu desenvolvimento. Sem a formação deste vínculo, a criança poderia se distanciar excessivamente dos adultos ao explorar o mundo, ficando exposta a diversos riscos. Os comportamentos de apego são, portanto, complementares aos comportamentos exploratórios, pois possibilitam à criança conhecer o mundo em condições mais seguras (Gomes & Melchiori, 2012).

Desse modo, a relação construída com esse primeiro cuidador torna-se a base sobre a qual todos os vínculos posteriores se desenvolverão. Assim, uma vez estabelecidas a qualidade, a segurança e a estabilidade desses laços, associam-se fortemente com o bem-estar e a saúde emocional dos indivíduos, ao longo da vida (Gomes & Melchiori, 2012). No entanto, cabe destacar que pesquisas apontam que os fatores contextuais também influenciam na formação dos vínculos afetivos e não apenas as características dos sujeitos envolvidos na relação. Assim, a dinâmica do apego está sujeita à ação de fatores de natureza individual, relacional e contextual (Cowan & Cowan, 2016; Semensato & Bosa, 2013; Pontes, Silva, Garotti, & Magalhães, 2007).

Para Bowlby (1982/1969), o desenvolvimento de um apego infantil saudável está diretamente relacionado à sensibilidade do adulto que cuida, isto é, a sua capacidade de responder adequadamente aos sinais emitidos pelo bebê – tais como choro, sorrisos, comportamentos motores

¹ Neste projeto, o termo “pais” será utilizado como plural do termo “pai”.

² O termo filho será utilizado para abarcar a criança de ambos os sexos, quando se referir estritamente à criança de sexo masculino ou feminino, será assim especificado.

e reflexos –, já em seus primeiros dias de vida. O autor ressalta que o fato de a mãe ser sensível diante das necessidades infantis está diretamente relacionado ao seu próprio passado de vínculos afetivos com seus principais cuidadores, ou seja, de acordo com o fundador da Teoria do Apego, há uma relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para conceber vínculos afetivos com outras pessoas. Os resultados encontrados em estudos internacionais apontaram as repercussões do apego com os pais, na família de origem, para a relação conjugal e nas relações de apego adulto (Coyne, Constantino, Ravitz, & McBride, 2017; Godbout, Daspe, Lussier, Sabourin, & Dutton, 2017; Jayamaha, Girmé, & Overall, 2017; Marmarosh, 2017; Shelton & Wang, 2017; Serrán & Ayala, 2016; Natividade & Shiramizu, 2015; Sheeren, Goulart, Vieira, & Wagner, 2014; Semensato & Bosa, 2013; Shiramizu, Natividade, & Lopes, 2013).

Trata-se de achados importantes, pois, tradicionalmente, na Teoria do Apego, admite-se a existência da inter-relação entre representações de apego dos genitores, comportamentos parentais e padrões de apego dos filhos (Muzzio, Muñoz, & Santelices, 2008). Isso porque Bowlby (1988, 1982/1969) compreende o desenvolvimento humano como um processo dinâmico e contínuo, o que significa que, quando os indivíduos atingem a idade adulta, formando uma nova família, as vivências da infância influenciam consideravelmente a criação dos filhos.

O envolvimento paterno pode ser definido como sendo a participação e preocupação contínua do pai biológico ou substituto, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho (Dubeau, Devault, & Paquette, 2009). Um outro conceito tido como clássico nos estudos sobre o envolvimento paterno é o que considera esta variável por meio das três dimensões: Interação, acessibilidade e responsabilidade (Lamb, 2000; Lamb et al., 1985; Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987). Estas definições serão detalhadas no item de fundamentação teórica apresentado mais a frente. Pode-se afirmar que o envolvimento paterno é influenciado por três diferentes domínios: as características pessoais do pai, do contexto familiar e do ambiente social (Turcotte & Gaudet, 2009). Apesar de existirem controvérsias, resultados da literatura indicam que os homens que tiveram uma relação e imagem mais positiva de seus pais na infância estão mais propensos a participar ativamente no cuidado e na relação emocional com a criança (Bolze, 2011; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Turcotte & Gaudet, 2009). Isso indica a importância e influência das

relações intergeracionais na transição para a parentalidade (Bolze, 2011; Toneli, Crepaldi, & Vieira, 2006).

Com o intuito de aprofundar o conhecimento a respeito dos papéis e funções paternos, Paquette (2004d) elaborou uma nova proposição relacionada ao apego pai-criança, a Teoria da Relação de Ativação, a qual se baseia na figura ativa do pai, o qual incentiva seu filho na exploração do mundo externo e que possibilita à criança o que Paquette, Eugène, Dubeau e Gagnon (2009) denominam abertura ao mundo. A abertura ao mundo refere-se aos comportamentos do pai que estimulam a criança a ficar mais autônoma para explorar o ambiente e que promovem seu autocontrole.

Portanto, um dos indicadores que tem sido utilizado para definir a abertura ao mundo é a estimulação do pai, para que a criança tenha autonomia para explorar o ambiente e “abrir-se” ao mundo e às novas relações. Assim, o outro indicador é o controle/disciplina, o qual diz respeito à atividade de proteção, punição e limites (Zaouche-Gaudron, 2001; Zaouche-Gaudron, & Le Camus, 1996).

Essa relação de ativação pai-criança promove o apego necessário para desenvolver autocontrole e autoconfiança nas crianças e é contrastante ao relacionamento de apego entre mãe-criança, que acalma e conforta a criança em momentos estressores. Segundo essa teoria, a criança pode ser classificada como subativada, ativada ou superativada (Dumont & Paquette, 2012).

Um procedimento metodológico denominado ‘Risky Situation’, desenvolvido no Canadá (Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010), pretendeu investigar como o envolvimento com o pai pode influenciar o desenvolvimento da criança. O procedimento tinha duração de vinte minutos, no qual a criança é encorajada a explorar uma sala desconhecida na presença do pai e de uma pessoa estranha. A situação envolve o risco social, através da pessoa estranha que é gradativamente mais intrusiva e interativista, como também, o risco físico, através de uma escada grande e colorida exposta no centro da sala.

Verificou-se que, quando as crianças são estimuladas por seu pai, elas têm a oportunidade de vivenciar novos desafios. De acordo com a Teoria da Ativação, espera-se que essas oportunidades ajudem as crianças a regularem sua excitação de uma forma socialmente aceita e a se tornarem mais socialmente competentes. O estudo apontou uma necessidade de serem realizadas pesquisas futuras com um número maior da amostra, uma comparação dos diferentes tipos de paternidade e entre os sexos das crianças (Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010).

A partir do procedimento da Situação de Risco, as crianças são classificadas, de acordo com seus comportamentos, em: ativas, subativas e superativas. As crianças ativas estabelecem interação positiva com o estranho, demonstrando sinais de hesitação ou medo, exploração dos degraus com certa preocupação e obediência aos limites de segurança definidos. As subativas interagem menos positivamente com o estranho, demonstrando mais medo e hesitação; na escada, irão explorar menos e serão cautelosas e obedientes. As superativas são crianças altamente sociáveis com o estranho, não mostrando sinais de hesitação ou medo, mesmo quando o estranho começa a ser intrusivo, apresentam exploração perigosa da escada, mostrando sinais de imprudência e desobediência (Dumont & Paquette, 2012).

Estudos nacionais que investigam as interações pai-filho, bem como a repercussão do papel paterno no desenvolvimento da criança, são pouco frequentes (Vieira, Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi, & Piccinini, 2014; Cia, Williams, & Aiello, 2005). A grande parte das publicações científicas brasileiras refere-se à díade pai e mãe, ou apenas à mãe, mesmo quando o foco de investigação é o comportamento paterno. Portanto, é necessário explorar o envolvimento paterno, como e em que aspectos específicos do desenvolvimento infantil o pai exerce influência mais expressiva e coletar dados diretamente com o pai a respeito dos cuidados e educação dos filhos (Vieira et al., 2014; Souza & Benetti, 2009).

A presente pesquisa se insere no âmbito de um projeto mais amplo realizado em convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Québec em Montreal (UQÀM) e Universidade de Montreal (UM), intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Tal projeto está sendo desenvolvido, no Brasil, em parceria entre o Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) e tem como objetivo geral investigar o envolvimento paterno e sua relação com características do pai, da mãe e da família.

Assim, o presente estudo pode se concretizar como de relevância social e científica, pois explora, de modo específico, os aspectos da relação entre pai e criança. Dos seus resultados poderão derivar trabalhos de intervenção que busquem promover o desenvolvimento da saúde psicossocial da família, assim como, provocar a reflexão acerca do assunto e subsidiar a prática dos profissionais que trabalham com famílias.

Assim, espera-se que seus resultados venham a fomentar programas de intervenção que estimulem a convivência da criança com o

pai e chamem a atenção dos pais para sua importância no desenvolvimento psicológico dos filhos. Poderão, ainda, gerar discussões que atentem para a importância de se considerar e promover interações de qualidade entre pai-criança para assim contribuir com a promoção de saúde no desenvolvimento infantil.

Portanto, este trabalho pretende responder à seguinte pergunta de pesquisa: Qual é a relação entre o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos?

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Compreender o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos.

2.2 Objetivos Específicos

- a) caracterizar o apego do pai de crianças entre 4 e 6 anos;
- b) caracterizar o envolvimento paterno do pai de crianças entre 4 e 6 anos;
- c) descrever a abertura ao mundo;
- d) relacionar o apego do pai com o envolvimento paterno e abertura ao mundo;
- e) relacionar os tipos de apego do pai com os tipos de abertura ao mundo realizados pelo pai na ativação da criança em sua relação com o pai;
- f) relacionar o apego adulto, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo pai-criança com as variáveis sociodemográficas.

2.3 Hipóteses

1. O tipo de apego adulto do pai influencia a forma como ele vai estabelecer relações com outras pessoas, do meio familiar ou não, incluindo seu filho. Considera-se que o perfil de apego do pai repercute na forma como o pai se envolve com o filho. De acordo com a Teoria do Apego proposta por Bowlby (1988), as primeiras relações de apego desenvolvidas na infância repercutem no estilo de apego do indivíduo, no decorrer do seu ciclo vital em relacionamentos futuros. Vários estudos (Serrán & Ayala, 2016; Natividade & Shiramizu, 2015; Scheeren, Vieira, Goulart, & Wagner, 2014; Semensato & Bosa, 2013; Hazan, 2012; Schachner, Shaver, & Mikulincer, 2012; Nascimento & Coelho, 2006; Dalbem & Dell'Áglio, 2005) abordaram as relações entre o estilo de apego infantil e o apego adulto e, especificamente, as parentais (Brenning, Soenens, & Braet, 2017; Burkhart, Rasmussen, Borelli, & Brody, 2017; Gou & Woodin, 2017; Porter & Dyer, 2017; Szepsenwol, Griskevicius, Simpson, Young, Fleck, & Jones, 2017). Na perspectiva sistêmica, a família se influencia mutuamente, a partir de seus subsistemas; os quais transmitem, entre gerações, padrões relacionais e comportamentais de

pais para filhos. A transmissão intergeracional retrata continuidades e descontinuidades, ou seja, o que pode ser conservado ou deverá ser alterado de uma geração para outra (Bolze, 2016; Bolze & Crepaldi, 2015; Conger, Belsky, & Capaldi, 2009). Acredita-se que os padrões de apego possam ser transmitidos entre a família de origem para gerações posteriores, podendo apresentar continuidades ou descontinuidades dos vínculos afetivos, conforme a história de cada sistema familiar. O processo de transmissão intergeracional dos perfis de apego são complexos e recursivos e não são lineares; pois estão ligados a vários aspectos do contexto, considerando que os efeitos e produtos do apego fazem parte do próprio processo que os gera.

2. O pai com um tipo de apego seguro envolve-se mais de forma significativa com a criança, participando de seus cuidados, assim como incentiva mais a criança a assumir riscos dentro de um contexto seguro e a estimula a ser perseverante, a não desistir facilmente dos desafios que possam surgir, promovendo o desenvolvimento da autonomia da criança.

Os padrões de apego desenvolvidos na infância tendem a se manter e a ser reforçados nas interações com outras pessoas (Brenning et al., 2017; Burkhart et al., 2017; Gou & Woodin, 2017; Porter & Dyer, 2017; Szepeswol et al., 2017; Sperling & Berman, 1994). Target (2007/2005) presumiu que indivíduos com apego seguro alcançariam maiores habilidades internalizadas de autorregulação e reflexividade. Fonagy (2001) identificou que cuidadores com capacidade reflexiva têm maior probabilidade de desenvolver apego seguro em suas crianças. Cuidadores com maior nível de percepção e compreensão do comportamento infantil, que expressam suas experiências emocionais, possibilitam à criança obtenção dessas mesmas capacidades, oferecendo um acolhimento que preconiza a autoconfiança e consequente ação no ambiente. Paquette (2005) se refere à relação de ativação pai-criança como sendo esse vínculo de afeto e segurança necessários para que a criança possa desenvolver-se com confiança, com autonomia, com perseverança para satisfazer sua curiosidade e explorar o ambiente. Pode-se afirmar que o pai com apego seguro esteja mais decidido para cuidar do seu filho, assim como para animá-lo a assumir riscos, fornecendo todos os subsídios necessários. Kreppner (2000) e Tudge, Mokrova, Hatfield e Karnik (2009) mencionam que além das figuras parentais, contextos como a escola, o trabalho, a família estendida, entre outros, promovem influência sobre o desenvolvimento infantil, contribuindo para a transmissão intergeracional de comportamentos e atitudes relacionadas aos padrões de apego (Pontes et al., 2007).

3. O pai com perfil de apego inseguro se envolve de forma mais periférica com seu filho, participa menos dos cuidados básicos da criança e a estimula menos a correr riscos e a ser perseverante, mas, por outro lado, pode ser que esse pai utilize mais a punição como forma de estabelecer limites e regras à criança. Segundo Ainsworth (1989, 1978), pessoas com apego seguro têm maior probabilidade de cultivar com seus cuidadores uma base de segurança, mesmo quando estão aflitos. Elas tiveram/têm cuidadores que foram/são sensíveis a suas demandas, por isso, estão seguras de que suas figuras de apego estarão acessíveis, e que lhes ajudarão no que for preciso; no domínio interpessoal, são pessoas mais gentis, estáveis e com relações íntimas satisfatórias. No domínio intrapessoal, tendem a ser mais otimistas, e com percepção coerentes de si mesmas. Ainsworth (1978) ainda definiu mais três tipos de apego inseguros (esquivo ou ansioso, ambivalente ou resistente e por último, desorganizado ou desorientado). Esses padrões de apego repercutem na formação da personalidade da pessoa e na dinâmica que vão estabelecer em suas relações futuras (Melchiori & Dessen, 2008). Isso pode explicar o fato de se presumir que o pai com apego inseguro possa punir mais seu filho, por apresentar um modelo de se relacionar baseado na insegurança, utilizando estratégias não positivas para resolver conflitos ou impor sua autoridade e respeito.

Dessa forma, quando há uma rigidez relacional, como no segundo caso, pode-se pensar que pais que tiveram um tipo de apego inseguro com sua família de origem, possivelmente, terão maiores dificuldades no exercício da parentalidade; podendo ser superprotetores, mantendo vigilância constante, por receio de não terem mais o afeto do filho, postergando sua emancipação.

Os pais que desenvolveram um estilo de apego seguro poderão estar mais capacitados para contribuir com uma base segura para o crescimento de seus filhos. Nos estudos de Paraventi, Bittencourt, Schulz, Souza, Bueno, & Vieira, 2017; Backes (2015) e Gomes, Crepaldi e Brigas (2013) é confirmado que a figura paterna pode exercer ações positivas para o desenvolvimento de habilidades e autoconfiança em situações novas, ameaçadoras e de competição; o que permite conferir à criança maior autonomia para explorar o mundo e as relações (Paquette et al., 2009).

De acordo com Bowlby (1988) e Todorov (1996), o apego seguro, evidenciado pela boa interação entre pais e filhos, mediado por afetividade, responsividade das figuras parentais, regras, limites e segurança, é fator fundamental para a saúde mental presente e futura do indivíduo.

3 Fundamentação Teórica

3.1 Psicologia do Desenvolvimento e Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano

Esta investigação se insere na compreensão do desenvolvimento humano enquanto uma ciência, essencialmente interdisciplinar, e com um campo teórico e prático determinado. Neste sentido, as variáveis, expostas neste estudo, englobam distintas teorias (Teoria Bioecológica e Relação de Ativação), mas que se complementam na compreensão do seu objeto.

A psicologia do desenvolvimento foi construída ao longo do século XX, a partir de paradigmas metodológicos inspirados no positivismo e nas ciências naturais (Dasen & Mishra, 2000; Hinde, 1997). O foco era explorar, descrever e explicar os padrões comportamentais manifestados pelo indivíduo, ao longo de sua vida. Assim, as teorias da psicologia do desenvolvimento, até meados da segunda metade do século XX, buscavam propor modelos ou padrões normativos que pudessem elucidar por que e de que forma as transformações ocorriam na infância e na adolescência, bem como os possíveis desvios que poderiam ocorrer nessa trajetória (Aspesi, Dessen, & Chagas, 2005).

Dessa forma, o desenvolvimento humano foi organizado em estágios evolutivos, integrando diferentes aspectos, como: orgânico, motores, cognitivos, afetivos, sexuais, morais, sociais, históricos e culturais. A partir da segunda metade do século XX, a sociedade pós-moderna e pós-industrial vê surgir um novo paradigma nas ciências sociais e nas ciências naturais que vem se consolidando como o paradigma para o século XXI (Aspesi et al., 2005).

Esse paradigma caracteriza-se por ser relativista, integrador e contextual, ou seja, considera a cultura e os contextos sociais no desenvolvimento da pessoa (Papalia & Feldman, 2013). Uma vez que com as insuficiências apontadas à psicologia do desenvolvimento, nas últimas décadas, já não era mais possível considerar o desenvolvimento um fenômeno linear e segmentado, mas um processo dinâmico, plural e complexo de interação entre fatores biológicos e culturais. A identificação da complexidade do desenvolvimento pessoal foi determinante para o surgimento de estudos de um ponto de vista integrador dos fenômenos de desenvolvimento, convergindo para uma abordagem cognitiva e social.

A literatura contemporânea propõe a necessidade de se considerar:

- a) a dinâmica do curso de vida em sua totalidade, incluindo as gerações anteriores e posteriores; b) os

indivíduos dentro de suas redes ou sistemas de interação social; c) o interjogo entre a bagagem genética e a adquirida; d) a dialética entre sistemas biopsicossociais inseridos no contexto histórico-cultural e e) as influências bidirecionais presentes entre todos os sistemas envolvidos no processo de desenvolvimento humano. (Aspesi et al., 2005, p. 22).

Cairns, Elder e Costello (1996) abordam que o processo de desenvolvimento humano se estrutura a partir da interação do indivíduo com o ambiente, assumindo uma perspectiva dialética, ou seja, de evolução em espiral, podendo de acordo com os processos interativos avançar ou recuar, numa dinâmica complexa entre o sistema pessoa-ambiente. Este movimento potencializa a pessoa numa participação ativa, inserida num contexto interpessoal, histórico e cultural, agindo e interagindo com o ambiente.

Estudar trajetórias de vida implicam na compreensão da interdependência entre as pessoas e as condições e mudanças presentes nas micro e macroestruturas dos sistemas sociais, guiando o pesquisador numa perspectiva sistêmica e multidisciplinar (Elder, 1996). Além disso, a compreensão do desenvolvimento como um processo de mudança progressiva, contextual, abrangendo os processos biológicos do organismo até as mudanças sócio-históricas ao longo do tempo (Bronfenbrenner, 2005).

O aporte teórico acerca do desenvolvimento humano, neste trabalho, sustenta-se na perspectiva sistêmica enquanto fundamento epistemológico, bem como a Teoria Bioecológica formulada por Urie Bronfenbrenner. A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta em meados da década de 1970, tem sido reavaliada passando por importantes reformulações conceituais. Inicialmente, o autor definiu o Modelo Ecológico, o qual evidenciava aspectos do ambiente, e menor destaque aos processos individuais, considerando que o desenvolvimento consistia em um processo de interação entre a pessoa e seu contexto através do tempo (Prati, Couto, Moura, Poletto, & Koller, 2008; Narvaz & Koller, 2004; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Posteriormente, com a necessidade de considerar com maior ênfase aspectos relativos aos atributos da pessoa, Bronfenbrenner

formulou a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano³, expandindo os conceitos originais e incluindo, além de tais atributos da pessoa, os Processos de interação e o Tempo. Assim, o desenvolvimento humano constitui-se de um processo de interação constante, entre o contexto e as características individuais da pessoa, no decorrer do tempo. Ele é concebido a partir do intercâmbio entre quatro núcleos dinâmicos e interdependentes, conhecidos como Modelo denominado PPCT, constituído por Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. Juntos, esses quatro elementos são dispositivos responsáveis pelo desenvolvimento humano e contribuem na compreensão da totalidade da pessoa (Narvaz & Koller, 2004; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 1994; Bronfenbrenner & Ceci, 1994).

O primeiro dos núcleos, Processo, ocupa posição central neste modelo, tendo destaque a ênfase nos processos proximais, os quais se caracterizam por formas particulares de interação entre o organismo e o ambiente que operam, ao longo do tempo, e são os impulsionadores primários do desenvolvimento (Narvaz & Koller, 2004; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Os processos proximais acontecem no ambiente externo imediato e podem ocorrer quando o indivíduo desempenha atividades sozinho, ou quando interage com outra(s) pessoa(s), formando sistemas diádicos (entre duas pessoas), triádicos (entre três pessoas) ou poliádicos (composto por quatro ou mais pessoas). Uma díade pode assumir três formas funcionais diferentes: díade observacional, na qual uma pessoa está prestando atenção na atividade de outra; díade de atividade conjunta, na qual dois sujeitos estão fazendo algo juntos; e, por último, uma díade primária, que se refere àquela que segue existindo, fenomenologicamente, para ambos os participantes, mesmo quando não estão juntos (Bronfenbrenner, 1996). Para o autor, o poder desenvolvimental das díades ainda compreende a intensidade e o grau de reciprocidade, a relação afetiva e o equilíbrio de poder presente nas mesmas. É importante lembrar que essas díades podem ocorrer, concomitantemente, ao longo do desenvolvimento.

Conforme Bronfenbrenner (1996), as díades são sistemas de desenvolvimento mútuo, pois se um dos membros passa por um processo de desenvolvimento, conseqüentemente todos os envolvidos se desenvolvem. Deste modo, a frequência e o padrão das interações que se

³ A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano abordada neste trabalho foi retirada e adaptada de um capítulo da dissertação de mestrado da própria autora.

processam de maneira regular e recíproca entre as pessoas e seus ambientes, tornando-se aos poucos mais complexas, estão relacionados com a estabilidade dos processos proximais (Prati et al., 2008; Polônia, Dessen, & Silva, 2005).

Para que se efetive um processo proximal e este contribua de fato para o desenvolvimento, Bronfenbrenner (1999) ressaltou a importância da existência simultânea de cinco aspectos: o indivíduo deve estar engajado em uma atividade; a interação deve ser frequente, através de períodos regulares de tempo; as atividades devem ser satisfatoriamente longas e progressivamente mais complexas; deve haver reciprocidade nas relações pessoais e afeto; e os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem impulsionar a atenção, exploração, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999).

Os processos proximais podem apresentar dois tipos de implicações que ocasionam distintos resultados evolutivos, a saber, a competência e a disfunção (Bronfenbrenner, 2005). A competência está ligada à aquisição de conhecimento, habilidade ou capacidade de governar o próprio comportamento, podendo ocorrer em qualquer domínio (intelectual, físico, emocional, artístico, social). A disfuncionalidade está relacionada às recorrentes dificuldades em manter o controle e a coerência do comportamento, em diferentes situações e domínios do desenvolvimento e, essa forma, quando a interação é breve ou irregular, pode gerar resultados disruptivos ou disfuncionais no desenvolvimento (Narvaz & Koller, 2004; Bronfenbrenner & Evans, 2000).

A participação, direta ou indireta, de outras pessoas na interação é um fator importante para o desenvolvimento das díades, pois possibilita maior ocorrência e complexidade dos processos proximais (Bronfenbrenner, 1996). Os cuidadores, em geral, são os principais envolvidos em processos proximais devido ao contato prolongado e constante que mantêm com a criança. Alguns problemas provenientes do estresse, sobrecarga de trabalho e baixo nível de instrução, por exemplo, podem interferir na atenção dada em relação às necessidades das crianças e tendem a prejudicar a qualidade dos processos proximais, podendo originar agravos no desenvolvimento das crianças (Cecconello & Koller, 2004).

O segundo núcleo do modelo bioecológico, Pessoa, refere-se ao ser humano e inclui características biopsicológicas, como também, aquelas que foram construídas em interação com o ambiente. Existem três domínios, os quais envolvem as características das pessoas que influenciam os processos proximais e operam no desenvolvimento: força,

recursos biopsicológicos e demandas (Narvaz & Koller, 2004; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

No domínio da força, encontram-se os elementos comportamentais ou características ativas que podem estimular e manter os processos proximais ou retardar e, até mesmo, evitar sua ocorrência. O desenvolvimento é suscetível a essas disposições, as quais podem ser geradoras (generativas) ou desorganizadoras (disruptivas). As denominadas geradoras referem-se a orientações ativas como, por exemplo, curiosidade, tendência em iniciar e engajar-se em atividades individuais ou com outras pessoas e responsividade à iniciativa de outras pessoas. Quando essas disposições comportamentais influenciam negativamente, ou seja, quando envolvem as características disruptivas da pessoa, dificultando a manutenção do controle sobre as emoções como a impulsividade, a agressividade, a apatia, insegurança, desatenção, caracterizam-se como disposições desorganizadoras (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O segundo domínio de características da pessoa, recursos biopsicológicos, engloba as competências que se caracterizam como experiências, habilidades e conhecimentos necessários que exercem influência sobre a pessoa para comprometer-se nos processos proximais, ao longo dos diferentes níveis de desenvolvimento. As competências ampliam e aprofundam de forma construtiva a praticabilidade dos processos proximais. Os recursos abarcam, também, as deficiências que prejudicam o funcionamento integral do organismo, como as disfunções genéticas, doenças crônicas, deficiências física ou mental e o dano cerebral (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O terceiro grupo de características pessoais responsáveis por influenciar o processo de desenvolvimento são as demandas psicossociais. Essas demandas são capazes de estimular ou desencorajar reações do ambiente social, favorecendo ou não a ocorrência dos processos proximais e o crescimento psicológico. Pode-se citar como exemplos das demandas as características da aparência física (atrativa ou não atrativa) e características da personalidade da pessoa tais como comportamentos ativos ou passivos. As interações das pessoas em desenvolvimento não são restritas às pessoas, mas também aos objetos e símbolos que se encontram nos diferentes contextos (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Bronfenbrenner e Morris (1998) manifestam que a direção e a força dos processos proximais são influenciadas pelas características demográficas, como idade, gênero e etnia. Tais características também

interatuam com as particularidades ambientais e os acontecimentos, ao longo do tempo.

O terceiro núcleo do modelo bioecológico, *contexto*, diz respeito aos contextos de vida da pessoa que envolvem a interação de quatro níveis ambientais, denominados: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Estão organizados socialmente a partir de estruturas concêntricas colocadas uma na outra, configurando sistemas interconectados e formando, por sua vez, o meio ambiente ecológico (Narvaz & Koller, 2004; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner, 1986). O contexto é representado por um conjunto de subsistemas abaixo relacionados:

- Microssistema: refere-se a um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento, num determinado ambiente com propriedades físicas e materiais específicos. O ambiente é percebido como um local onde é permitido que as pessoas interajam naturalmente face a face, como por exemplo: casa, creche, a família, grupo de pares ou local de trabalho. É nesse ambiente que os processos proximais atuam para produzir o desenvolvimento. Dessa forma, o fator atividade, papel e relação interpessoal são elementos construtores do microssistema (Bronfenbrenner, 1994).

- Mesossistema: Pode ser entendido como um sistema de microssistemas, ou seja, um conjunto dos microssistemas que uma pessoa em desenvolvimento participa ativamente e as inter-relações estabelecidas por eles. Ele é formado ou ampliado sempre que uma pessoa entra num novo ambiente. Como exemplo, tem-se a criança e suas relações em casa, na escola e com os amigos (Bronfenbrenner, 1994).

- Exossistema: engloba as inter-relações entre dois ou mais ambientes, e a pessoa em desenvolvimento não participa ativamente de um deles, mas é afetado por aquilo que ocorre no ambiente, contendo a pessoa em desenvolvimento. Um exemplo de exossistema, no caso de uma criança, poderia incluir o local de trabalho dos pais e uma sala de aula de um irmão mais velho (Bronfenbrenner, 1994).

- Macrossistema: refere-se ao ambiente que agrega os demais subsistemas e que fornece a ele consistência como a cultura, a economia, os costumes e ideologias e as leis. Os valores e as crenças, segundo os pais foram educados, exercem forte influência sobre a maneira como educam seus filhos. O macrossistema é um padrão amplo de características de culturas e subculturas dos micro, meso e exossistema. O macrossistema deve ser pensado em termos de uma matriz da sociedade para uma cultura e subcultura particular (Bronfenbrenner, 1994).

O quarto e último elemento do modelo bioecológico é o *tempo*, o qual se inclui num quinto subsistema, chamado de cronossistema. O cronossistema acompanha as transformações e as persistências na trajetória do desenvolvimento. Ele compreende as mudanças que ocorrem na pessoa e no ambiente, relativas ao tempo, permitindo avaliar as influências no desenvolvimento humano, ao longo do ciclo vital (Narvaz & Koller, 2004).

O cronossistema é dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo se caracteriza pelas continuidades e descontinuidades observadas em eventos dos processos proximais que incitam a estabilidade ou instabilidade no ambiente. O mesotempo se refere à periodicidade (frequência e regularidade) dos processos proximais por meio de intervalos mais amplos de tempo, como dias e semanas. O macrotempo, por fim, diz respeito às mudanças na sociedade e na história através das gerações, assim como a forma que esses eventos influenciam o desenvolvimento humano no ciclo de vida. Verifica-se, assim, que é importante considerar tanto as mudanças que ocorrem em relação à pessoa, quanto aquelas que acontecem em seu ambiente e na relação entre ambos (Narvaz & Koller, 2004).

Dessa forma, pode-se concluir que a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano considera as continuidades e transformações que ocorrem nos contextos e nos processos proximais, de acordo com os atributos e características da pessoa e das gerações que a antecederam. Para Bronfenbrenner (1986), os períodos de transições ecológicas⁴ que acontecem na família são considerados momentos ideais para ocorrência de fenômenos desenvolvimentais e para o estudo dos mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998), entre eles pode-se elencar os momentos de transição familiar, como a chegada e saída de pessoas na família, o casamento, o nascimento do primeiro filho, etc. (Bronfenbrenner, 1995).

A importância da presença do pai e da mãe para o desenvolvimento da criança é reafirmada por Bronfenbrenner (1996). Bronfenbrenner (2005) diz que a ausência paterna deflagra consequências deletérias no desenvolvimento psicológico da criança. Para o autor, tal ausência é especialmente crítica durante os anos pré-escolares, atingindo mais os meninos do que as meninas. Dessa forma, levando em conta as

⁴Na concepção de Bronfenbrenner (1996, p. 22), as transições ecológicas são “tanto uma consequência quanto uma instigação de processos desenvolvimentais ... e ocorrem sempre que a posição da pessoa no meio ambiente é alterada em resultado de uma mudança de papel, ambiente ou ambos”.

considerações de Bronfenbrenner, ao se traçar um projeto de pesquisa que envolve o estudo de famílias, deve-se estar atento às diversas variáveis que influenciam o ciclo de vida familiar. Para tanto, o modelo PPCT permite a compreensão do desenvolvimento humano de forma integral e contextualizada através do tempo.

A epistemologia da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano é construtivista-interacionista, pois predispõe que o conhecimento é obtido por meio de um processo de construção conjunta entre pesquisador e participante da pesquisa (Tudge, 2008). A perspectiva bioecológica julga que cada membro da família influencia e está ligado ao desenvolvimento da família como um todo. Assim, o principal objetivo das pesquisas de Bronfenbrenner está na maneira como fatores extrafamiliares se refletem no funcionamento intrafamiliar e no desenvolvimento humano de forma geral (Wendt, 2006). Como possibilita reconhecer a influência do ambiente no desenvolvimento humano, este modelo constitui-se em referencial teórico apropriado para pesquisas que entendam o ser humano inserido em um contexto (Cecconello & Koller, 2004). É importante salientar que, nesta pesquisa, que deu origem à tese, o campo de análise será o microsistema, tendo em vista que serão privilegiadas as interações intersistêmicas que ocorrem na família. Ademais, abará os processos proximais, tendo em vista que estudará o relato do pai sobre as interações pai-filho face a face, ou seja, as influências diretas dos atributos da função paterna. Portanto, privilegiará dois componentes do modelo PPCT, quais sejam os processos e o contexto.

3.2 Pensamento Sistêmico

Na ciência contemporânea do desenvolvimento, o pensamento sistêmico possibilita uma visão ampliada da interação do indivíduo com o contexto. A concepção clássica da ciência, advinda a partir do paradigma linear, se propunha a estudar o homem por meio de métodos precisos e da razão, ao utilizar-se da dúvida para compreender sua natureza e atingir a verdade absoluta (Price, 1976). A objetividade era priorizada, e o observador era visto de modo externo ao fenômeno, buscando compreender e dominar o real. Os princípios matemáticos e noções lineares de causa e efeito guiavam o pensamento clássico, sendo que o conhecimento buscava atingir a estandardização, a homogeneização, normatização e a quantificação dos fenômenos (Paul, 2005). Prezava uma separação entre o pensamento racional e o intuitivo,

a necessidade da fragmentação e do estudo das unidades mínimas de análise para se chegar às essências do conhecimento possível e relevante.

Essa visão linear-mecanicista de Descartes e Newton sofreu grande abalo da física quântica. Se antes o universo poderia ser dividido em partes separadas, a física quântica levou essa divisão ao nível dos átomos e partículas subatômicas e demonstrou que a noção de separação não existe. Tal qual uma teia dinâmica, o universo é constituído de eventos inter-relacionados, eventos esses que não podem ser compreendidos como entidades isoladas (Capra & Luisi, 2014; Capra, 2006).

Com as mudanças ocorridas nos âmbitos políticos, administrativos, sociais, religiosos, o paradigma clássico foi questionado pelas mais diversas áreas do saber que divergiam sistematicamente e criticavam o modo reducionista e determinista de conhecer e interpretar a realidade, como os fenômenos da natureza e os fenômenos sociais (Gomes, Bolze, Bueno, & Crepaldi, 2014). A partir de contribuições das ciências da comunicação, da física, da psicologia, da linguística, da neurofisiologia, da semiótica, entre outras, começou-se a pensar na multidimensionalidade do fenômeno perceptivo-cognitivo e a imprescindível e inevitável influência da linguagem neste processo. Nesse sentido, a postura do observador/cientista, também imerso no mundo da linguagem e do simbólico, passa a ser a ideia da neutralidade colocada à prova.

O pensamento complexo traz para a discussão a questão epistemológica da ciência clássica e questiona os pressupostos onto e antropológicos, evidenciando a posição do observador na construção do conhecimento e interpretação da realidade. O mundo passa a ser visto a partir de uma visão relacional, e o foco não está no sujeito e em suas particularidades, nem no todo; encontra-se na relação que se estabelece entre eles. O sujeito é biologicamente construído no intercâmbio com o meio social, por meio de relações complexas. Edgar Morin, fundador da Teoria da Complexidade, a partir dos pressupostos advindos da Teoria Geral dos Sistemas, da Teoria da Informação e da Cibernética, propôs uma visão de mundo e de homem que considera a multidimensionalidade dos fenômenos, sugerindo a lógica da conjunção e da complementaridade.

O pensamento sistêmico considera a trama intersistêmica em detrimento ao foco centrado no indivíduo (Grandesso, 2000). Pensar sistematicamente implica, portanto, reconhecer o sujeito no seu contexto. Não significa negar os fenômenos intrapsíquicos, mas sim buscar compreender e trabalhar os fenômenos psíquicos de uma complexa rede de relações interpessoais, ou como uma teia de fenômenos recursivamente

interligados (Aspesi et al., 2005; Vasconcelos, 2002; Kreppner, 2000). Como exemplo, tem-se a família, a qual é um sistema composto por díades ou tríades, em que o desenvolvimento ocorre na interação de seus membros de forma contínua e duradoura, é um sistema aberto que interage com outros sistemas, realizando constantes trocas com outros sistemas externos a ela.

Nesse sentido, esta pesquisa baseia-se nos pressupostos da perspectiva sistêmica: complexidade, instabilidade e intersubjetividade (Vasconcellos, 2010). O pressuposto da complexidade traz a visão de que a pessoa e o contexto se influenciam mutuamente, ou seja, ao contrário da ciência tradicional, na qual pressupõe-se uma linearidade entre os fenômenos investigados, esperando-se uma relação de causa e efeito, o pressuposto da complexidade trata o fenômeno em questão sem estabelecer causas únicas, compreendendo que há uma causalidade circular⁵ entre os fenômenos.

O pressuposto da complexidade se sustenta em três princípios, a saber: dialógico, recursivo e holográfico (Morin, 2011). O primeiro, dialógico, reconhece que existem múltiplas versões da realidade, ou seja, diferentes formas de enxergar o fenômeno. O segundo princípio, a recursividade, remete à ideia de que o produto é produtor daquilo que o produz (Vasconcellos, 2010) em outras palavras, são processos em que os efeitos e produtos são necessários ao próprio processo que os gera, como exemplo, pode-se citar a criança que é fruto da união de um homem e de uma mulher (pais) e, ao mesmo tempo, será capaz posteriormente de se unir a uma mulher e produzir um novo homem e assim sucessivamente (Morin, 1990).

Dessa forma, se faz necessário ampliar o foco a ser investigado, no caso deste trabalho, é preciso considerar as variáveis estudadas como inter-relacionadas e constituídas nas relações dentro de um contexto. Por exemplo, acredita-se que o tipo de apego que o pai desenvolveu com seus cuidadores, ao longo de sua vida, possa reverberar na forma como ele estabelece suas relações com outras pessoas, inclusive, no exercício de seu próprio papel de pai e em como se relacionará com seu filho, assim como, a interação com seu filho estará, ao mesmo tempo, atuando e transformando a sua maneira de ser pai, considerando o contexto familiar

⁵Causalidade circular: De acordo com a perspectiva sistêmica, a causalidade circular ultrapassa a lógica da unilateralidade ou da “causa-efeito” na compreensão epistemológica dos fenômenos. Portanto, o entendimento de determinado fenômeno deve focalizar nas *relações* entre os elementos e na sua interdependência (Vasconcellos, 2010).

em que ocorre. O terceiro e último, o princípio holográfico, demonstra que as partes contêm o todo, o qual contém as partes (Morin, 2011) sendo recursivo, como exemplo, podem ser citadas as células do corpo que possuem a informação genética da totalidade do organismo vivo ao qual pertence.

O segundo pressuposto da perspectiva sistêmica, a instabilidade, propõe que o mundo está em processo de tornar-se, em construção e considera a indeterminação dos fenômenos, não sendo possível prevê-los nem controlá-los (Vasconcelos, 2002). O último pressuposto, a intersubjetividade, entende que o pesquisador não é neutro e que a realidade investigada depende do olhar que é lançado para o fenômeno (Vasconcelos, 2002), ou seja, o conhecimento de um fenômeno pode ser múltiplo, dependendo de quem observa. A mudança de ênfase nas partes para a ênfase no todo demarca a ciência do século XX, a qual compreende que os desafios e problemas enfrentados pela sociedade são sistêmicos, pois estão interligados e são interdependentes (Capra, 1996). Nesta pesquisa, os fenômenos serão olhados a partir da perspectiva sistêmica, dando destaque ao contexto e às relações entre as variáveis do estudo.

3.3 Teoria do Apego e Parentalidade

A Teoria do Apego⁶ foi elaborada na segunda metade do século XX e enfatizou a importância da infância na constituição do psiquismo humano. Surgiu, inicialmente, de trabalhos realizados por John Bowlby e Mary Ainsworth, porém considera-se Bowlby o fundador dessa teoria que atualmente é reconhecida em nível mundial (Melchiori & Dessen, 2008). Para a formulação da Teoria do Apego, Bowlby (1988, 1982/1969, 1980, 1973) foi influenciado por diferentes modelos teóricos, como o da Etologia, da Cibernética, da Psicologia do Desenvolvimento, do Processamento de Informação e da Psicanálise. Os conceitos dessas diferentes abordagens lhe permitiram desenvolver uma análise integrada das relações de vinculação, na infância e na idade adulta, incluindo emoções, cognições e comportamentos (Waters, 2003).

Inicialmente, baseado na Etologia, Bowlby (1990, 1982/1969) constatou que para que os filhotes (especialmente os mamíferos)

⁶ Considerando a importância da história no desenvolvimento do conhecimento e que a Teoria do Apego emerge no século XX, e que ao longo do tempo vários autores têm se dedicado ao estudo do apego, esta revisão de literatura agrega estudos clássicos e produções mais contemporâneas, valorizando a evolução do tema.

pudessem sobreviver e perpetuar a espécie, eles mantinham-se próximos de seu principal cuidador (figura de apego). Dessa forma, em diferentes espécies, a função básica do apego seria a proteção contra os predadores (Pontes et al., 2007).

Além disso, a figura de apego não possui apenas a função de proteger de situações ameaçadoras ou desconfortáveis, mas também, fornece uma base segura para que a criança possa explorar o ambiente (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Sendo assim, o apego pode ser entendido como o conjunto de comportamentos do bebê que se caracteriza pela busca de proximidade física da mãe e também pela exploração do ambiente. Portanto, o apego se desenvolve ao longo do tempo e está relacionado ao processo de adaptação do sujeito, ao longo do seu desenvolvimento (Bowlby, 1990).

Os comportamentos de apego emitidos pelo bebê em seus primeiros dias de vida compreendem o choro, sorrisos e demais comportamentos motores e reflexos. Os comportamentos de apego possuem a função de proteção e socialização, tendo uma base inata instintiva e outra de aquisições (Golse, 1998). A capacidade e a sensibilidade do adulto cuidador responder adequadamente e com rapidez às demandas da criança estão diretamente ligadas ao desenvolvimento de um apego infantil saudável. O autor também ressalta que a forma como os pais respondem aos sinais e às solicitações do bebê está associada às suas próprias experiências de vínculos afetivos com seus cuidadores.

Ainsworth et al. (1978) desenvolveram um experimento, chamado Strange Situation (SS – Situação Estranha), para classificar os diferentes tipos de apego entre mãe e filho. O procedimento Situação Estranha é composto por algumas etapas. Nele, mãe e filho (crianças de 12 a 18 meses) ficam em uma sala com brinquedos, sendo observados pelos pesquisadores e câmeras escondidas. O experimento tem duração de 20 minutos e envolve a entrada de uma pessoa estranha (pessoa desconhecida para o bebê) e a ausência da mãe em alguns momentos.

Dependendo das reações da criança na ausência da mãe, se estabelece ou não interação com a pessoa desconhecida e como se dá o reencontro com a mãe, o bebê tem seus comportamentos codificados, e seu apego é classificado em seguro, ansioso, evitativo, desorganizado/desorientado e ansioso/ambivalente. O apego seguro relaciona-se a pais mais responsivos às necessidades da criança. No apego evitador, as mães têm mais dificuldade de demonstrar emoções, não toleram muita proximidade e punem comportamentos de apego do filho. No apego desorganizado/desorientado, as crianças são mais agressivas ou resistentes e pode haver suspeita de a mãe ter passado por uma situação

traumática (falecimento de um membro da família ou, até mesmo, abuso parental), na época do nascimento do filho. Por último, o apego ansioso/ambivalente é aquele em que as mães são ansiosas, pouco sensíveis às demandas do bebê e desencorajam a exploração do ambiente (Ainsworth et al., 1978).

Dessa forma, o apego se desenvolve entre a criança e seu cuidador, e isso reverbera no desenvolvimento de seu autoconceito e visão do mundo social (Collins & Read, 1990; Bowlby, 1989). Assim, na Teoria do Apego, Bowlby (1984) pressupõe que as primeiras relações de apego constituídas na infância possuem influência no estilo de apego do indivíduo, ao longo de sua vida (Bowlby, 1984). A relação entre o estilo de apego infantil e o estilo de apego adulto é afirmada por diversos autores (Palacios & Álvarez, 2006; Dalbem & Dell’Aglío, 2005; Croweel, Treboux, Gao, Fyffe, Pan, & Waters, 2002; Kaplan, Sadock, & Grebb, 2002; Sroufe & Flesson, 1986). As relações que a criança estabelece no início de sua vida influenciam a formação da personalidade, produzem expectativas sobre relacionamentos futuros, atuam na forma como ela vivencia e significa um relacionamento e pressupõem diferentes organizações comportamentais e na qualidade de relacionamentos tardios (Sroufe & Flesson, 1986).

Em outras palavras, as experiências de apego na infância influenciam as futuras relações que a pessoa irá estabelecer, no âmbito amoroso, social ou de trabalho (Collins & Read, 1990). Estas relações estão ligadas ao tipo de comportamento manifestado em momentos de separação da figura de apego, os quais podem ser acionados em qualquer situação e permanecem durante a vida toda (Kaplan et al., 2002). Portanto, o apego adulto nada mais é do que a reprodução dos modelos de funcionamento interno constituídos na infância, diante da necessidade de contar com alguma figura significativa (figura de apego), na presença de situações de ameaça, medo ou estresse (Smith & Ng, 2009).

Pesquisas realizadas com ambos os pais e seus bebês indicam uma diferença na qualidade do vínculo de apego com ambos os progenitores (Main & Weston, 1981; Lamb, 1978). Bowlby (1990) considera as mães as cuidadoras primárias dos filhos na maior parte das culturas, então, elas seriam as principais figuras de apego. De acordo com Prado e Vieira (2004), o vínculo mais intenso em relação à mãe pode ser explicado pela gestação, parto e amamentação, processos específicos da maternidade que incluem maior contato direto e interação com o bebê, nos primeiros meses de vida. Nesse sentido, poucos estudos destacam o apego na meia infância e incluem o pai, apontando para uma necessidade de se investigar e aprofundar esta temática (Dwyer, 2005).

No âmbito das pesquisas recentes acerca da Teoria do Apego, um estudo de revisão sistemática da literatura realizado por Gomes e Melchiori (2012), no período entre 2005 e 2010 nas bases de dados PsycInfo, Eric, Scielo e Lilacs, verificou que 55% dos artigos encontrados eram de natureza teórica, predominando os de revisão bibliográfica. No que diz respeito às pesquisas empíricas, constatou-se um predomínio de estudos quantitativos e 45% dos trabalhos encontrados eram referentes ao bloco temático de desenvolvimento humano.

No ano de 2010, observa-se um interesse em investigar o papel do pai como uma importante figura de apego na infância (Backes 2015; Breterthon, 2010; Newland & Coyl, 2010). A revisão sistemática, anteriormente mencionada, encontrou poucos estudos que identificassem o pai como figura de apego, por outro lado, estudos sobre relação entre casal parental e filhos apresentam maior frequência em comparação aos estudos que destacaram apenas a relação entre mãe e criança. Isso aponta que, no período considerado, o papel do pai vem sendo cada vez mais reconhecido e, portanto, investigado nas pesquisas.

A Teoria do Apego destacou a influência e importância da relação entre o bebê e seus principais cuidadores e o estabelecimento de seus primeiros vínculos para seu desenvolvimento. Bowlby (1973) compreende o desenvolvimento como tendo uma natureza dinâmica, ou seja, acontece de forma não linear e não casuística. Desta forma, pode-se entender que, para Bowlby (1973), o desenvolvimento é um processo e não há nada determinado, pode ser que as interações iniciais do bebê apresentem uma probabilidade ou uma tendência a se manifestarem de certo modo futuramente na vida da pessoa, mas não é algo fixo, o desenvolvimento para Bowlby (1973) também está ligado a outros fatores como, por exemplo, o contexto familiar (McGoldrick & Shibusawa, 2016).

Assim, a Teoria do Apego possui uma importância para a psicologia do desenvolvimento, pois apresenta aspectos conceituais básicos para pensar os processos de vinculação do ser humano, ao longo do ciclo de vida. Os pressupostos e achados de Bowlby e Ainsworth têm possibilitado lançar um olhar ampliado para o fenômeno, estando coerente com uma perspectiva sistêmica, segundo o qual o apego é entendido como multideterminado, levando-se em conta o contexto no qual o sujeito está inserido e os elementos simbólicos e sociais presentes nele, portanto, a dinâmica do apego está sujeita à ação de fatores de natureza individual, relacional e contextual (Stanton, Campbell, & Pink,

2017; Godbout et al., 2017; Winterheld, 2017; Love, Nalbone, Hecker, Sweeney, & Dharnidharka, 2018; Ponteset al., 2007).

Cabe ressaltar que, de acordo com a teoria, a figura primária de apego pode ser atribuída ao pai, a uma tia ou por uma pessoa que não tenha laço biológico com a criança, mas que exerce esse papel maternal de alguma forma (Ainsworth, et al., 1978; Bowlby, 1982/1969). A Teoria do Apego também aponta que os pais possuem representações mentais das experiências que vivenciaram com seus próprios cuidadores e que tais representações se manifestam em seus comportamentos de cuidados parentais, interferindo na sensibilidade, responsividade e acessibilidade, quando estabelecem as interações na díade pais-filhos. Consequentemente, essa relação pais-filhos repercute na forma como a criança organiza e expressa seus comportamentos (Vaughn, Coppola, Veríssimo, Monteiro, Santos, Posada, Carbonell, Plata, Walters, Bost, McBride, & Shun, 2007; Bretherton & Munholland, 1999; Bowlby, 1988; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985).

Ao estudar o apego e seus possíveis desdobramentos, deve-se considerar alguns fatores, como: temperamento da criança, qualidade dos cuidados parentais, contextos de desenvolvimento da criança, experiências relacionadas ao apego da infância dos cuidadores. Adultos que se recordam das primeiras experiências com os pais ou cuidadores podem influenciar a maneira como respondem a seus próprios filhos (Rempel, Kuch, Rempel, & Vui, 2017; Bailey, Redden, Pederson, & Moran, 2016). Ou seja, uma experiência do cuidador com apego seguro, ou a compreensão dos motivos pelos quais tinha apego inseguro, poderá auxiliar para que se desenvolva um apego seguro entre cuidador e bebê.

A história de apego dos pais também repercute na percepção do temperamento do seu bebê, e essas percepções podem afetar a relação entre pais e filhos (Ensink, Normandin, Plamondon, Fonagy, & Berthelot, 2016; Madigan, Plamondon, Vaillancourt, McKibbin, & Benoit, 2016; Szepeswol, Simpson, Griskevicius, & Raby, 2015). Assim, quanto mais os pais/cuidadores compreenderem essas questões e adquirirem informações a respeito dos cuidados com os filhos, mais sensíveis e preparados estarão em relação às necessidades dos filhos, e tal fato pode favorecer o apego seguro dos bebês com temperamento altamente reativo (negativamente emocionais) (Papalia & Feldman, 2013).

Dessa forma, pode-se afirmar que os pais possuem papel fundamental no comportamento e desenvolvimento dos filhos. A autora Barros (2015) aponta que eles têm influência nos processos de mudança

terapêutica ou preventiva do comportamento da criança, por isso se faz necessário explorar com profundidade o que define ou regula as atitudes dos pais e mães ou a modificação dessas condutas. O comportamento parental é constituído por diversos aspectos, como o próprio processo de desenvolvimento dos pais, contexto social, econômico e cultural ao qual pertencem, sua vivência como filhos e experiência atual como pais (Barros, 2015). Portanto, as práticas parentais são permeadas por diferentes fatores correspondentes aos pais, aos seus filhos e ao contexto (contexto mais imediato como escola, bairro, comunidade, como também mais amplo, abrangendo os determinantes históricos, econômicos e sociais).

Com o nascimento de um filho, há uma série de transformações e readaptações no meio familiar. As autoras Carter e McGoldrick (1995) concebem a transição para a parentalidade como uma fase específica do desenvolvimento familiar, a qual possui algumas tarefas desenvolvimentais que abarcam a criação de um espaço para o membro novo da família, reequilíbrio e negociações das responsabilidades entre marido e mulher, a implicação dos mesmos na educação dos filhos, bem como administração e divisão das tarefas financeiras e domésticas e redefinição dos relacionamentos com as famílias ampliadas (McGoldrick & Shibusawa, 2016).

O fato de tornar-se pai ou mãe envolve consideráveis mudanças em âmbito individual, familiar e relacional. A parentalidade é definida por alguns investigadores (Rempel et al., 2017; Bailey et al., 2016; Hoghughi, 2004; Maccoby, 2000) como sendo o conjunto de atividades que visam a assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, de modo a promover a sua socialização, proporcionando que conquiste sua autonomia. Pode ser considerada como uma das tarefas mais complexas, difíceis e com maiores desafios e responsabilidades para o ser humano (Ensink et al., 2016; Madigan et al., 2016; Pluciennik, Lazzari, & Chicaro, 2015; Szepsenwol et al., 2015).

A parentalidade também engloba o conjunto de transformações que compõem um processo maturativo que ocasiona uma reorganização psicoafetiva, a qual permite que os adultos se transformem em pais e sintam-se aptos para responder às demandas físicas, afetivas e psíquicas do seu filho (Sousa & Carneiro, 2014). Assim, a parentalidade está relacionada a um modelo cultural e às referências familiares dos próprios pais, e a forma como ambos os pais vivenciam esta experiência irá influenciar a maneira como irão cuidar da criança e exercer sua

maternidade ou paternidade, engajando-se nos cuidados e demais atividades e promovendo o desenvolvimento da criança.

As funções parentais de homens e mulheres vêm passando por um processo de modificação. Até meados dos anos 1950, era atribuída ao pai a responsabilidade pelo sustento da família e à mãe o cuidado da casa e dos filhos (Borsa & Nunes, 2011). Com o estabelecimento da mulher no mercado de trabalho e a consequente necessidade de uma divisão mais igualitária de tarefas entre o casal, a família vem sofrendo algumas transformações na sua organização (Vieira, Crepaldi, Schmidt, Bossardi, Souza, Gomes, Backes, & Bueno, 2017; Bueno, Gomes, & Crepaldi, 2015; Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof, & Abreu, 2006; Lamb, 1975).

Essas alterações nas configurações familiares, resultantes das recentes reivindicações sociais e contemporâneas, têm despertado um maior interesse entre os pesquisadores, sobre a importância da figura paterna para a família e, especificamente, para o desenvolvimento da criança (Borsa & Nunes, 2011). Assim, se faz necessária a produção de novos estudos que possibilitem a compreensão da relevância das mudanças nas relações parentais e a repercussão delas para a família e para a sociedade.

3.4 Envolvimento Paterno e Mudanças no Contexto Familiar Contemporâneo

As mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas, ocorridas a partir da década de 1970, provocaram transformações no que diz respeito às configurações e dinâmicas das famílias atualmente, gerando discussões sobre os papéis parentais (Vieira et al., 2017; Bueno et al., 2015; Jablonski, 2010; Perucchi & Beirão, 2007; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). A descoberta e disseminação da pílula anticoncepcional, o início e fortalecimento do movimento feminista, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o aumento de sua independência deflagraram a necessidade de formas diferenciadas de assumir os papéis de mãe, pai, marido e mulher nas famílias (Jablonski, 2010; Perucchi & Beirão, 2007; Saraff & Srivastava, 2009; Wagner et al., 2005; Gauthier, Smeeding, & Furstenberg, 2004; Fleck & Wagner, 2003).

Observa-se uma alteração do modelo tradicional de família, no qual o pai era visto como provedor, e a mãe responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, para um funcionamento familiar em que predomina a divisão de tarefas entre homem e mulher, ainda que de forma não igualitária, pois a mulher ainda é identificada como a principal

encarregada pelo cuidado e pelas tarefas da casa (Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi, & Vieira, 2016; Jablonski, 2010).

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, esta parou de dedicar-se exclusivamente à família, requisitando do homem uma participação mais ativa na educação e em diferentes interações com o filho (Saraff & Srivastava, 2009; Silva & Piccinini, 2007; Wagner et al., 2005). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), o índice de casamentos entre solteiros reduziu de 83,95% em 2003 para 79,7% em 2011. Somado a isto, também se constatou que o homem vem aumentando sua responsabilidade pela guarda dos filhos menores, apresentando evolução nas taxas de 4,4% em 2003 para 7,9% em 2011.

3.5 Envolvimento Paterno no Contexto Científico: Definições e Surgimento do “Novo Pai”

No cenário científico, constatou-se, até o final da década de 1960, um predomínio de estudos que enfatizavam a interação mãe-criança, e as pesquisas sobre desenvolvimento infantil praticamente eliminavam o pai, pois se acreditava que as mães tinham uma relação mais próxima com os filhos e que a tarefa de criar e conduzir a criança, ao longo de seu desenvolvimento, fosse papel exclusivo da mãe (Gryczkowski, Jordan, & Mercer, 2010). Ainda que algumas investigações apontem uma tendência ao maior envolvimento materno nos cuidados e nas interações com os filhos (Seabra & Moura, 2011; Alvarenga, Piccinini, Frizzo, Lopes, & Tudge, 2009), a repercussão do envolvimento paterno sobre diferentes aspectos do desenvolvimento infantil é irrefutável (Dette-Hagenmeyer, Erzinger, & Reichle, 2014; Vieira, Crepaldi, Bossardi, Gomes, Bolze, & Piccinini, 2013).

Os estudos que pesquisam a paternidade indicam que quanto maior é o envolvimento do pai na criação dos filhos, há melhores resultados desenvolvimentais no que diz respeito ao bem-estar socioemocional, habilidades sociais (Adamsons & Johnson, 2013; Cia & Barham, 2009) e desempenho acadêmico (Flouri & Buchanan, 2004; Jeynes, 2014) e, também, redução de problemas de comportamento (Meece & Robinson, 2014; Cia & Barham, 2009). No contexto brasileiro, foi a partir do ano 2000 que as investigações sobre a paternidade e interações pai-criança intensificaram-se, e os resultados desses trabalhos reafirmam as tendências apontadas pela literatura internacional (Vieira et al., 2013), todavia, um dos principais desafios enfrentados pelos pesquisadores brasileiros tem sido a escassez de instrumentos de avaliação (Alvarenga, Gomes, Freitas, & Bolsoni-Silva, 2016).

No decorrer das quatro últimas décadas, com o papel mais ativo do pai na criação dos filhos, houve uma tendência e uma preocupação, entre os pesquisadores da área da psicologia do desenvolvimento, em investigar o papel do pai. Os autores Turcotte e Gaudet (2009) realizaram uma análise das formas e nomenclaturas utilizadas nos estudos sobre o pai e, dentre as definições que têm emergido, destacam-se a da paternidade responsável, a do investimento, a do engajamento e a do envolvimento paterno. Neste estudo será utilizado o termo envolvimento paterno.

O termo engajamento geralmente é utilizado como sinônimo de envolvimento. O termo envolvimento é o mais encontrado em pesquisas internacionais e nacionais, como nos estudos de Silva e Piccinini (2007), Lamb (1997) e Pleck (1997), entre outros. Segundo Dubeau et al. (2009), o engajamento parental se refere à participação e à preocupação contínua dos pais biológicos ou substitutos, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. A ideia de investimento, em contrapartida, está mais associada à biologia evolucionária e compreende as atividades nas quais o pai se engaja para contribuir com a sobrevivência da espécie e garantir seu sucesso reprodutivo (Hewlett, 2000), podendo se dar de forma direta (cuidados básicos) ou indireta (sustento financeiro da família) (Bossardi, 2011).

O envolvimento paterno tem sido conceituado por pesquisadores como Paquette (2014), Dubeau et al. (2009), Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeau e Bouchard (2000), e a definição reconhecida pelo maior número desses estudiosos em seus estudos sobre a paternidade é a de Lamb Pleck, Charnov, & Levine (1985), a qual sugere três dimensões para este conceito: interação, acessibilidade e responsabilidade (Lamb, 2000; Lamb et al., 1985; Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987).

Interação e/ou Envolvimento: refere-se ao tempo em que o pai estabelece interação direta com a criança, a qual pode se dar ajudando-a nas tarefas escolares, alimentando-a ou brincando de pegar no jardim. Cabe ressaltar que esse conceito não se refere ao tempo gasto com tarefas domésticas relacionadas à criança ou quando o pai está em um lugar da casa, e a criança brincando em outro.

Acessibilidade: é uma segunda categoria composta por atividades caracterizadas por graus de interação menos intensos. Nesse sentido, diz respeito à presença e disponibilidade do pai para com a criança, sem levar em conta o tipo de interação entre ambos, por exemplo, quando o pai está em um cômodo da casa e a criança brinca em outro.

Responsabilidade: refere-se às atitudes que o pai deve tomar para atender às necessidades da criança e assegurar o seu bem-estar. Está

relacionada à participação do pai em tarefas como a escolha do pediatra e agendamento de consultas, contratação de babás, seleção de ambientes de cuidado à criança, combinações de cuidados após a escola, conversas com professores e monitoramento da criança, em diferentes locais e atividades (Silva & Piccinini, 2007; Cabrera et al., 2000; Lamb et al., 1987; Lamb et al., 1985). Logo, trata-se de um conceito multidimensional, pois abarca o envolvimento paterno em diferentes esferas de atividades do pai (Dubeau et al., 2009).

De acordo com Dubeau et al. (2009), o envolvimento se manifesta de diferentes formas e se desenvolve considerando as seguintes características:

- Pai em interação: presença direta ou indireta do pai para com a criança.
- Pai que cuida: compartilha as tarefas cotidianas.
- Pai afetivo: expressa gestos e palavras que tranquilizam e encorajam.
- Pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento da criança.
- Pai provedor: promove apoio financeiro para as necessidades da criança.
- Pai evocativo: pensa na criança. (Dubeau et al., 2009, p.75, tradução livre).

A paternidade responsável ou o pai emergente implica em o pai exercer o seu papel no sentido de ser presente na vida da criança, dividir o suporte econômico e ser pessoalmente envolvido em colaboração com a mãe (Borisenko, 2007). Segundo Lewis e Dessen (1999), o pai tradicional é aquele que se dedica ao trabalho, se envolvendo pouco no cuidado com os filhos; o pai moderno participa mais no desenvolvimento dos filhos, enfatizando o papel sexual, desempenho acadêmico e o desenvolvimento moral destes; e, por último, no modelo de paternidade emergente ou o pai cogenitor é aquele que se engaja ativamente em várias esferas de cuidado e educação das crianças, além da participação efetiva nas atividades domésticas, compartilhando de forma mais igualitária as tarefas de cuidados dos filhos (Vieira et al., 2014; Pleck & Pleck, 1997).

O modelo que vem se fortalecendo é de um pai participativo e envolvido com a família e com o filho. Isso define uma diversificação das funções paternas que agora inclui o vínculo com a criança e a responsividade no cuidado parental, mas não se iguala às tarefas e ao papel desempenhado pela mãe (Bandeira, Goetz, Vieira, & Pontes, 2005; Fleck & Wagner, 2003). O pai possibilita um tipo de cuidado e interação distintos do materno e atua de forma significativa para a socialização da

criança e para seu desenvolvimento (Paquette & Dumont, 2013a; Bandeira et al., 2005).

3.6 Impacto do Pai no Desenvolvimento Infantil

A participação do pai gera impacto no desenvolvimento da criança de diversas formas. Ele pode colaborar com o sustento econômico e suporte emocional à mãe, desde a época da gestação, auxiliando o desenvolvimento do apego materno à criança, pois segundo Prado e Vieira (2003), a aceitação do filho pelo companheiro é um fator significativo para este processo. Os pais podem, também, influenciar a qualidade da dinâmica familiar, ao se envolverem nas atividades domésticas, aliviando as tarefas da mãe. E por fim, os pais influenciam os filhos ao interagirem diretamente com eles, por meio de cuidados, do ensino e do brincar (Lamb, 1997).

Em uma pesquisa nas bases de dados Medline, CINAHC e PsycINFO, entre os anos de 1983 a 2003, Magill-Evans, Harrison, Rempel e Slater (2006) realizaram uma revisão sobre intervenções com pais de crianças e apontaram que a interação pai-bebê, assim como as intervenções com as mães, pode promover efeitos positivos para o desenvolvimento das crianças (Bossardi & Vieira, 2010). Os autores acima citados chegaram à conclusão de que, apesar das pesquisas recentes indicarem que o pai também contribui para o desenvolvimento da criança, há uma escassez de estudos que focalizem os tipos de intervenções direcionadas ao pai que possam estimular e desenvolver responsividade paterna e interação pai-criança de qualidade. Problemas no desenvolvimento, emocionais e cognitivos, abuso de drogas, transtornos de conduta, gravidez na adolescência, entre outros, têm sido relacionados com a ausência da figura paterna durante a infância (Falceto, Fernandes, Baratojo, & Giugliani, 2008).

Nesse sentido, diversos estudos têm mostrado a importância do envolvimento do pai em vários aspectos da vida da criança. Kaplan (1996) demonstrou que quando o pai está engajado no cuidado de seus filhos, estes apresentam melhor desenvolvimento cognitivo. Os estudos de Cia, D’Affonseca e Barham (2004) e Cia, Pamplin e Williams (2008) encontraram que quanto mais houver comunicação e participação de ambos os pais nas tarefas escolares, culturais e de lazer das crianças, mais haverá uma tendência de elas apresentarem um melhor desempenho acadêmico. Outros pesquisadores se encarregaram de verificar o aspecto emocional e constataram que o pai é figura de destaque para o desenvolvimento psicoafetivo dos filhos, pois é a referência na

constituição da personalidade dos filhos, sendo o primeiro veículo da autoridade social para a criança (Baruffi, 2000).

Há uma diferença qualitativa no modo como pai e mãe interagem com seus filhos, e essa diferença pode se complementar e proporcionar melhoras nos níveis de desenvolvimento infantil (Vieira et al., 2017; Crepaldi et al., 2006). Além disso, Paquette (2014) salienta que o pai é mais do que um simples coadjuvante dessa relação. Para o autor, pai e mãe implicam-se de formas diferentes no desenvolvimento e criação dos filhos. Para ele, pai e mãe atuam de seu modo, sendo que as mães tendem a ser mais compreensivas e afetuosas, enquanto os pais obtêm a obediência das crianças, mais facilmente, através da sua autoridade persuasiva, exercendo assim o controle.

Paquette (2012) também explica que tanto a figura materna como a paterna asseguram a proteção e a segurança da criança, mas com um equilíbrio diferente. A mãe geralmente acalma a criança, quando ela está agitada e aflita, ao passo que o pai tende a colocar a criança em situações nas quais ela é obrigada a confrontar o ambiente circundante, fornecendo, ao mesmo tempo, proteção e impondo limites.

Conforme Paquette & Bigras (2010), o pai possui um papel específico na socialização dos filhos e controle de sua agressividade. Segundo o autor, isso pode ocorrer pelo fato de que o pai costuma brincar de “lutinha” e realizar outras brincadeiras físicas com a criança, estimulando-a, surpreendendo-a e desestabilizando-a, possibilitando que a mesma tenha de lidar com seus impulsos agressivos e regule suas emoções, favorecendo o desenvolvimento motor, social e emocional. O pai contribui, dessa forma, para o equilíbrio e ajustamento social da criança, assertividade e graduação da raiva nas relações sociais com pares (Lamb, 1997).

Nessa perspectiva, Paquette (2012) enfatiza que o papel do pai é tão importante quanto o da mãe no desenvolvimento infantil, sendo que cada um funcionaria em extremos distintos. O primeiro polo, caracterizado pela relação de apego exercida pela mãe (o conforto), garantiria a proximidade física para permitir que o pai respondesse às necessidades básicas da criança. Já o segundo polo, exercido pelo pai (ativação), possibilitaria a autodescoberta das próprias capacidades da criança, ambos facilitando a exploração do ambiente e permitindo o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e de confiança no pai. Entretanto, é importante destacar que a parentalidade é um fenômeno complexo e dinâmico, no qual diferentes variáveis podem influenciar, como, por exemplo, a personalidade dos pais, contexto familiar, entre outros (Silva, 2017).

Do mesmo modo, Lamb (1997) confirma essas colocações, afirmando que o contato entre pai e criança acontece em maior escala física e aumenta com a idade. Paquette (2004a) relata ainda que as interações pai-criança ocorrem primariamente por meio da brincadeira, mais especificamente a turbulenta, como jogos de lutinha, por exemplo, encorajando a obediência e o desenvolvimento de competências competitivas nas crianças.

Conforme Paquette (2012), a respeito da complementaridade dos papéis materno e paterno, o autor afirma que esses podem variar de acordo com a cultura. Ressalta-se que é provável que o pai execute algumas atividades de maneiras diferentes se comparadas à mãe, como por exemplo, limpar a casa, cozinhar, lavar e passar, mas o importante é que essas práticas e interações realizadas pelo pai sejam valorizadas e estimuladas (Bueno, Bossardi, & Vieira, 2015).

Estudos realizados com famílias na região Sul do Brasil indicam que pai e mãe preocupam-se e engajam-se em atividades de suporte emocional, cuidados básicos, disciplina e de jogos físicos com as crianças (Backes, Becker, Vieira, & Crepaldi 2018; Backes, 2015; Bossardi, 2011; Wagner et al., 2005). Da mesma forma, o pai vem alterando seu modo de se envolver com os filhos, participando mais de atividades de suporte emocional e não somente se responsabilizando pelo sustento financeiro ou por disciplinar os filhos, tarefas essas tidas como uma função paterna mais tradicional (Bueno, 2018; Bossardi, Gomes, Vieira, & Crepaldi, 2013).

Segundo Paquette (2013a), os pais auxiliam os filhos no controle da agressividade, ensinando-os a expressá-la de um modo socializado e com limites. Como ilustração desse processo, tem-se o “jogo de lutinha” (Rough and Tumble Play), que propicia a diminuição da agressão física em grande parte das crianças maiores de dois anos. Mais do que as mães, os pais também parecem permitir aos filhos que resolvam os problemas por si mesmos, tornando-os capazes de lidar com imprevistos. Dentre os dispositivos para a concretização deste fato estão as brincadeiras desestabilizadoras, criativas e originais (Paquette et al., 2009; Labrell, 1996).

De acordo com Dubeau et al. (2009), as crianças pré-escolares mostram-se mais abertas e disponíveis para se relacionar com seus pares, se o pai é ao mesmo tempo engajado e se o envolvimento é diferente daquele da mãe. Portanto, a diversidade de interações experienciadas, pelo pai e pela mãe, traz benefícios à criança, pois possibilita oportunidades de aprendizagem. A mãe desempenha um importante papel

no envolvimento paterno, pois pode encorajar e incentivar o pai a sentir-se seguro para participar dos cuidados do filho (Bossardi, 2015).

O relacionamento com a mãe da criança, as características da criança como gênero, idade e temperamento podem fazer variar o nível de envolvimento (Schmitz, 2018). O estudo de Backes et al. (2018) também confirmou tais achados e ainda identificou os fatores que interferem no envolvimento paterno de pais (homens) de crianças entre 4 e 6 anos, por meio de entrevista com 20 pais. As entrevistas mostraram que os principais elementos que influenciam o envolvimento dos participantes com seus filhos são o modelo de paternidade que eles tiveram de seus próprios pais, além das relações que estabelecem com a mãe da criança, as características pessoais de personalidade deles e dos filhos e, ainda, a rede de apoio que possuem (Backes et al., 2018).

A respeito do exposto, é relevante ressaltar que eventualmente, quando a criança não tem a oportunidade de crescer ou conviver com seu pai (biológico ou não) por diferentes motivos (morte, separação, entre outros), não significa que a criança tenha crescido sem a figura paterna, e, portanto, que existirão dificuldades ou consequências negativas para o desenvolvimento. É comum que nessas situações, em que a criança cresce sem o pai, haja outra pessoa que assuma essa função ou que a criança a tenha como referência de pai ou como modelo masculino (Bueno et al., 2015). Também, deve-se considerar o contexto socioemocional e outros fatores que podem influenciar os impactos no desenvolvimento da criança, como o envolvimento da mãe, as relações familiares e demais condições socioeconômicas referentes ao saneamento básico, a condições de alimentação, lazer, vestimenta e acesso à escola (Bueno et al., 2015).

Um estudo de revisão sistemática, realizado por Vieira et al. (2014), que se propôs a investigar publicações sobre a paternidade no Brasil entre os anos de 2000 a 2012, verificou que de 100 obras examinadas em sua completude, 15% se referiam ao desenvolvimento infantil. Portanto, o reconhecimento das particularidades da contribuição do pai para o desenvolvimento infantil acarreta uma despolarização do modelo materno caracterizado pelo afeto, sensibilidade, comunicação, para a inserção de atributos mais associados ao sexo masculino, como os relacionados à ação e à busca da autonomia (Bueno et al., 2015).

3.7 Fatores que Influenciam o Envolvimento Paterno

O envolvimento paterno se desenvolve dentro de um contexto social, cultural e familiar, sendo influenciado por determinantes que podem facilitar ou dificultar sua ocorrência. A partir de uma perspectiva

bioecológica, pode-se dizer que há três diferentes domínios que influenciam no envolvimento paterno: as características pessoais do pai, do contexto familiar e do ambiente social (Paquette, 2012).

Apesar de existirem controvérsias, resultados da literatura indicam que os homens que tiveram uma relação e imagem mais positiva de seus pais na infância estão mais propensos a participar ativamente no cuidado e na relação emocional com a criança (Turcotte & Gaudet, 2009; Cabrera et al., 2000). Isso indica a importância e influência das relações intergeracionais na transição para a parentalidade e na forma de exercer a paternidade (Toneli et al., 2006).

Turcotte e Gaudet (2009) referem que dentre as características do pai, o nível de envolvimento é, pelo menos em parte, o resultado da relação do pai com modelos adquiridos na infância. As atitudes e crenças sobre os papéis de gênero são características que podem influenciar nas condutas e responsabilidades assumidas pelos pais, de acordo com sua concepção do que cabe ao pai ou à mãe. Existem, também, algumas indicações de que o sentimento de competência parental é um determinante importante na motivação dos homens de investir mais na relação com a criança.

Pesquisadores chegaram à conclusão de que quanto mais rígidos forem os papéis tradicionais, maior a probabilidade de haver dificuldades no relacionamento conjugal, enquanto os parceiros que vivenciam um relacionamento mais igualitário estão mais satisfeitos (Bolze, 2011; Braz, Dessen, & Silva, 2005; Gottman, 1998). Assim, pais que são mais flexíveis em relação às atribuições masculinas e femininas têm influência positiva sobre as várias dimensões do envolvimento paterno e, especialmente, sobre a participação nos cuidados da criança (Turcotte & Gaudet, 2009).

A qualidade do relacionamento conjugal é vista como importante preditor de envolvimento paterno, pois a relação do filho com o pai pode ser prejudicada, se houver relação conjugal conflituosa. O conflito conjugal pode estar relacionado às inúmeras mudanças e negociações que a chegada de um filho exige do casal (Winterheld, 2017; Khalifian & Barry, 2016; Nisenbaum & Lopez, 2015; Paquette et al., 2000). Segundo revisão de literatura realizada nas bases de dados brasileiras (Bolze, 2016), apenas um dos treze estudos analisados refletia sobre estratégias de enfrentamento das situações do cotidiano conjugal (Garcia & Tassara, 2001). Outros autores também ressaltam essa relação entre envolvimento paterno e relacionamento conjugal e verificam que o pai se envolve menos, quando há uma relação conjugal conflituosa (Cabrera & Bradley, 2012; Bossardi 2011; Schober, 2012; Falceto, Fernandes, Baratojo, &

Giugliani, 2008; Simões, Isabel, & Maroco, 2010; Wagner et al., 2005; Pleck, 1997). Desse modo, o seu envolvimento com o filho pode ser usado como uma resposta para seu conflito conjugal (Gabriel, 2012).

Outro fator relevante do envolvimento paterno e suas dimensões também é determinado pelo contexto familiar, em especial, no que se refere às características das mães, da criança e da relação conjugal. Nesse sentido, é importante considerar as crenças e percepções das mães no que diz respeito à função paterna com comportamentos que promovem ou impedem uma maior participação dos pais.

A revisão de estudos feita por Turcotte e Gaudet (2009) mostra que o pai tem mais chance de participar nos cuidados da criança e envolver-se em atividades de lazer com ela se ele sente que tem as habilidades necessárias para fazer isso. Por isso, o sentido de competência paterna é enfatizado pelas autoras, a qual se dá justamente quando o pai tem a oportunidade de interagir com o filho e, através de experiências bem-sucedidas, adquire confiança em suas habilidades enquanto pai. Referente ao contexto/ambiente social em que o pai está inserido, pode-se afirmar que as variáveis sociodemográficas como a idade do pai e o nível socioeconômico e seu trabalho também exercem influência no envolvimento paterno (Cabrera & Bradley, 2012; Pleck, 1997).

O ambiente social se refere às influências das condições de vida das famílias: o local de trabalho dos pais, serviços disponíveis na comunidade, os laços sociais, a cultura e as políticas públicas (Bolze, 2011). Sobre esse aspecto, ressalta-se que quanto maior o investimento de tempo e energia do pai em seu trabalho, menor será o envolvimento ativo na vida de seus filhos (Bronfenbrenner, 1986). Uma consequência desse fato é que pais desempregados se envolvem mais nos cuidados com a criança. Entretanto, pais que perdem empregos tendem a apresentar sintomas de ansiedade e sofrimento psíquico e, por conseguinte, tomam atitudes negativas com os filhos, tais como pouca demonstração de afeto e críticas constantes (Bolze, 2011; Turcotte & Gaudet, 2009).

Dessa forma, no que se refere ao ambiente de trabalho e relacionamento do pai com os colegas desse contexto (Lamb, 1997; Pleck, 1997; Lamb et al., 1985). Cia e Barham (2006) afirmam que as condições de trabalho podem diminuir a participação do pai na rotina familiar. Outros estudos mostram que o pai se engaja menos com os filhos quanto maior é sua jornada de trabalho (Gomes, 2011; Beltrame & Bottoli, 2010).

Silva e Piccinini (2007) também constataram que o tempo em que o pai está disponível para os filhos está fortemente ligado às exigências do trabalho dos pais, pois corresponde ao tempo em que os pais não estão trabalhando. Sendo assim, embora o trabalho possa reduzir o

envolvimento direto do pai com a criança, deve-se considerar a qualidade das interações entre pai-criança e que o envolvimento se manifesta de forma indireta, por exemplo, o fato de o pai ser o provedor, proporcionando conforto e melhores condições de vida por meio de recursos materiais para a família e para a criança.

Sobre as características como idade e escolaridade, Souza e Benetti (2009) constataram que a idade do pai não interfere no envolvimento paterno, mas sua escolaridade sim, ou seja, quanto maior sua formação no ensino, mais participa nos cuidados de seus filhos. Bossardi (2011), por sua vez, constatou que o envolvimento paterno não apresentou relações com as variáveis sociodemográficas, mas verificou que os pais tendem a disciplinar mais os meninos.

Sendo assim, para abarcar a complexidade do estudo do envolvimento paterno no contexto contemporâneo, é preciso estar atento a diversos aspectos, a saber: 1) as características da paternidade: experiências e características do envolvimento paterno, ciclo vital da família (adolescência, adulto jovem, meia-idade); 2) os determinantes da paternidade, tais como: (a) características das crianças e variáveis sociodemográficas do pai; (b) Motivação: influência da história de vida, personalidade, características, crenças do pai; (c) Habilidades e confiança, competência no cuidado da criança, (d) Suporte social: relacionamento conjugal e vicissitudes do ciclo de vida familiar (divórcio, famílias reconstituídas, adoção); (e) Fatores institucionais, históricos, políticos e culturais: contextos da vivência em sociedade, padrões de emprego e 3) consequências da paternidade: para o pai e para o filho (Pleck, 1997). Neste sentido, Turcotte e Gaudet (2009) reconhecem que o nível de compromisso paterno resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai, dos filhos e do contexto familiar e social.

3.8 Envolvimento Paterno: Contribuições e Desdobramentos

Apesar de o pai estar mais envolvido nas atividades do cotidiano familiar em comparação à participação paterna de gerações anteriores, esse envolvimento ainda está ocorrendo em escala menor que o esperado ou desejado, e a mãe continua sendo a principal cuidadora das crianças (Vieira et al., 2017; Bueno et al., 2015; Balancho, 2012; Bossardi, 2011; Nunes & Vieira, 2009; Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Staudt & Wagner, 2008; Wall & Arnold, 2007; Fagan, 1997) e encarregada das tarefas domésticas (Bossardi, 2011; Staudt & Wagner, 2008; Balancho, 2004). Isso mostra que, mesmo que se verifique um

maior envolvimento do pai, o modelo tradicional ainda se faz presente no contexto familiar contemporâneo.

Alguns autores (Balancho, 2012; Andrade, Costa, & Rossetti-Ferreira, 2006; Bustamante & Trad, 2005) têm constatado que muitas vezes o pai tem sido visto como o ajudante da mãe. Isso pode acontecer em famílias em que existem mais pessoas para ajudar no cuidado dos filhos, e o pai não se faz tão necessário nesse aspecto, ressaltando-se seu papel de provedor (Bustamante & Trad, 2005). Com relação a isso, Balancho (2012) revela que quando se identifica um maior envolvimento do pai, o parâmetro de comparação costuma ser a mãe, ou seja, a referência é se ele é tão envolvido quanto a mãe.

Entretanto, dessa maneira, as especificidades e características que são peculiares ao homem e que os fazem diferentes das mulheres são deixadas de lado. Ademais, deve-se lembrar que o seu envolvimento recebe influência do ambiente externo, mas depende, principalmente, de seus desejos e motivações, portanto, o homem não deve ser considerado passivo diante de seu envolvimento com seu filho. Dessa forma, essa diferença entre o homem e a mulher deve ser considerada, pois interfere no envolvimento paterno.

Investigações recentes, realizadas em contexto brasileiro, desenvolvidas pelos laboratórios de pesquisa NEPeDI e do LABSFAC, os quais trabalham em parceria com a Equipe ProsPère no Canadá, têm sinalizado a ampliação da compreensão sobre as especificidades do envolvimento paterno e os diferentes aspectos a ele relacionados. Os conhecimentos resultantes dessas pesquisas permitiram um aprofundamento de questões relacionadas aos fatores que interferem no envolvimento paterno. Por meio de entrevista semiestruturada com 20 pais (somente o pai), Backes (2015) identificou, entre outros resultados, elementos que facilitam ou dificultam o envolvimento e participação do pai na vida das crianças, sendo eles: fatores ligados à mãe, fatores ligados ao próprio pai, fatores ligados à criança, rede social de apoio e o modelo que o pai teve do próprio pai.

Nesse sentido, a pesquisa de Gomes (2011) evidencia que os pais estão mais envolvidos com seus filhos e que quanto maior o envolvimento, menores são os índices de agressividade e problemas externalizantes por parte da criança. Os achados de Bossardi (2011) apontam que a satisfação do pai com o relacionamento conjugal interfere em seu envolvimento com o filho, ou seja, quanto mais satisfeitos com a conjugalidade mais se envolvem com os filhos. E, por último, a pesquisa de Bolze (2011) aponta que o engajamento paterno está ligado a comportamentos maternos.

O tema e estudos que permitem caracterizar o envolvimento paterno prescindem de avanços na literatura, principalmente no que se refere aos seus determinantes, além de investigar o tema a partir do depoimento do próprio pai. Por outro lado, em função do maior envolvimento paterno no contexto familiar relacionado aos cuidados com os filhos, a produção de conhecimento na área poderá permitir estratégias para promoção de saúde da família que possam ajudar os pais a exercer de forma mais efetiva o seu papel.

O conhecimento gerado por pesquisas ligadas ao envolvimento paterno poderá resultar em procedimentos e técnicas de auxílio ao pai, como por exemplo, atividades de sensibilização e de reflexão sobre a importância do pai no contexto familiar e nos cuidados aos filhos. Para isso, Dubeau et al. (2009) sugerem a necessidade de adotar uma visão multidimensional do envolvimento paterno em busca de uma análise mais aprofundada das diferenças que possam existir entre os pais, em diferentes contextos, mas também, entre as mães e pais sob diferentes formas de envolvimento.

Um possível desdobramento das pesquisas realizadas com o pai, no contexto contemporâneo, pode se concretizar para o planejamento de ações nos setores da saúde, educação e assistência social, com o objetivo de desenvolver programas de intervenção que priorizem questões relacionadas à paternidade. No âmbito da pesquisa, sugerem-se estudos que explorem a formulação e avaliação de programas de intervenção que valorizem a presença e as funções que o pai exerce, bem como acompanhamento longitudinal dos pais pesquisados, investigando semelhanças e diferenças no envolvimento paterno e estrutura familiar, ao longo do tempo (Backes, 2015). Diversas ferramentas podem ser utilizadas, principalmente enfocando instrumentos quantitativos, juntamente às pesquisas qualitativas específicas com o pai.

3.9 Teoria da Relação de Ativação: Definição e Aspectos Relacionados

A Teoria da Relação de Ativação (Activation Relationship Theory) foi proposta pelo pesquisador canadense Paquette (2004b) e sugere que o pai atua como figura de apego para estimular as crianças a explorarem o ambiente, ressaltando duas dimensões do envolvimento paterno para compreender a natureza da relação pai-filho: a estimulação (stimulation) e a disciplina (discipline).

A estimulação diz respeito aos comportamentos do pai em interação com a criança que incentivam a mesma a tomar decisões, ter

autonomia, assumir riscos, explorar o ambiente, ter curiosidade, autoconfiança e ativação (StGeorge, Fletcher, Freeman, Paquette, & Dumont, 2015; Paquette, 2014; Paquette & Dumont, 2013a; Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010). Por meio da estimulação à exploração, a criança tem sua curiosidade despertada, fazendo com que vá além do seu ambiente imediato e estabeleça novas relações através da socialização. Dessa forma a criança vivencia o risco de encarar o desconhecido e de se adaptar às novas situações físicas e sociais (Ainsworth, 1972; Bowlby, 1982/1969).

O conceito de disciplina está relacionado às atividades de proteção, punição e limites colocados pelo pai ao filho (Zaouche-Gaudron & Le Camus, 1996). A disciplina proporciona à criança referências e limites estabelecidos pela educação, através da qual, a necessidade de estimulação da criança se desenvolve e se concretiza. Trata-se de fixar balizas, colocar limites e regras precisas, bem como fornecer proteção à criança. Assim, o ambiente conforta e protege a criança, de modo que ela pode explorar e assumir riscos dentro dos limites permitidos e com segurança (Paquette, 2004d).

A Teoria da Relação de Ativação, nova teoria sobre o vínculo afetivo pai-criança, pode ser entendida como uma teoria complementar à Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby (Paquette, 2012), pois acrescenta a esta última o papel das figuras de apego durante a exploração da criança (Paquette et al., 2000). O pesquisador Paquette (2004b) utiliza o termo ativação em vez de apego, pois o termo apego geralmente é relacionado com a ideia de proximidade mãe-criança e da satisfação das necessidades básicas da criança.

Dessa forma, o autor julgou adequado denominar de relação de ativação essa relação entre pai e filho, pois a nomenclatura ativação também está ligada a um dispositivo regulador de emoções que são acionadas pelo contato com situações novas. Portanto, o termo “ativação” e “apego” são dois fenômenos semelhantes, mas distintos e não substituem um ao outro. Para uma melhor compreensão da teoria, vale esclarecer as diferenças entre os termos vínculo afetivo e apego. Entende-se por vínculo afetivo o laço relativamente duradouro com alguém e apego como uma propensão a buscar proximidade com uma figura específica (Ribas & Moura, 2004; Bowlby, 1984).

Destaca-se que a Teoria da Relação de Ativação é específica da relação pai-criança e está mais relacionada ao vínculo afetivo e à exploração, e a Teoria do Apego corresponde ao apego propriamente dito e pode ser mais associado, em certas situações, à relação mãe-criança. Os comportamentos de apego são, portanto, complementares aos

comportamentos exploratórios, pois permitem que a criança conheça o mundo em circunstâncias mais seguras (Gomes & Melchiori, 2012).

Segundo Paquette e Dumont (2013a), a relação de vínculo afetivo pai-criança ocorre na maior parte das vezes, por meio dos jogos físicos. Jogos físicos são um tipo de brincadeira que envolve diferentes formas de contato físico entre o pai e a criança, como por exemplo: jogar a criança para o alto, brincar de cavalinho na perna do pai, fazer cócegas, brincar de lutinha, entre outros (Paquette, 2004c). A brincadeira turbulenta (do inglês “Rough-and-Tumble Play”) é uma forma de jogo físico praticada com frequência entre pais e crianças. São comportamentos intensos como lutar, pular, cair e correr, os quais parecem agressivos fora do contexto do jogo (Flanders Leo, Paquette, Pihl, & Séguin, 2012; Flanders, Simard, Paquette, Parent, Vitaro, Pihl, & Séguin 2010).

O autor Paquette (2004d) defende que a inclusão de novidades desestabilizadoras no espaço da brincadeira motiva a criança a ultrapassar certos limites emocionais e cognitivos e a se adaptar. Ela aprende, através dessas experiências, a enfrentar desafios e a tomar iniciativas em situações inusitadas, assumir riscos para estar mais adaptada na presença de estranhos (Kromelow, Harding, & Touris, 1990).

A Teoria da Relação de Ativação diz que quando os pais estimulam as crianças a interagirem com os demais no processo de socialização, o que é denominado de *abertura ao mundo* (estimulação), enquanto estabelecem os limites apropriados para sua segurança (disciplina), eles desenvolvem o vínculo afetivo indispensável para promover o sentido de segurança e autoconfiança das crianças. A abertura ao mundo refere-se aos comportamentos do pai que se destinam a incentivar a criança a se tornar mais autônoma para explorar o ambiente (Paquette, 2004a).

A Teoria da Relação de Ativação preconiza que essas oportunidades auxiliem as crianças a controlarem sua excitação de uma forma socialmente aceita e a se tornarem mais socialmente competentes. A tendência do pai em estimular, provocar e desestabilizar a criança permite que a mesma reaja às muitas contingências de um ambiente em mudança por estabelecer uma relação de confiança, durante a exploração. Entretanto, o incentivo à novidade deve responder aos limites de proteção à criança, destacando-se, assim, a importância da disciplina. De acordo com a Teoria da Relação de Ativação, espera-se que essas oportunidades ajudem as crianças a regularem sua inquietação de uma forma socialmente aceita e a se tornarem mais competentes socialmente (Paquette, 2005, 2004a, 2004c, 2004d).

Os estudos sobre a relação de ativação são destacados em produções dos próprios fundadores da teoria e sua equipe (Gaumon & Paquette, 2013; Paquette & Dumont, 2013a, 2013b, Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010; Paquette et al., 2009; Paquette, 2004a, 2004b, 2004c), por outros pesquisadores canadenses (Bureau, Yurkowski, Schmiedel, Martin, Moss, & Pallanca, 2014), americanos (Stevenson & Crnic, 2013) e por pesquisadores brasileiros (Paraventi et al., 2017; Backes, 2015). Cabe ressaltar que a maioria dos estudos é quantitativa.

Por outro lado, Brussoni e Olsen (2011) realizaram uma pesquisa qualitativa, no Canadá, a qual utiliza como base a Teoria da Relação de Ativação. Esse estudo teve como objetivo compreender as atitudes dos pais em relação ao nível de risco que estão propensos a expor seus filhos e o nível de proteção que eles acham ser indispensável conceder à criança. Foram aplicadas entrevistas com roteiro semiestruturado em 32 pais de crianças com idade entre 2 e 7 anos. Os resultados mostraram que os pais pensam que um elemento central de seu papel de pai é ajudar seus filhos a explorarem ativamente o mundo por meio de jogos físicos. Estes pais relataram um esforço em manter um equilíbrio entre dar proteção para a criança e, ao mesmo tempo, expô-la a riscos e novas experiências, valorizando a exploração desde que realizada e provendo a segurança da criança.

A partir dos resultados dessa pesquisa, os autores formularam um modelo teórico (Figura 1) que explicita quatro padrões de resposta na tomada de decisão para conseguir um equilíbrio entre estimulação ao risco e proteção: (a) o pai está “aventureiro preparado” (“prepared adventurer”) quando a estimulação e a proteção são elevadas; (b) o pai está “superprotetor” quando a proteção é elevada e a estimulação ao risco é baixa; (c) o pai está “inconsistente” (apresentando respostas contraditórias) quando a estimulação ao risco é elevada, mas a proteção é baixa; e por fim, (d) o pai está “pouco envolvido” quando a estimulação ao risco e a proteção são baixas (Bueno, 2018; Brussoni & Olsen, 2011). A grande parte dos pais retratou um padrão de respostas de ativação, ou seja, “aventureiro preparado” segundo a tradução literal do modelo teórico elaborado (Bueno, 2018; Brussoni & Olsen, 2011). Nesse mesmo modelo, os autores fazem a correspondência dos padrões de resposta dos pais com os padrões de ativação das crianças, o que pode ser visualizado na Figura 1.

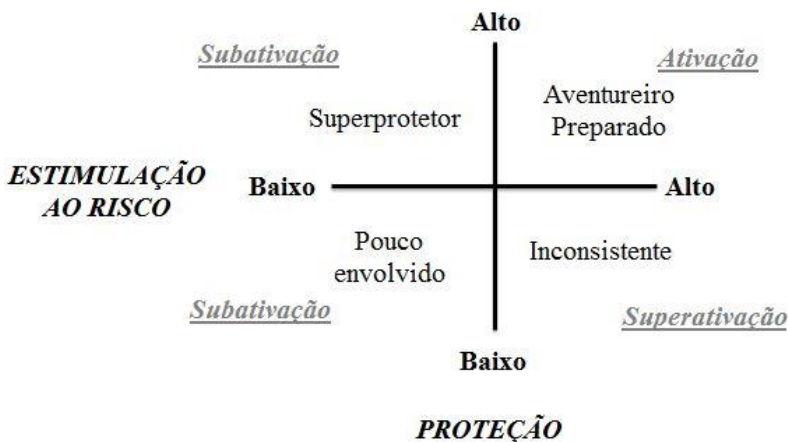


Figura 1

Modelo teórico da busca pelo equilíbrio entre estimulação ao risco e proteção, com as hipóteses dos tipos de ativação, conforme os padrões de resposta do modelo adaptado Bueno, 2018, p. 43 e Brussoni & Olsen, 2011, p. 495.

A relação de ativação pode ser investigada das seguintes formas: questionário de abertura ao mundo (QOM), observação da situação de risco, roteiro de entrevista elaborado por Brussoni e Olsen (2011) e observação da interação pai-criança no ambiente doméstico apresentada no estudo de Stevenson e Crnic (2013). A dimensão de estimulação ao risco é a principal para caracterizar a relação de ativação. Ela pode ser obtida por meio do questionário de abertura ao mundo (respondido pelo pai e que possui três dimensões: estimulação ao risco, estimulação à perseverança e disciplina) ou por um procedimento observacional chamado de situação de risco (Risky Situation), o qual será explicado a seguir.

3.10 Relação de Ativação: Situação de Risco (Risky Situation)

Paquette e Bigras (2010) criaram, em 2005, um procedimento observacional denominado Risky Situation (RS – Situação de Risco), com o intuito de avaliar o desenvolvimento socioemocional das crianças. A observação da situação de risco pode ser realizada com crianças entre 12 e 18 meses e, também pré-escolares. Trata-se de um experimento filmado com câmeras escondidas, requer pesquisadores treinados para participar e observar a situação. É uma observação da interação pai-criança e

criança-ambiente, a qual é dividida em seis etapas de três minutos cada, com duração total de vinte minutos.

As instruções são dadas ao pai, no primeiro episódio, a criança se senta no chão em frente aos brinquedos, enquanto o pai lê uma revista em uma cadeira atrás da criança. Na segunda etapa, uma pessoa do sexo masculino, a qual é desconhecida pela criança (pessoa estranha), entra na sala, senta-se no chão e começa a brincar com os brinquedos sem interagir com a criança ou com o pai. No terceiro momento, depois de três minutos (ou antes), se a criança iniciar a interação, a pessoa estranha começa a brincar com a criança e se torna cada vez mais intrusivo, entrando em contato físico com ela, utilizando objetos que emitem barulho (chocalho) e fantoche com dentes.

O quarto acontecimento é quando os brinquedos são colocados em uma escada colorida que estava escondida atrás de um pano. No quinto evento, o pai é convidado a incentivar a criança a subir na escada, fornecendo certo suporte e cuidado. E, por último, no sexto episódio o pai é orientado a proibir a criança de subir a escada. Durante todo o processo, é permitido que o pai interaja com a criança, quando a disciplina é requisitada, quando precisa dar instruções para estimular a mesma ou quando esta necessita do conforto (Paquette & Bigras, 2010).

A partir do procedimento da Situação de Risco, as crianças são classificadas, de acordo com seus comportamentos, em: ativas, subativas e superativas. Essa classificação é feita por meio do preenchimento de um protocolo de observação, onde os comportamentos da criança são decodificados. As crianças ativas estabelecem interação positiva com o estranho, demonstrando sinais de hesitação ou medo, exploração dos degraus com certa preocupação e obediência aos limites de segurança definidos. No cotidiano, as crianças ativas costumam ser confiantes, autônomas, obedientes e prudentes na exploração do ambiente (Gaumon, Paquette, Cyr, Émond-Nakamura, & St-André, 2016; Gaumon & Paquette, 2013). Os autores Dumont e Paquette (2012) também constataram que crianças ativas possuem uma tendência a ser menos depressivas, menos ansiosas, menos isoladas de seus pares (amigos), menos dependentes e são seguras.

As crianças subativas interagem menos positivamente com o estranho, demonstrando mais medo e hesitação; na escada, irão explorar menos e serão cautelosas e obedientes. Na escada, exploraram menos e são cautelosas e obedientes aos seus pais. Os autores Gaumon & Paquette (2013) afirmam que as subativas podem, posteriormente, desenvolver problemas internalizantes (como ansiedade e depressão).

As superativadas são crianças altamente sociáveis com o estranho, não mostrando sinais de hesitação ou medo, mesmo quando o estranho começa a ser intrusivo, apresentam exploração perigosa da escada, mostrando sinais de imprudência e desobediência (Dumont & Paquette, 2012). Posteriormente, as crianças superativadas podem desenvolver problemas externalizantes, como problemas de conduta (Paquette & Dumont, 2013; Paquette & Bigras, 2010; Paquette et al., 2000).

Quando encorajadas a enfrentar desafios, as crianças desenvolvem confiança, em si mesmas e nos outros, abrindo-se para o mundo e tornam-se mais autônomas para explorar o ambiente. O estudo demonstrou também que crianças bem ativadas são menos depressivas, menos ansiosas, menos isoladas e menos dependentes, além de estarem associadas à boa competência social. Por outro lado, a qualidade da participação tem maior impacto sobre o desenvolvimento socioemocional das crianças do que a frequência (Paquette & Bigras, 2010). Também se verificou que baixos níveis de estimulação e disciplina e qualidades empobrecidas de ativação estão associados à baixa competência social.

Estudos com pais cuidadores, ou seja, que se responsabilizam pelo cuidado no lugar da mãe, mostram que os mesmos diferem dos pais considerados tradicionais, ou seja, que não são os responsáveis primários pelo cuidado, disponibilizando mais conforto e menos brincadeiras físicas (Dumont & Paquette, 2012). Pode-se constatar que a qualidade da participação do pai pode ter mais impacto sobre o desenvolvimento socioemocional das crianças que já estão ativadas e que o menor envolvimento é prejudicial, mas é melhor do que o não envolvimento. Em relação ao sexo são apontadas diferenças quando se trata da relação de ativação, pois os pais tendem a fazer mais brincadeiras que envolvam o contato físico e estimular os filhos do sexo masculino do que feminino (Dumont & Paquette, 2012).

Portanto, a Teoria da Relação de Ativação é específica sobre a relação pai-filho, contudo é recente e pouco investigada, o que reafirma a importância da exploração sobre o tema, uma vez que no Brasil não foram encontrados estudos a respeito. Este trabalho configura-se como relevante, pois busca reproduzir este procedimento observacional no contexto brasileiro com crianças entre 4 e 6 anos. Como sugestão para novas pesquisas neste âmbito, indica-se a realização de estudos com um maior número da amostra de pais e filhos, que compare e aprofunde os diferentes tipos de ativação, tipos de paternidade entre outras variáveis como sexo e também seria interessante realizar uma pesquisa longitudinal, repetindo o estudo com ambos os pais (Backes, 2015).

4 Método

4.1 Delineamento da Pesquisa

Esta pesquisa constituiu-se num estudo de abordagem quantitativa. Caracteriza-se como quantitativo por analisar estatisticamente a relação e a comparação entre variáveis (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013). Estas foram estudadas através de questionários que investigam o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo.

Quanto à temporalidade, trata-se de uma pesquisa do tipo transversal, pois os dados foram coletados em um único momento da vida dos participantes. Quanto aos objetivos, é do tipo exploratório, descritivo e correlacional, pois busca examinar o fenômeno, descrevê-lo e verificar a associação existente entre as variáveis (Dancey & Ready, 2006). Exploratório porque visa a examinar o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos, a qual é uma temática pouco referida na literatura especializada, com o objetivo de aumentar a familiarização com o tema de estudo. Descritivo porque busca descrever a relação entre o apego do pai, envolvimento paterno e a abertura ao mundo. Correlacional porque visa a verificar qual a associação existente entre as variáveis (Dancey & Ready, 2006).

4.2 Contextos

A coleta de dados aconteceu em três Estados do Sul do Brasil: Santa Catarina (126 famílias), Paraná (30 famílias) e Rio Grande do Sul (15 famílias). Essas cidades foram escolhidas por conveniência, dado que algumas pesquisadoras do macroprojeto eram oriundas desses Estados. As famílias foram acessadas inicialmente por meio do contato com Instituições de Educação Infantil, as quais atuam na educação de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos.

A amostragem denominada bola de neve também foi utilizada, por meio da qual as famílias que participaram da pesquisa indicaram outras famílias como possíveis participantes, formando-se uma rede de indicações (Gray, 2012), e também os próprios membros da equipe sugeriram possíveis participantes. Essa técnica foi a que teve maior eficácia no recrutamento dos mesmos. Trata-se de uma amostra intencional, pois só participaram da pesquisa as famílias que preencheram os requisitos de inclusão, aceitaram participar e tiveram disponibilidade para a coleta de dados (Gray, 2012).

4.3 Participantes

Participaram desta pesquisa 171 famílias biparentais heteroafetivas (ou seja, 171 pais/padrastos e 171 mães, uma vez que não se evidenciaram madrastas na amostra) de crianças de 4 a 6 anos. Os critérios de inclusão dessas famílias foram: (a) ter pelo menos um filho de 4 e 6 anos de idade (criança focal)⁷; (b) pais/padrastos e mães deveriam ter tido a criança focal após seus 18 anos de idade;⁸ (c) o casal deveria coabitar há, pelo menos, seis meses⁹; A escolha pela idade da criança se justifica por dois motivos: após os 3 anos de idade, embora ainda dependentes de cuidados, elas estão mais abertas para relacionamentos e menos dependentes das mães, o que possibilita ao pai maior aproximação, participação e interação (Lamb et al., 1985); e porque em função da sua dependência e imaturidade, a criança ainda necessita de cuidados de um adulto para garantir sua sobrevivência (Manfroi, Macarini, & Vieira, 2011). Adotou-se como critério de exclusão a criança que apresentasse algum tipo de deficiência, informada pela escola, esse critério de exclusão se justifica pelo fato de que a deficiência seria uma variável interveniente no estudo.

O número de 171 famílias participantes foi adequado para garantir as análises estatísticas previstas. A decisão por famílias biparentais heteroafetivas se deu pela razão de que essa configuração representa 42,3% das configurações familiares do Brasil, no ano de 2015, segundo o IBGE (2016). Cumpre destacar que este trabalho é um recorte do macroprojeto, cujo foco foram os dados dos 171 pais (somente o pai/padrastos).

⁷ O termo criança focal é utilizado para definir sobre qual dos(as) filhos(as) os pais responderam aos questionários. Caso houvesse mais de um(a) filho(a) na faixa etária de interesse da pesquisa, os pais foram instruídos a responder aos questionários sobre a criança que tinha desenvolvimento típico e cuja primeira letra do nome aparecesse primeiro na ordem alfabética.

⁸O critério da idade mínima de dezoito anos foi eleito por considerar o indivíduo legalmente responsável por suas ações. Outro fator é que a gravidez na adolescência apresenta características peculiares que não são o foco deste estudo.

⁹O tempo mínimo de coabitação foi eleito para que as relações familiares estivessem mais bem estabelecidas.

4.4 Instrumentos

4.4.1 Questionário sociodemográfico.

Desenvolvido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI/UFSC), investiga composição familiar, idades e número de pessoas que vivem na casa, escolaridade, profissão, renda e carga horária de trabalho dos pais, local e tipo de residência.

4.4.2 Escala de apego adulto (EAA).

Escala de Apego Adulto (EAA) ou também conhecida como EER (Escala de Estilo de Relacionamento) é uma tradução da *Collins and Read Adult Scale* (Collins & Read, 1990), por Bussab e Otta (2005) e classifica três estilos de apego adulto denominados de Proximidade (grau de conforto com a proximidade e intimidade), Confiança (grau de confiança na disponibilidade dos outros) e Ansiedade (grau de ansiedade e medo de ser abandonado ou de não ser amado). O fator Ansiedade é constituído somente por itens reversos e, portanto, quanto maior o escore nesse fator, menor será a ansiedade, indicando segurança em ser amado.

A escala é composta de 18 itens, cuja resposta é dada de acordo com a graduação de 1 (não tem nada a ver comigo) a 5 (tem tudo a ver comigo). Os itens procuram avaliar o tipo de vinculação que o indivíduo estabelece com outros parceiros na vida adulta, pedindo para avaliar o grau de semelhança entre o que a pessoa costuma sentir e cada uma das afirmações que lhe são apresentadas. A escala foi traduzida, adaptada e posteriormente avaliada por Moura, Oliva, Vieira, Macarini, Martins, Britto, Santos, Bussab, Ribeiro e Otta, (2006). Sua aplicabilidade foi testada em uma amostra de 103 adultos brasileiros. A análise fatorial revelou três dimensões subjacentes aos itens do EAA concordantes com as dimensões de Collins e Read. A consistência interna revelou coeficiente alfa de 0,84. Para cada um os fatores, os coeficientes alpha foram: fator 1 = 0,63; fator 2 = 0,73; fator 3 = 0,83.

Os criadores dessa escala, Collins e Read (1990), utilizaram estes três fatores para classificar o estilo de apego em três tipos: Seguro, Evitador e Ansioso. O tipo seguro seria aquele com menores valores nos três fatores da escala. O tipo evitador, aquele com valores altos em resistência à proximidade e desconfiança e baixos em ansiedade. E o tipo Ansioso seria caracterizado por valores altos em ansiedade e médios em resistência à proximidade e desconfiança.

A Escala de Estilo de Relacionamento ainda está em processo de validação¹⁰, apesar de ter sido utilizada em diversas pesquisas da área de apego, inclusive de orientação evolucionista (Ferreira, 2009; Lordelo, 2009; Silva, 2008). O instrumento foi somente adaptado e traduzido, sem a construção de mais itens voltados para a cultura brasileira; também não há estudos sobre sua validade de face (se as pessoas entendem o que está sendo perguntado) e validade de conteúdo dos itens (se os itens refletem o que se propõem a medir). Todavia, considerando ser este um estudo exploratório, a escala pode ser usada para fins de pesquisa.

4.4.3 Questionário de envolvimento paterno (QEP).

O Questionário de Envolvimento Paterno¹¹ foi elaborado pela equipe *ProsPère*. Esta equipe, sediada no Canadá, é formada por pesquisadores de diversas áreas que, há mais de 10 anos, dedicam-se ao estudo da paternidade. Instrumento construído e validado no Canadá com uma amostra de 468 famílias biparentais com, pelo menos, um filho entre 0 e 6 anos de idade. O *alfa de Cronbach* (α) variaram entre 0,72 e 0,86; a estabilidade temporal baseada na correlação teste-reteste variou de 0,50 a 0,77 (Paquette et al., 2000).

Originalmente ele é composto por 56 itens distribuídos em sete dimensões: Suporte Emocional (12 itens); Abertura ao Mundo (9 itens); Cuidados Básicos (9 itens); Jogos Físicos (7 itens); Evocações (6 itens); Disciplina (4 itens); Tarefas de Casa (9 itens). Esse instrumento utiliza duas escalas para avaliar com que frequência os pais realizam determinadas atividades com seus filhos. Para esta pesquisa, o QEP foi adaptado e alguns itens foram excluídos (3, 6, 8, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 38, 40, 41, 43, 44, 49, 51, 52, 54, 56). Esses itens pertencem às sete dimensões já explicitadas.

A escolha pela exclusão desses itens se deu pelo processo de validação e análise fatorial, restando apenas itens referentes às dimensões *suporte emocional* e *cuidados básicos diretos e indiretos*, únicas

¹⁰ Artigo sobre validação da EAA submetido para publicação: Collins and read revised Adult Attachment Scale (RAAS) validity evidences. Autores: Rachel Coêlho Ripardo Teixeira, José Henrique Benedetti Piccoli Ferreira, e Anna Beatriz Carnielli Howat-Rodrigues (2018). Submetido em: Revista Psico.

¹¹ Artigo sobre a validação do instrumento QEP aceito para publicação: Adaptação Transcultural e Evidências de Validade do Questionário de Engajamento Paterno – Autores: Bossardi, Souza, Gomes, Bolze, Schmidt, Vieira & Crepaldi (*in press*) (2018) revista: Psicologia: Teoria e Pesquisa.

dimensões não contempladas no outro instrumento detalhado a seguir, o questionário de abertura ao mundo (QOM).

Portanto, o QEP que será utilizado nesta pesquisa possui no total 26 itens. Uma versão adaptada para a população brasileira foi desenvolvida por meio de adaptação transcultural, e suas evidências psicométricas foram avaliadas a partir da análise fatorial conduzida com as respostas de 300 pais e mães brasileiros, após a realização do presente trabalho. A adaptação do QEP para o Brasil apresentou uma solução fatorial com 36 itens distribuídos em cinco dimensões, que explicaram 47,11% da variância dos dados (Bossardi, Souza, Gomes, Bolze, Schmidt, Vieira, & Crepaldi, 2018). Na sua forma adaptada para o contexto brasileiro, apresentou *alfa de Cronbach* (α) de 0,78 para a mãe e de 0,89 para o pai, evidenciando a sua confiabilidade (Bossardi, 2015). No que se refere à confiabilidade, tais índices são considerados adequados (Sampieri et al., 2013; Pasquali, 2010).

4.4.4 Questionário de abertura ao mundo (QOM).

Questionário sobre abertura ao mundo (QOM)¹² foi elaborado por Daniel Paquette, Marie-Noëlle Gagnon e Jean Ramda da Université de Montréal em colaboração com Zaouche Chantal Gaudron, da Universidade de Toulouse-Le Mirail (Paquette et al., 2009) e se refere à abertura ao mundo proporcionada pelo pai ao seu filho, durante a infância.

Contém originalmente 27 itens avaliados numa escala de frequência de seis pontos, variando de “nunca” a “muito frequentemente”. O QOM possui três dimensões - 1) Estimulação à perseverança (treze itens: 2, 5, 12, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27): encorajar a criança a cumprir tarefas difíceis, superar seus limites e perseverar diante de adversidades, introduzi-la nos esportes, convidá-la a explorar o ambiente e tomar a iniciativa do primeiro contato com uma criança desconhecida; 2) Punição (seis itens: 4, 7, 8, 11, 18, 25): punir ou repreender a criança se ela desobedece, não se esforça ou quebra algo; e 3) Estimulação a correr riscos (oito itens: 1, 3, 6, 9, 10, 13, 15, 20): encorajar a criança a se envolver em atividades arriscadas e dar bastante autonomia para ela explorar o ambiente.

Esse instrumento foi validado no Canadá com uma amostra de 266 pais de crianças de 2 a 5 anos. A análise fatorial mostrou que a solução com três fatores explicou 42% da variância, e a confiabilidade foi

¹² Este instrumento não consta nos anexos pois está passando pelo processo de validação atualmente.

mensurada por meio do *alfa de Cronbach* (α) das três dimensões com valores de 0,63 para Estímulo à perseverança, 0,76 para Punição, e 0,60 para Estímulo a assumir risco (Paquette et al., 2009).

Para este trabalho, esse instrumento foi validado (validação de constructo e de conteúdo) no Brasil com uma amostra de pais e mães de 171 crianças, cujo manuscrito encontra-se submetido para publicação¹³. Os valores de *alfa de Cronbach* (α) e do Ômega obtidos para cada dimensão foram, respectivamente, 0,74 e 0,74 para Estímulo à perseverança; 0,74 e 0,73 para Estímulo a assumir risco e 0,69 e 0,74 para Punição. Por meio da carga fatorial obtida, nove itens foram retirados do instrumento (e a distribuição dos itens por dimensão ficou da seguinte maneira: Estímulo à perseverança: 2, 14, 16, 19, 22, 24, 27; Estímulo a assumir risco: 1, 3, 6, 10, 13, 15; e Punição: 7, 8, 11, 18, 25).

4.5 Procedimentos

A coleta de dados foi organizada de acordo com as etapas demonstradas a seguir:

| Etapa | Procedimento |
|--------------|--|
| 1 | Preparação dos instrumentos e treinamento para aplicação dos mesmos. |
| 2 | Contato com as Instituições de Educação Infantil para apresentação do projeto e estabelecimento de parceria para realização do mesmo. (Autorização Institucional – Anexo 1) |
| 3 | Envio das cartas-convite aos pais das crianças entre 4 e 6 anos (Anexo 2) |
| 4 | Recolhimento das cartas-convite e contato telefônico com os pais, para verificar se esses se enquadram nos critérios da pesquisa e agendamento do encontro para coleta de dados. |
| 5 | Encontro para coleta de dados: conversa inicial para fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos 3); aplicação dos instrumentos (Anexo 4). |

Figura 2

Etapas do procedimento de coleta de dados

Todas as etapas resumidas acima serão detalhadas a seguir. Anteriormente à coleta de dados propriamente dita, alguns procedimentos foram organizados para preparar a realização da pesquisa.

¹³ Artigo sobre validação do QOM: em fase de escrita e produção.

4.5.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados.

O instrumento que avalia o envolvimento paterno (QEP), escrito originalmente em francês, já foi validado no Canadá e foi submetido à análise de dois juízes, bem como, passou pelo processo de avaliação semântica. Os juízes são especialistas na área e realizaram uma apreciação da pertinência dos conceitos e dimensões apreendidos pelo instrumento original na cultura-alvo da nova versão (equivalência conceitual).

Os juízes também avaliaram a adequação de cada item do instrumento original, em termos de sua capacidade para representar tais conceitos na população em que o instrumento seria utilizado (equivalência de itens). Após essa etapa, procedeu-se à avaliação da equivalência semântica entre a versão traduzida e a original. Para esse processo, o instrumento foi aplicado em um grupo de pessoas que avaliou se a tradução condizia com o contexto brasileiro, ou seja, como a forma como se fala na cultura na qual ele seria aplicado, conforme indicado por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002).

O Questionário sobre abertura ao mundo (QOM), para ser utilizado no presente trabalho, passou pelo processo de pré-validação, ou seja, tradução, retradução (*backtranslation*), análise de juízes e validação semântica. Quanto à aplicação dos questionários, foi realizado um treinamento para sua aplicação.

4.5.2 Procedimentos de seleção dos participantes.

Para a escolha dos participantes, o projeto foi apresentado e aprovado pelas Instituições de Educação Infantil (IEI), a qual assinou uma Declaração Institucional (Anexo 1), comprometendo-se a convidar as famílias e enviando-lhes uma Carta-Convite (Anexo 2).

De posse das cartas, a pesquisadora realizou uma triagem para verificar se os pais que concordaram em participar se enquadravam nos critérios de inclusão¹⁴.

Dessa forma, foi realizado um contato telefônico com os pais, no qual os pesquisadores os lembraram de terem preenchido a carta-convite, confirmaram o interesse na participação do projeto e prestaram maiores

¹⁴ Além das cartas-convite das instituições também foi utilizada a estratégia bola de neve (já mencionada anteriormente) formando uma rede de indicações. O contato com as famílias provenientes das Instituições de Educação Infantil e das indicações da bola de neve era feito seguindo os mesmos passos.

esclarecimentos. Os critérios de inclusão da amostra foram checados e, por fim, um encontro para a coleta de dados foi agendado. Nesse contato telefônico, a pesquisadora deixou seu telefone e e-mail, caso o participante precisasse entrar em contato antes do dia marcado, ou cancelar o encontro. Quando algum dos critérios não foi preenchido pelo pai, explicou-se o motivo da impossibilidade de inclusão do mesmo na pesquisa e agradeceu-se em nome do grupo de pesquisa.

Tomou-se o cuidado para que a disponibilidade de tempo dos pais, no dia da coleta, fosse garantida, pois se estimava que duraria aproximadamente 75 minutos. As coletas aconteceram em uma sala do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina ou na casa das famílias, conforme o que ficasse viável e mais confortável para os participantes.

4.5.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita.

A coleta era sempre realizada por uma dupla de pesquisadores, um aplicava os instrumentos com o pai e outro com a mãe em ambientes separados.¹⁵ No momento da coleta, a pesquisadora se apresentou, explicou os objetivos do projeto, esclareceu dúvidas e entregou ao participante o TCLE, lendo-o em voz alta e confirmando o interesse dele em participar. Os pais assinaram o termo, e a pesquisadora o colocou em um envelope, com a carta-convite, os quais foram lacrados na frente do participante. Outra via desse documento foi deixada com os pais, informando-lhe que nela se encontravam os números de telefones e e-mails, através dos quais, poderia resolver dúvidas ou obter outras informações. O envelope recebeu uma etiqueta com um código de identificação do participante.

Em seguida, os participantes receberam um caderno no qual estavam todos os instrumentos que deveriam ser respondidos. O caderno não continha o nome do respondente, mas o código de identificação do participante, para que a sua identidade fosse preservada no momento da digitação dos dados. Antes de iniciar, a pesquisadora colocou-se à disposição dos pais para esclarecer qualquer dúvida.

¹⁵ Como se tratava de um macroprojeto, os dados foram coletados com a mãe e com o pai, porém este estudo é um recorte que abordará apenas os dados relativos ao pai.

4.6 Procedimentos para a Análise de Dados

A seguir, na Tabela 1, os objetivos do trabalho, instrumentos utilizados e análise de dados adotada.

Tabela 1.

Correspondência entre objetivos, instrumentos/técnica e análise de dados

| Objetivos | Instrumentos /técnica | Análise de dados |
|--|---|---|
| 1 – Caracterizar o apego do pai de crianças entre 4 e 6 anos | EAA (Escala de Apego Adulto) | Análise de cluster – clusterização hierárquica |
| 2 – Caracterizar o envolvimento paterno do pai de crianças entre 4 e 6 anos | QEP (Questionário de Engajamento Paterno) | Análise descritiva (Média, Desvio-padrão, Mediana, Mínimo e Máximo) |
| 3 – Descrever a abertura ao mundo realizada pelo pai | QOM (Questionário de Abertura ao Mundo) | Análise descritiva (Média, Desvio-padrão, Mediana, Mínimo e Máximo) |
| 6 – Relacionar o apego do pai com o envolvimento paterno e abertura ao mundo | EAA, QEP e QOM | Análise de Cluster, Análise de Regressão Logística, Teste t |
| 7 – Relacionar os tipos de apego do pai com os tipos de perfis de abertura ao mundo realizados pelo pai | EAA, QOM | Análise de Cluster, Análise de Regressão Logística |
| 8 – Relacionar o apego adulto, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo com as variáveis sociodemográficas | EAA, QEP, QOM e Questionário Sociodemográfico | Análise de correlação (Correlação de Pearson) Análise de regressão logística |

Os resultados obtidos na pesquisa foram tabulados e submetidos a análises formais através do pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) - versão 18.0. A análise dos dados quantitativos foi realizada a partir de: estatística descritiva que visa a caracterizar uma única variável através de informações e valores de suas modalidades, com a exposição, por exemplo, da distribuição de frequências, médias e desvio-padrão, de acordo com a natureza dos dados (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006); e estatística inferencial, a qual visa a examinar o grau de relação entre variáveis envolvidas no estudo, através da análise de correlação (Fleith & Costa Junior, 2005). Desse modo, foram realizadas análises relacionais, variadas e multivariadas, as quais incluíram análise de correlações de Pearson, test t, análise de cluster e análise de regressão logística.

Trata-se de um estudo paramétrico, com distribuição normal dos dados. Para se realizarem os cálculos de correlação de Pearson, foi

necessária a parametrização de algumas escalas: No QOM, a dimensão “estímulo à perseverança” foi parametrizada de acordo com cálculo¹⁶ de logaritmo de base 10 ($1 - \text{LOG}_{10}(7 - x)$). As dimensões *punição* e *estímulo ao risco* foram paramétricas, isto é, sem a necessidade de cálculo para parametrização.

No QEP, a dimensão de *cuidados básicos* foi parametrizada por meio do cálculo: $1 - \text{LOG}(7, 27 - x)$. A dimensão *suporte emocional* também foi parametrizada pelo cálculo: $1 - \text{LOG}_{10}(7 - x)$. O QEP Geral foi paramétrico sem precisar ser parametrizado. O *alfa de Cronbach* do QEP para as dimensões foram: Suporte emocional $\alpha = 0,90$ e Cuidados Básicos $\alpha = 0,88$. O *alfa de Cronbach* do QOM obtido para cada dimensão da abertura ao mundo foi respectivamente 0,74 para Perseverança, 0,74 para Estímulo ao Risco e 0,69 para Punição. Em relação aos dados sociodemográficos, a escolaridade em anos foi parametrizada pelo cálculo: $(x+1)$ raiz quadrada e a jornada de trabalho do pai: raiz quadrada $(14 - \text{SQRT}(91 - X))$. Esses cálculos de parametrização foram realizados para se chegar a cálculos específicos que exigem distribuições paramétricas.

Foi utilizada a análise de cluster, que é geralmente usada em pesquisas com múltiplas variáveis (questionários, escalas, testes). Cada indivíduo é descrito pelo perfil de escore nas variáveis. Esses perfis são agrupados pela análise de cluster em grupos relativamente homogêneos. Cada cluster consiste de indivíduos com perfis similares, ou seja, cada cluster representa um tipo de perfil de apego ou abertura ao mundo. O perfil médio dos membros do cluster descreve um modelo protótipo de apego ou abertura ao mundo (Caspi & Silva, 1995). Esses protótipos podem ser diferenciados se uma medida de similaridade for usada para compará-los, como a distância euclidiana entre os perfis. Esse método já foi usado em outros estudos sobre personalidade parental (Pulkkinen & Metsapelto, 2003; Morse, 2010; Belsky, 1996; Jain, Belsky, & Crnic 1996), os quais serviram de modelo para o delineamento da presente pesquisa.

Para corrigir o valor p para múltiplas comparações, foi utilizada a correção do *False Discovery Rate* (Benjamini & Yekutieli, 2001; Benjamini & Hochberg, 1995). Os valores p corrigidos continuam estatisticamente significativos. Para caracterizar o estilo de apego dos pais e de abertura ao mundo, aplicou-se a técnica de aglomeração hierárquica

¹⁶ A transformação foi feita conforme fórmulas desenvolvidas pelo estatístico Jean Bégin, do Département de Psychologie da Université du Québec à Montréal, as quais estão disponíveis em <http://www.statmanie.uqam.ca/>.

da análise de cluster com o objetivo de identificar diferentes perfis dos pais. O dendograma obtido pode ser conferido nos resultados (James, Witten, Hastie, & Tibshirani, 2013). O critério de clusterização é o critério de Ward (minimização da soma dos quadrados intragrupos) e a métrica para calcular a distância entre pontos e aplicar o critério de Ward é a distância euclidiana quadrática Método de Wald Distância Euclidiana quadrática (James et al., 2013).

Foi realizada a Análise de Regressão Logística, a qual consiste em colocar todas as covariáveis no mesmo modelo de regressão em um único bloco, e as estimativas dos parâmetros são calculadas para cada bloco. A regressão logística pode ser realizada por meio do modelo *stepwise* (método passo a passo), o qual é apropriado quando não existem pesquisas prévias que podem ser tomadas por base para testar hipóteses e em situações onde a causalidade não é de interesse e busca-se encontrar um modelo para ajustar os dados. O método Backward (método pra trás) promove um efeito supressor que ocorre quando um previsor tem um efeito significativo somente quando outra variável é mantida constante (Field, 2009). Ressalta-se que, neste estudo, a regressão logística foi utilizada como um cálculo robusto para confirmar os resultados encontrados. A regressão logística é uma regressão múltipla com uma variável de saída categórica dicotômica e variáveis predictoras contínuas ou categóricas. Pode-se prever a qual de duas categorias é provável que uma pessoa pertença, dadas certas informações (Field, 2009).

Optou-se por realizar o seguinte cálculo: A cada unidade que aumenta o predictor, a probabilidade do desfecho vai aumentar num valor de Beta dividido por 4 (valor β da primeira coluna das Tabelas 14 e 15¹⁷ dividido por 4, multiplicado por 100). Isso se explica pelo fato de que a curva logística é mais íngreme no centro, em que ponto $\alpha + \beta x = 0$, de modo que $\text{logit}^{-1}(\alpha + \beta x) = 0.5$. A inclinação da curva – a derivada da função logística – é maximizada neste ponto e atinge o valor $\beta e^0 / (1 + e^0)^2 = \beta / 4$. Assim, $\beta / 4$ é a diferença máxima em Pr ($y = 1$) correspondente a uma unidade de diferença em x . Como regra de conveniência, podem-se ter coeficientes de regressão logística (além do termo constante) e dividi-los por 4 para obter um limite superior da diferença de previsão correspondente a uma unidade de diferença em x (Gelman & Hill, 2007).

¹⁷ As Tabelas 14 e 15 encontram na descrição dos resultados.

4.7 Considerações Éticas

A pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, atendendo à Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Este estudo insere-se no âmbito de um projeto maior, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulado “Relações entre envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar, coparentalidade e comportamento da criança pré-escolar”, o qual é continuidade e ampliação do projeto “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), sob o Parecer Consubstanciado de nº 447.932, no dia quatro de novembro de 2013. Devido a essa ampliação do projeto maior, realizou-se uma emenda ao comitê de ética, a qual foi aprovada sob o Parecer 1.514.798.

Os princípios éticos da pesquisa concernem à proteção dos direitos, ao bem-estar e à dignidade dos participantes. O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia de 08/2005 dispõe sobre a realização de pesquisas e psicologia com seres humanos e destaca a importância da observação desses mesmos aspectos.

Por essa razão, os procedimentos éticos foram considerados, e os participantes foram informados, antes do início da coleta de dados, no momento da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo 3), sobre a garantia de anonimato, a participação voluntária e sobre a possibilidade de optarem pela desistência, em qualquer fase da pesquisa. Foram assinadas duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que uma delas, contendo estas informações e os dados para contato com os pesquisadores, ficava de posse do participante, para garantir a liberdade de participação. O mesmo processo ocorreu com as instituições participantes. Todos os TCLEs assinados pelos participantes foram lacrados em envelope na frente dos mesmos.

Todos os documentos derivados da coleta foram arquivados no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), no Departamento de Psicologia da UFSC. Além disso, caso fosse identificada a necessidade de acompanhamento psicológico, os participantes poderiam ser encaminhados para atendimento psicológico no Serviço de Atendimento Psicológico da UFSC (SAPSI). Após o término da pesquisa, foi realizado um projeto de extensão junto às Instituições de Educação Infantil que concordaram em participar do projeto maior, o qual foi organizado em forma de oficinas. Essas oficinas

foram ministradas pelos pesquisadores, com o objetivo de apresentar os resultados obtidos no estudo, de forma a contribuir para a promoção do desenvolvimento infantil e para a formulação de estratégias preventivas no que se refere ao envolvimento paterno.

5 Resultados

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa, os quais estão organizados por subtópicos, de acordo com seus objetivos.

5.1 Caracterização Sociodemográfica dos Participantes

Os dados sociodemográficos dos pais (somente o pai) que participaram da pesquisa estão apresentados nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2

Caracterização sociodemográfica dos participantes – idade, escolaridade, jornada de trabalho e idade da criança

| Variáveis | N | Média (DP) | Mínimo | Máximo |
|----------------------------|----------|-------------------|---------------|---------------|
| Idade do pai | 171 | 37,94 (6,77) | 19 | 59 |
| Escolaridade do pai | 166 | 15,33 (5,85) | 0 | 40 |
| Jornada de trabalho do pai | 168 | 40,56 (13,42) | 0 | 90 |
| Idade da criança (meses) | 170 | 61,58 (7,95) | 48 | 83 |

Nota: Os dados de escolaridade e jornada de trabalho estão com N menor que os outros devido à presença de *missings* nessas questões.

Tabela 3

Caracterização sociodemográfica dos participantes - estado de residência, composição familiar, sexo da criança, renda e escolaridade do pai

| Variável | Frequência (%) |
|---|-----------------------|
| Estado de residência | |
| SC | 126 (73,7%) |
| RS | 15 (8,8%) |
| PR | 30 (17,5%) |
| Composição familiar | |
| Família nuclear pais biológicos de todos os filhos | 139 (81,3%) |
| Família nuclear pais adotivos da criança-alvo | 1 (0,6%) |
| Família recasada com pais biológicos da criança-alvo | 15 (8,8%) |
| Família recasada com padrasto da criança-alvo | 9 (5,3%) |
| Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos | 6 (3,5%) |
| Família nuclear pais biológicos da criança-alvo e com criança adotada | 1 (0,6%) |
| Sexo da criança | |
| Masculino | 93 (54,4%) |
| Feminino | 78 (45,6%) |
| Rendimento familiar | |
| R\$501,00 a R\$2.000,00 | 25 (14,7%) |
| R\$2.001,00 a R\$4.000,00 | 36 (21,1%) |
| R\$4.001,00 a R\$6.000,00 | 20 (11,6%) |
| R\$6.001,00 a R\$7.500,00 | 11 (6,4%) |
| Acima de R\$7.501,00 | 79 (46,2%) |
| Escolaridade do pai | |
| Não alfabetizado | 1 (0,6%) |
| Ensino fundamental incompleto: primário incompleto | 4 (2,3%) |
| Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto | 7 (4,1%) |
| Ensino fundamental complete | 5 (2,9%) |
| Ensino médio incomplete | 6 (3,5%) |
| Ensino médio complete | 38 (22,2%) |
| Ensino superior incomplete | 15 (8,8%) |
| Ensino superior complete | 41 (24,0%) |
| Pós-graduação | 54 (31,6%) |

A média de idade dos pais foi 37,94 (DP= 6,77), sendo que o mais novo tinha 19 anos e o mais velho 59 anos. Com relação ao local de residência, 126 moravam em Santa Catarina, 15, no Rio Grande do Sul e 30, no Paraná. No tocante à escolaridade, os pais não divergiram muito, apresentaram uma média de 15,33 (DP= 5,85) anos concluídos, sendo que

a maioria 54(31,6%) tinha Ensino Superior completo com Pós-graduação e, também, Ensino Superior Completo 41(24%). Esse dado aponta uma amostra composta por alto nível de escolaridade. A média de jornada de trabalho foi de 40,56 (DP=13,42) horas por semana, sendo que cinco pais apresentaram jornada nula, pois estavam desempregados ou já haviam se aposentado, enquanto um pai declarou trabalhar 90 horas semanais, pois trabalhava em bar, tendo uma rotina frequente de 24 horas.

A média de idade das crianças foi de 61,58 (DP= 7,65) meses, o que corresponde a mais ou menos 5 anos e 1 mês de idade, sendo que a menor tinha 48 meses (4 anos) e a maior 83 meses (6 anos e 9 meses). Com relação ao sexo das crianças, 93 (54,4%) eram do sexo masculino e 78 (45,6%) crianças eram do sexo feminino.

No que se refere à composição familiar, 139 (81,3%) constituíam família nuclear de pais biológicos de todos os filhos, 15 (8,8%) eram famílias recasadas com o pai biológico da criança focal, 9 (5,3%) famílias recasadas com padrasto da criança-alvo, 6 (3,5%) eram famílias estendidas compostas por pais biológicos e outros parentes ou amigos, 1 (0,6%) família nuclear com pais adotivos da criança-alvo (0,6%) e 1 (0,6%) família com pais biológicos da criança-alvo e com criança adotada. Dessa forma, verifica-se a predominância de famílias nucleares de pais biológicos de todos os filhos, pais com alta escolaridade, com média de 38 anos de idade e de jornada de trabalho de 40 horas semanais, em média.

5.2 Caracterização do Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo

O envolvimento paterno e a abertura ao mundo foram calculados por meio das médias gerais de envolvimento e abertura ao mundo e de cada uma das dimensões que abrangem os instrumentos. A Tabela 4 mostra os resultados obtidos pelos pais.

Tabela 4
Análises descritivas QOM e QEP

| Instrumento | Dimensões | N | Média (DP) |
|--------------------|-------------------|----------|-------------------|
| QOM | QOM total | 171 | 3,95 (0,59) |
| | Perseverança | 171 | 4,95 (0,68) |
| | Risco | 171 | 3,76 (1,10) |
| | Punição | 171 | 2,79 (0,84) |
| QEP | QEP total | 161 | 4,32 (0,43) |
| | Suporte Emocional | 170 | 5,10 (0,69) |
| | Cuidados Básicos | 161 | 4,17 (0,87) |

A abertura ao mundo foi avaliada através do instrumento QOM e possui três dimensões (*Estímulo à Perseverança*, *Punição* e *Estímulo a Correr Riscos*). A média geral foi $M=3,95$ ($DP=\pm 0,59$) e a mais alta é a da dimensão *Estímulo à Perseverança*, $M= 4,95$ ($DP=\pm 0,68$), em segundo lugar a dimensão *Estímulo a Correr Riscos*, $M= 3,76$ ($DP=\pm 1,10$). Esses valores demonstram que os pais, de modo geral, incentivam seus filhos a persistirem, a não desistirem das atividades e também os motivam a correr riscos, desafiam o filho a fazer atividades que possuam certo grau de dificuldade, garantindo-lhe a segurança adequada. Em último lugar, os resultados da dimensão *Punição*, ($M= 2,79$ ($DP= \pm 0,84$), o que pode estar indicando que o pai tem punido menos o filho, dado menos castigo ou chamado menos sua atenção nas situações em que a criança não se comporta adequadamente. O teste *t* não revelou diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do QOM e do QEP, em função do sexo da criança.

A média geral de envolvimento paterno foi 4,32 ($DP=\pm 0,43$), considerando uma escala likert de 1 a 6 pontos, que corresponde à frequência com que os pais realizam determinadas tarefas com seus filhos, sendo 1 *nunca* e 6 *todos os dias* ou *sempre*.

Pode-se observar uma média maior na dimensão *Suporte Emocional* ($M = 5,10$ $DP = \pm 0,69$) do instrumento QEP, que avalia o envolvimento paterno. Obteve-se também uma média alta na dimensão *Cuidados Básicos* ($M = 4,17$ $DP = \pm 0,87$). Tais resultados apontam para um maior envolvimento do pai em relação à criança no que diz respeito ao suporte emocional, que está relacionado a cuidar do filho quando está doente ou ao brincar na rua, tranquilizá-lo quando tem medo, consolá-lo, elogiá-lo, dizer que o ama, além de garantir que a casa seja segura para ele. O pai também refere realizar cuidados básicos com o filho, como cuidar de sua alimentação, banho, entre outros.

Tabela 5

Correlações de Pearson entre as dimensões estatisticamente significativas do QEP

| Dimensões | Suporte | | |
|-----------|---------------|----------------------|---------------|
| | Emocional (1) | Cuidados Básicos (2) | QEP Geral (3) |
| 1 | - | 0,22** | 0,51** |
| 2 | 0,22** | - | 0,64** |
| 3 | 0,51** | 0,64** | - |

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

Com base na Tabela 5, pode-se afirmar que o *Suporte Emocional* correlacionou-se positivamente com *Cuidados Básicos* e *QEP Geral*. Isso indica que quanto mais suporte emocional o pai fornece para a criança, mais ele realiza cuidados básicos com seu filho. Da mesma forma, quanto maior o suporte emocional do pai em relação à criança, mais ele desempenha tarefas da casa e, por fim, mais envolvido de forma geral ele é com seu filho.

Os dados sociodemográficos foram correlacionados com as dimensões do instrumento QEP, como mostra a Tabela 6, a seguir, que apresenta os coeficientes de correlação (r de Pearson) e os níveis de significância (p) para as correlações estatisticamente significativas.

Tabela 6
Correlações de Pearson entre os dados sociodemográficos do pai e as dimensões do QEP

| Dimensões do QEP | Correlações com variáveis sociodemográficas | r |
|-------------------------|--|-----------------------|
| Suporte Emocional | Jornada de trabalho do pai | -0,15* |
| Cuidados Básicos | Jornada de trabalho do pai | -0,35** |
| QEP Geral | Escolaridade do pai | 0,23* |
| | Jornada de trabalho do pai | -0,30** |

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

Verificou-se que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos suporte emocional e cuidados básicos ele realiza com a criança. Também se constatou que quanto maior a escolaridade do pai, mais envolvido de forma geral ele é com seu filho. Por outro lado, quanto maior a jornada de trabalho, menos ele se envolve com a criança.

Tabela 7
Correlações de Pearson entre as dimensões estatisticamente significativas do QOM

| Dimensões | Estímulo à Perseverança (1) | Punição (2) | Estímulo a correr riscos (3) | QOM Geral (4) |
|------------------|------------------------------------|--------------------|-------------------------------------|----------------------|
| 1 | - | | 0,30** | |
| 2 | | - | 0,18* | |
| 3 | 0,30** | 0,18* | - | |
| 4 | | | | - |

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

A análise da Tabela 7 permite verificar as dimensões que se correlacionam. Portanto, quanto mais o pai estimula a perseverança no filho, mais ele o incentiva a correr riscos. Ou seja, quanto mais o pai encoraja seu filho a não desistir de determinada atividade ou brincadeira, mais ele instiga seu filho a desenvolver ações que apresentem algum grau de dificuldade (motora, de aprendizagem), em uma base segura. Da mesma forma, quanto maior a punição que impõe à criança, maior a estimulação a correr riscos e conseqüentemente maior a abertura ao mundo. E, por fim, quanto mais o pai estimula a criança a correr riscos, mais punição e estímulo à perseverança ele realiza. Também foram analisadas as correlações do instrumento QOM com os dados sociodemográficos do pai, o que gerou os resultados apresentados na Tabela 8.

Tabela 8

Correlações de Pearson entre os dados sociodemográficos do pai e o QOM

| Dimensões do QOM | Correlações com variáveis sociodemográficas | Coefficiente de Correlação de Pearson |
|--------------------------|--|--|
| Estímulo à perseverança | Escolaridade do pai | 0,21** |
| Estímulo a correr riscos | Escolaridade do pai | 0,43** |

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

De acordo com a Tabela 9, pode-se observar que o pai com maior nível de escolaridade estimula mais o seu filho a ser perseverante e a correr riscos.

Tabela 9

Correlações de Pearson entre as dimensões estatisticamente significativas entre o QEP e o QOM

| Dimensões | Suporte Emocional | Cuidados Básicos | QEP Geral |
|--------------------------|--------------------------|-------------------------|------------------|
| Estímulo à perseverança | 0,41** | | 0,57** |
| Punição | -0,20** | -0,16* | |
| Estímulo a correr riscos | | | 0,47** |

** $p \leq 0,01$ * $p \leq 0,05$

Verificou-se que quanto mais o pai estimula a criança a ser perseverante, maior o suporte emocional que ele fornece a ela e mais envolvido ele é com a criança, de modo geral. Quanto mais o pai pune o filho, menos ele realiza suporte emocional e se envolve menos com atividades de cuidados básicos (alimentação, banho, roupa, tarefas de

casa). Quanto mais o pai consegue incentivar o filho a correr riscos (praticar atividades físicas ou de aprendizagem que envolvam algum grau de dificuldade), mais envolvido ele é com a criança.

5.3 Caracterização do Apego do Pai

Através do escore das três dimensões da escala de apego adulto (proximidade, confiança e ansiedade), é possível estabelecer um estilo de apego final que permite caracterizar, de modo geral, como os indivíduos formam e estabelecem seus relacionamentos, aproximando-se mais dos estilos de apego propostos por Hazan e Shaver (1987). Por meio da análise de cluster, a qual busca identificar características em comum em um determinado grupo e criar perfis, foram encontrados três grupos de tipos de apego, porém, o perfil de apego conhecido na literatura como ansioso não foi identificado nos perfis dessa amostra. Por isso, optou-se por trabalhar-se com dois grupos de estilo de apego que foram bem delimitados pela análise de cluster: seguro e inseguro. A Tabela 10 apresenta as médias (escore z) para cada uma das subescalas mencionadas e os dois grupos de perfis de apego que se originaram da análise de cluster.

Tabela 10

Perfis de Apego e médias (escore z) nas subescalas proximidade, confiança e ansiedade

| Perfis de Apego | Média escore z (Proximidade) | Média escore z (Confiança) | Média escore z (Ansiedade) |
|------------------------|-------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| Seguro (1) | 0,504 | 0,798 | -0,019 |
| Inseguro (2) | -0,423 | -0,670 | 0,016 |

Nota. N = número de participantes. Perfis de Apego: 1 = grupo de pais com apego adulto seguro; 2 = grupo de pais com apego adulto inseguro

A análise de cluster deu origem a dois grupos de pais: os de perfil de apego seguro (1) e os de perfil de apego inseguro (2). Pode-se observar que os pais com apego seguro possuem médias mais altas na subescala de proximidade e confiança e média mais baixa em ansiedade. Isso indica que pais com apego seguro revelam uma tendência a se sentirem confortáveis em estabelecer relações próximas e mais íntimas com outras pessoas, ao mesmo tempo em que demonstram, também, uma facilidade maior para confiar nos outros e tendem a não sentirem medo de serem abandonados pelas pessoas com quem se relacionam.

Já os pais com apego inseguro apresentam médias relativamente mais baixas em proximidade e confiança e níveis mais altos em ansiedade,

isso aponta que os pais com apego inseguro tendem a não se sentirem muito confortáveis se relacionando de forma mais íntima ou com maior grau de proximidade e possuem maior dificuldade em confiar nos outros, ao mesmo tempo em que temem ser abandonados pelas pessoas com quem se relacionam.

5.4 Relação Entre o Apego do Pai, Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo

Foi realizado o teste *t* para relacionar os perfis de apego com cada uma das dimensões do envolvimento paterno e da abertura ao mundo. Da amostra de 171 pais, verificou-se que 93 pais pertenciam ao perfil de apego inseguro, e 78 pais enquadraram-se no perfil de apego seguro. A Tabela 11, abaixo, mostra a relação entre os perfis de apego e as dimensões da abertura ao mundo (QOM) e envolvimento paterno (QEP), com destaque, também, as relações estatisticamente significativas.

Tabela 11
Dimensões do QEP e do QOM, Perfis de Apego e teste t

| Dimensões dos instrumentos | Perfis de Apego | N | Média | Desvio-Padrão | Erro-Padrão da Média | Teste <i>t</i> | Valor p corrigido |
|----------------------------|-----------------|----|-------|---------------|----------------------|----------------------------------|-------------------|
| QOM | | | | | | | |
| QOM perseverança | 1 | 78 | 4,99 | 0,67 | 0,07631 | $t(169) = 0,706;$ $p > 0,05$ | 0,57 |
| | 2 | 93 | 4,92 | 0,69 | 0,07193 | $p = 0,47$ | |
| QOM punição | 1 | 78 | 4,92 | 0,67 | 0,07631 | $t(169) = -3,089;$ $p < 0,05$ | 0,01 |
| | 2 | 93 | 4,99 | 0,69 | 0,07193 | $p = 0,02$ | |
| QOM risco | 1 | 78 | 3,96 | 1,01 | 0,11462 | $t(169) = 2,325;$ $p < 0,05$ | 0,03 |
| | 2 | 93 | 3,58 | 1,15 | 0,11964 | $p = 0,021$ | |
| QEP | | | | | | | |
| QEP cuidados básicos | 1 | 77 | 4,34 | 0,67 | 0,07707 | $t(146) = 2,031;$ $p < 0,05$ | 0,03 |
| | 2 | 84 | 4,02 | 1,00 | 0,10970 | $p = 0,018$ | |
| QEP suporte emocional | 1 | 78 | 5,07 | 0,59 | 0,06783 | $t(168) = -1,080;$ $p > 0,05$ | 0,57 |
| | 2 | 92 | 5,13 | 0,76 | 0,08025 | $p = 0,57$ | |

Nota. N = número de participantes. Perfis de Apego: 1 = grupo de pais com apego adulto seguro; 2 = grupo de pais com apego adulto inseguro

No que se refere às médias gerais dos dois grupos de pais com perfil de apego seguro e perfil de apego inseguro, identificou-se que os pais com apego seguro, pertencentes ao perfil 1, possuem médias mais altas do que os pais inseguros (perfil 2) para as dimensões: Estímulo à

Perseverança ($M = 4,99$; $DP = 0,67$), Estímulo a Correr Riscos ($M = 3,96$; $DP = 1,01$) e Cuidados Básicos ($M = 4,34$; $DP = 0,07$). As médias mais altas para os pais com apego inseguro (Cluster 2) foram, respectivamente: Punição ($M = 2,96$; $DP = 0,83$) e Suporte Emocional ($M = 5,13$; $DP = 0,76$).

Identificou-se, por meio do teste t para amostras pareadas, que pais com perfil de apego seguro referiram exercer atividades de estímulo ao risco com a criança de forma mais predominante do que os pais com perfil de apego inseguro, e essa diferença mostrou-se estatisticamente significativa ($t(169) = 2,325$, $p < 0,05$). Os pais com perfil de apego seguro também tendem a referir que realizam mais cuidados básicos com seus filhos, ou seja, os alimentam, dão banho, levam ao médico com mais frequência do que pais com apego inseguro, e essa diferença também se mostrou estatisticamente significativa ($t(146) = 2,031$, $p < 0,05$). Por outro lado, os pais com perfil de apego inseguro relataram exercer mais punição do que os pais do perfil de apego seguro, e esta diferença mostrou-se estatisticamente significativa ($t(169) = -3,089$, $p < 0,05$). Com relação ao suporte emocional, os pais com perfil de apego inseguro referiram realizar suporte emocional de forma mais frequente do que os pais com perfil de apego seguro, bem como os pais com perfil de apego seguro relataram exercer mais estímulo à perseverança do que pais com estilo de apego inseguro, entretanto, essas diferenças não se mostraram estatisticamente significativas.

5.5 Relação Entre os Perfis de Apego do Pai e os Perfis de Abertura ao Mundo

Para relacionar aos perfis de apego do pai com os perfis de abertura ao mundo aplicou-se a técnica de aglomeração hierárquica da análise de cluster com o objetivo de identificar diferentes perfis de abertura ao mundo proporcionada pelos pais. O dendrograma obtido pode ser conferido no gráfico abaixo e se refere aos dois perfis de apego: seguro (1) e inseguro (2) (James et al., 2013).

5.5.1 Clusterização hierárquica do pai.

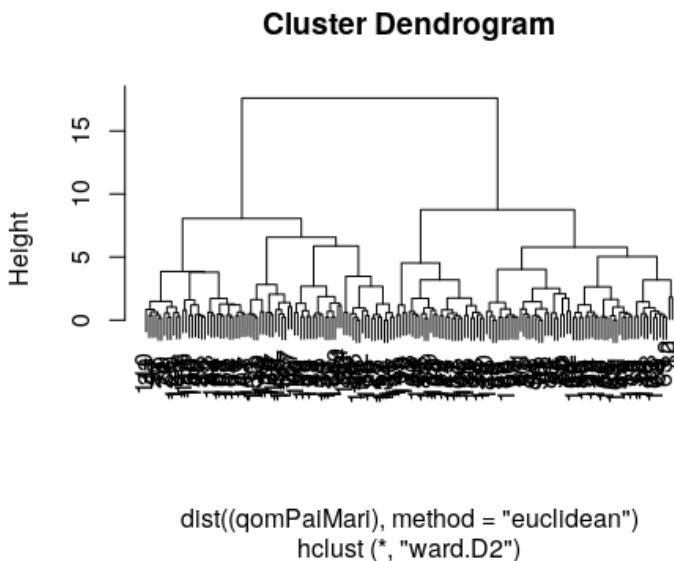


Figura 3
Cluster Dendrograma

A seguir são apresentados os perfis de abertura ao mundo e suas respectivas frequências, médias e desvios-padrões. Esta análise utilizou os dados da Tabela 12, apresentada a seguir. Estes dados foram produzidos por Koltermann, Bueno, Souza, Paraventi e Vieira (2018), a partir da mesma amostra, em outro subprojeto do projeto maior.

Tabela 12¹⁸

Frequências, médias, desvios-padrões e dimensões da abertura ao mundo das tipologias paternas

| Variáveis | Perfis | | | |
|----------------------------------|-----------------|-----------------|-------------------|--------------------|
| | Pai ativador | Pai protetor | Pai imprudente | Pai autoritário |
| | N/ M(DP) | N/ M(DP) | N/ M(DP) | N/ M(DP) |
| Pais | 29 | 33 | 61 | 48 |
| Meninos (Meninas) | 18 (11) | 14 (19) | 31 (30) | 30 (18) |
| Estímulo à Perseverança | 5,24 (0,43) | 5,00 (0,55) | 5,09 (0,67) | 4,58 (0,77) |
| Punição | 3,87 (0,60) | 1,93 (0,42) | 2,50 (0,58) | 3,12 (0,56) |
| Estímulo a Assumir Riscos | 4,49 (0,50) | 2,94 (0,52) | 4,69 (0,55) | 2,68 (0,76) |

De acordo com a Tabela 12, pode-se constatar a formação de quatro tipologias ou perfis de abertura ao mundo dos pais, referentes às três dimensões: estímulo à perseverança, punição e estímulo ao risco.

O perfil “Pai ativador” é formado por pais que relataram altos índices de Estímulo à Perseverança e escores médios de Estímulo a Assumir Riscos e Punição. Os pais pertencentes ao perfil “Pai protetor” caracterizam-se por estimular a criança à perseverança e por estimularem pouco a criança a vivenciar outras experiências no meio externo e com outras pessoas e quase não exercerem punição. O perfil “Pai imprudente” reúne pais que afirmaram alto índice de Estímulo à Perseverança, elevado Estímulo a Assumir Riscos e pouca Punição. Os pais pertencentes ao perfil “Pai autoritário” caracterizaram-se por realizarem Estímulo à Perseverança e Punição de modo mediano, raramente estimularem seus filhos a assumir risco.

Para relacionar os perfis de apego do pai com os perfis de abertura ao mundo, realizou-se uma análise de cluster denominada clusterização hierárquica.

A seguir, na Tabela 13, estão as relações entre os perfis de abertura ao mundo do QOM com os perfis de apego.

¹⁸ Esta tabela foi adaptada de Koltermann et al. (2018). Abertura ao Mundo de pais e mães de pré-escolares em famílias biparentais. (Em avaliação pela Revista Paidéia). Deve-se salientar que o trabalho citado utilizou os mesmos dados que compreendem a pesquisa que deu origem à presente tese, por esta razão pode-se utilizar os seus resultados.

Tabela 13

Perfis do QOM e Perfis de Apego – proporção por coluna

| Perfis QOM | Apego Seguro n | Proporção % (por coluna) | Inseguro n | Proporção % (por coluna) | Total n | Proporção % (por coluna) |
|-----------------|-------------------|-----------------------------|---------------|-----------------------------|------------|-----------------------------|
| 1 (ativador) | 9 | 11,54 | 20 | 21,51 | 29 | 16,96 |
| 2 (protetor) | 16 | 20,51 | 17 | 18,28 | 33 | 19,30 |
| 3 (imprudente) | 37 | 47,44 | 24 | 25,81 | 61 | 35,67 |
| 4 (autoritário) | 16 | 20,51 | 32 | 34,41 | 48 | 28,07 |
| Total | 78 | 100,00 | 93 | 100,00 | 171 | 100,00 |

De acordo com a Tabela 13, do total dos pais com apego seguro, 11,54% são do perfil 1 (ativador), 20,51% são do perfil 2 (pai protetor), 47,44% são do perfil 3 do QOM (pai imprudente), 20,51% são do perfil 4 (pai autoritário).

Do total de pais com apego inseguro, 21,51% são do perfil 1 (ativador); 18,28% são do perfil 2 (pai protetor); 25,81% são do perfil 3 (pai imprudente) e 34,41% são pais do perfil 4 (pai autoritário).

5.6 Análise de Regressão Logística: Relação Entre o Apego Adulto do Pai, o Envolvimento Paterno e a Abertura ao Mundo Pai-Criança com as Variáveis Sociodemográficas

A análise de regressão logística constitui um modelo de cálculo estatístico adequado que possibilitou a visualização global dos dados e das suas relações e influências entre si. Por meio da regressão logística, pode-se verificar o aumento ou diminuição da probabilidade de ocorrência de determinado fenômeno ou desfecho. A seguir, a Tabela 14¹⁹ apresenta a definição do modelo logístico a partir da estratégia *backward*. Este método produz um efeito supressor que ocorre quando um previsor tem um efeito significativo somente quando outra variável é mantida constante (Field, 2009).

¹⁹ A cada unidade que aumenta o preditor, a probabilidade do desfecho vai aumentar num valor de Beta dividido por 4 (valor B da primeira coluna das Tabelas 14 e 15, dividido por 4, multiplicado por 100).

Tabela 14

Definição do modelo logístico a partir da estratégia Backward

| | B | E.P. | sig. | Exp(B) | 95% C.I. para EXP(B) | |
|-----------------------|--------|-------|-------|--------|-------------------------|----------|
| | | | | | Inferior | Superior |
| RENDA | -0,077 | 0,035 | 0,025 | 0,926 | 0,865 | 0,991 |
| QOM Punição | 0,659 | 0,229 | 0,004 | 1,932 | 1,232 | 3,029 |
| QEP Cuidados Básicos | -0,452 | 0,231 | 0,050 | 0,636 | 0,405 | 1,000 |
| QEP Suporte Emocional | 0,542 | 0,270 | 0,045 | 1,719 | 1,013 | 2,917 |
| Constante | -1,795 | 1,834 | 0,328 | 0,166 | | |

Encontrou-se que quando o pai possui um apego seguro aumenta em 2% a probabilidade de esse pai ter uma renda financeira maior. Assim como, quando o pai possui um apego inseguro, há um aumento de 16% na probabilidade de ocorrência de punição por parte do pai com a criança. Quando o pai tem apego inseguro, diminui em 11,3% a probabilidade de o pai realizar cuidados básicos com a criança. Quando o pai tem apego inseguro, aumenta em 13,5% a probabilidade de ele fornecer suporte emocional ao filho. Na sequência, a Tabela 15 mostra a definição do modelo logístico, a partir da estratégia *forward*.

Tabela 15

Definição do modelo logístico a partir da estratégia Forward

| | B | E.P. | sig. | Exp(B) | 95% C.I. para EXP(B) | |
|----------------------|--------|-------|-------|--------|-------------------------|----------|
| | | | | | Inferior | Superior |
| Passo 2 ^a | | | | | | |
| QOM_Punição | 0,704 | 0,221 | 0,001 | 2,022 | 1,311 | 3,118 |
| QOM_Risco | -0,405 | 0,163 | 0,013 | 0,667 | 0,485 | 0,918 |
| Constante | -0,381 | 0,763 | 0,618 | 0,683 | | |

Na Tabela 15, observa-se a definição do modelo logístico a partir da estratégia *forward*. A seleção para frente (*forward*) é mais provável que a eliminação para trás (*backward*), para excluir previsores envolvidos em efeitos supressores. Encontrou-se que quando o pai possui apego inseguro, há um aumento de 17,6% na probabilidade de ele exercer a punição com seu filho. Assim como, quando o pai tem um apego inseguro, diminui em 9,52% a probabilidade de ele estimular a criança a correr riscos.

6 Discussão

A presente pesquisa teve como objetivo geral relacionar o apego do pai, o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos. Dentre os objetivos específicos, buscou-se caracterizar o apego, o envolvimento e a abertura ao mundo do pai, bem como relacionar essas variáveis com as características sociodemográficas da amostra. Por se tratar de um estudo cujo método envolveu análise estatística descritiva, inferencial, regressão logística e cluster, os resultados encontrados compreenderam distribuição de frequências, porcentagens, médias e desvios-padrão, bem como correlações entre variáveis que, na sequência, são discutidas, considerando a seguinte ordem: Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo; O apego do pai; Relação entre os Perfis de apego do pai e os Perfis de Abertura ao Mundo.

6.1 Envolvimento Paterno e Abertura ao Mundo

No presente estudo, pode-se constatar que a média geral de envolvimento paterno foi considerado alta. Levando em conta as duas dimensões do envolvimento paterno, obteve-se média mais alta para suporte emocional seguido de cuidados básicos, o que evidencia uma maior participação do pai na criação dos filhos e na vida familiar. Dessa forma, pode-se afirmar que o pai está passando por um processo no qual ganha maior visibilidade e se torna mais presente emocionalmente na vida da criança, quando realiza um carinho, o elogia valorizando suas conquistas ao mesmo tempo em que realiza atividades de cuidados específicos em relação a ela, como responsabilizar-se por sua alimentação, banho, compartilhando essas funções com sua parceira (Bueno et al., 2015; Bossardi, 2015, 2011; Gomes, 2015, 2011; Bolze, 2011). Essa divisão de tarefas além de fazer parte do cenário atual no qual as mulheres são mais independentes e trabalham fora, também pode estar associada ao fato de que o pai não pretende repetir o mesmo padrão que vivenciou durante a infância (Prado & Abrão, 2015).

Esse maior comprometimento emocional e afetivo do pai, com a divisão de tarefas de cuidados da criança com sua companheira, remete ao conceito de pai emergente ou cogenitor, o qual acaba assumindo práticas que até então eram vistas como exclusivas da mãe (Vieira et al., 2014; Cabrera & Bradley, 2012; Peruchi & Beirão, 2007; Wagner et al., 2005). Então, a paternidade vem passando por um processo de transformação de um modelo mais tradicional, cujas principais características referem-se às funções paternas de prover o lar e disciplinar

a criança, assim como brincar com ela (Bueno et al., 2015; Vieira et al., 2014) para um estilo emergente de paternidade, no qual o pai tem um papel ativo, fornecendo suporte emocional e cuidando da criança.

Essa mudança nas formas de exercer a paternidade está ligada a aspectos culturais e sociais, como o uso e disseminação da pílula anticoncepcional, o surgimento e consolidação do movimento feminista, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o aumento de sua autonomia (Jablonski, 2010; Saraff & Srivastava, 2009; Perucchi & Beirão, 2007; Wagner et al., 2005; Gauthier et al., 2004; Fleck & Wagner, 2003) e do quanto o contexto em que o pai está inserido é capaz de reconhecer sua importância e estimular sua participação na vida de seu filho. Nesse sentido, certas ações do Estado na vida familiar também podem ter influenciado o exercício da paternidade (Carvalho, 2016; Bueno et al., 2015). O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Brasil, 2009) e a instituição da guarda compartilhada (Schneebeli & Menandro, 2014) são exemplos dessas ações.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano também traz contribuições ao ressaltar a influência do macrossistema no desenvolvimento da pessoa que pode contribuir para a compreensão da maior participação paterna que ocorre atualmente. O macrossistema diz respeito à cultura, à economia, aos costumes, às ideologias e leis. Sendo assim, as medidas tomadas pelo Estado mencionadas anteriormente estão inseridas neste contexto cultural, social, as quais influenciam a paternidade (Bronfenbrenner, 1994).

Assim, espera-se que ocorra maior equilíbrio na responsabilidade entre homens e mulheres em relação à educação dos filhos. O aspecto da igualdade nas responsabilidades parentais, considerando a complementaridade das mesmas, ainda está em construção, o que implica a participação ativa do pai em tarefas que viabilizem o acesso a recursos emocionais e materiais necessários ao bem-estar da criança e da família (Bueno et al., 2015; Vieira et al., 2014, Lima, Serôdio, & Cruz, 2009).

Nos dados sociodemográficos que foram correlacionados com as dimensões do instrumento QEP, verificou-se que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos suporte emocional e cuidados básicos ele realiza com a criança, o que vai ao encontro dos achados de Backes (2015) e Gomes (2011). Esses resultados, de forma geral, podem ser justificados pelo fato de que quanto mais o pai trabalha, menos tempo ele tem para estar com a criança, seja cuidando dela ou fornecendo carinho, apoio e segurança presencialmente. De acordo com a definição de envolvimento paterno formulada por Lamb (2000) e adotada neste trabalho, têm-se três

dimensões a serem consideradas: interação do pai com a criança, acessibilidade e responsabilidade. Dessa forma, pode-se pensar que quanto mais tempo o pai passa trabalhando fora, menos momentos ele compartilha com a criança e menos acessível ele se torna, fornecendo menos suporte emocional e cuidados ao seu filho.

Esses achados são semelhantes aos de Bueno (2013), a qual evidenciou que quanto maior a carga horária de trabalho, menor o tempo disponível com a criança. Porém, o uso que os pais revelaram fazer do tempo que não estão trabalhando é dedicado à participação, tanto nas tarefas da casa como naquelas que envolvem os filhos. Já os estudos de Beltrame e Botoli (2010) e Gomes (2011) encontraram que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos envolvido ele é com o filho, resultados semelhantes aos desta pesquisa. Entretanto, corrobora-se Bueno et al. (2015) que mencionam que a ausência física, não necessariamente, também seja afetiva, na medida em que o pai envie mensagens, mantenha-se conectado com o filho, considerando as facilidades de comunicação virtuais na atualidade.

Nesse sentido, de acordo com Bronfenbrenner (1999), pode-se perceber a influência do exossistema “trabalho do pai” no microsistema “família”. A relação entre esses microsistemas constitui o que a Teoria Bioecológica denomina de mesossistema, à medida que o mesossistema engloba as inter-relações entre os microsistemas do qual a pessoa faz parte. Trata-se de equalizar o tempo do trabalho com o tempo da família, aspecto que o pai emergente precisa organizar, na medida em que pode desejar romper com o padrão que possa ter vivido na sua infância, tendo um pai muito ausente em função do trabalho (Campana, Santos, & Gomes, 2017; Lima et al., 2009). O desafio é o de encontrar um novo equilíbrio entre o seu trabalho e o envolvimento com seu filho. Reconhecer a importância do seu papel possibilitará assumir mais responsabilidades e, segundo Lima et al. (2009), permitirá mais interação e quanto mais interage, mais competente se sente para o fazer. E quanto mais seguro, mais satisfeito. Para Campana et al. (2017), a questão também perpassa por ausência de políticas governamentais e empresariais que favoreçam a participação do pai na família, isso pode ser pensado no âmbito da flexibilização das jornadas de trabalho, aumento da licença-paternidade, entre outros.

Também se constatou que quanto maior a escolaridade do pai, mais envolvido de forma geral ele é com seu filho. No âmbito internacional, as pesquisas têm atribuído o nível de escolaridade do pai e da mãe ao maior envolvimento dos pais em atividades de cuidado com os filhos (Reich, 2014; England & Srivastava 2013). Isso pode ser explicado

também pelo maior acesso à informação por parte de ambos os pais, o que fornece um preparo e um estímulo para que os pais se sintam instrumentalizados para cuidarem de seus filhos (Arruda & Lima, 2013).

No contexto nacional, uma pesquisa identificou o envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos, evidenciando que o nível socioeconômico da família se mostrou relacionado apenas à dimensão dos cuidados básicos, ou seja, pais de nível socioeconômico alto envolviam-se mais em atividades como alimentar, dar banho e vestir a criança, do que pais de nível socioeconômico baixo (Gomes & Alvarenga, 2016). De acordo com as autoras, isso pode estar relacionado ao fato de que, na amostra do estudo, as esposas dos pais com nível socioeconômico alto trabalhavam fora de casa, ao contrário das companheiras dos pais de nível socioeconômico baixo, que não trabalhavam fora de casa, passando maior parte do tempo cuidando dos filhos e demandando menos a ajuda do pai nesses cuidados (Gomes & Alvarenga, 2016). Outro aspecto que pode ser evocado diz respeito às vivências do pai com adesão ao modelo paterno tradicional, fazendo com que reproduza o mesmo padrão de não envolvimento no cuidado ao filho (Lima et al., 2009).

A abertura ao mundo foi avaliada através do instrumento QOM e possui três dimensões (*Estímulo à Perseverança*, *Punição* e *Estímulo a Correr Riscos*). Sendo assim, nesta pesquisa, obteve-se, como resultado, uma média relativamente alta para a abertura ao mundo e, em relação às dimensões, as médias mais altas foram, respectivamente *Estímulo à Perseverança* e *Estímulo a Correr Riscos*; a média mais baixa foi para a *Punição*. Esses resultados demonstram que os pais, de modo geral, incentivam seus filhos a persistirem, a não desistirem das atividades e também os motivam a correr riscos, desafiam o filho a fazer atividades que possuam certo grau de dificuldade, garantindo-lhe a segurança adequada. Em último lugar, a punição pode estar indicando que o pai tem punido menos o filho, dado menos castigo ou chamado menos sua atenção nas situações em que a criança não se comporta bem.

Os resultados encontrados estão de acordo com o que foi pesquisado e discutido por Backes (2015), em estudo realizado no contexto brasileiro com uma amostra de 20 pais (somente o pai) e, também, por Paquette e Dumont (2013b). Paquette (2005), criador da Teoria da Relação de Ativação e proponente do conceito de abertura ao mundo, afirma a relevância do estímulo à perseverança e ao risco efetuados pelo pai em relação à criança, pois são condutas do pai que incentivam seus filhos a tomarem decisões, ter autonomia, assumir riscos, explorar o ambiente, ter curiosidade, autoconfiança e ativação (Bueno,

Gomes et al., 2015; Paquette & Dumont, 2013a; Paquette, 2005). Portanto, quando o pai ensina seu filho a ser perseverante, ele está instigando a criança a não desistir de determinada atividade, independente do grau de dificuldade que exista e dessa forma o pai atua como uma figura que transmite segurança, para que a criança consiga vivenciar novas experiências que incluam riscos, desafios e aprendizados.

De acordo com Paquette et al. (2009), essa função de estimulação geralmente é atribuída à figura paterna, tendo em vista que este autor atribui aos homens maior tendência à agressão física e, portanto, são mais indicados do que as mães na tarefa de auxiliar os filhos a controlar a agressividade, aprendendo a expressá-la de maneira socializada e no momento certo (Paquette, 2004c). Assim, a “brincadeira de lutinha” ou turbulenta é considerada pelo autor um dos mecanismos que oportuniza o decréscimo da agressão física na maioria das crianças, depois dos 2 anos, pois possibilita o exercício da competitividade, experimentação de papéis pela criança, obediência às regras e negociação.

Desse modo, o pai age como dinamizador para a tomada de riscos, no sentido de que incentiva a criança a tomar iniciativa, a explorar, a se aventurar, a medir um obstáculo, a ser mais ousada na presença de estranhos (Paquette et al., 2009; Kromelow et al., 1990). Os pais também têm menos tendência do que as mães para resolver problemas no lugar da criança, fazendo com que ela aprenda a reagir aos acontecimentos imprevistos. Tal aprendizagem é facilitada por jogos desestabilizadores, criativos e originais (Paquette et al., 2009; Labrell, 1996). Há de se considerar, também, o equilíbrio entre apoio e desafio no desenvolvimento humano. Se os cuidadores forem predominantemente apoiantes, não há desafio, não há desenvolvimento. Se o desafio não tiver suporte, apoio, também não há “desenvolvimento” (Lima et al., 2009).

A terceira dimensão, a punição, sugere que apesar do incentivo do pai, ele também pune a criança, proibindo-a de fazer algo, impondo castigos, repreendendo o filho. A esse respeito, é preciso considerar que a punição é compreendida como uma forma coercitiva e negativa de educar. Existem formas mais democráticas de impor limites e regras sem que se recorra a castigos ou à força física. Além do mais, estratégias coercitivas foram relacionadas a dificuldades no desenvolvimento da autorregulação e a uma série de outros efeitos negativos no desenvolvimento da criança (Rebellion & Straus, 2017; Gershoff & Grogan-Kaylor, 2016; Aunola & Nurmi, 2005; Barber, 1996).

Dessa forma, os baixos índices evidenciados pelos participantes nessa dimensão podem indicar que os pais aplicam pouca punição, entretanto, é importante destacar que esses dados não permitem afirmar

quais estratégias utilizam para disciplinar as crianças. Essa evidência vai ao encontro do estudo de Backes (2015), de Schmitz (2018) e de Lima, Serôdio, e Cruz, (2009) os quais obtiveram baixos escores em relação à dimensão punição.

Por outro lado, ressalta-se que a não aplicação de medidas disciplinares adequadas pode colocar a segurança da criança em risco durante situações de exploração, configurando-se um ato negligente (Koltermann et al., 2018). Segundo Aragão, Andrade e Santana (2017), a disciplina adequada caracteriza-se no estabelecimento de limites e regras de forma empática, cuidadosa, paciente e compreensiva, elogiando os acertos da criança e permitindo que o pai se conecte emocionalmente com o filho.

Fletcher (2012) apresenta algumas questões fundamentais acerca da disciplina positiva em contraponto à punição física. Para o autor, a disciplina positiva demanda tempo e paciência por parte dos pais e considera essencial a reeducação de pais, mães e cuidadores para romper com as barreiras de uma educação baseada nos métodos tradicionais punitivos. O autor ainda recomenda que os adultos estariam mais receptivos a mudanças em períodos como o pré-natal e antes de a criança ingressar na escola. Sena & Mortesen (2014) argumentam que quebrar o ciclo da violência não significa condenar pais ou cuidadores quando foram violentos, mas remete à compreensão de todos os contextos de modo a não reproduzir as ações sem questionamento e reflexão, pois as pessoas que conseguiram quebrar este ciclo são sujeitos que ressignificaram a experiência, possibilitando criar com amor.

Portanto, a punição (seja ela um castigo, privação, agressão corporal) repercute negativamente no desenvolvimento infantil. Um estudo realizado no contexto português por Lima et al. (2009), no qual foram investigados 189 pais (somente o pai), mostrou que quanto mais positiva é a representação do envolvimento do seu próprio pai, mais o participante interagia com a criança. Por conseguinte, os pais que mais interagiam com os filhos e estavam mais disponíveis para eles foram os que apresentaram nível de envolvimento menos punitivo. Barros (2015), ao abordar aspectos sobre estratégias educacionais, ressalta a importância do fornecimento adequado de informações sobre desenvolvimento infantil, educação e/ou saúde da criança aos pais, a fim de promover mudanças em suas condutas, por meio da adoção de atitudes educacionais apropriadas e mais eficazes. Segundo a referida autora, o acesso à informação de qualidade e o contato com profissionais psicólogos especializados na área podem contribuir com diferentes formas e possibilidades de disciplinar os filhos. Conhecer e estar atento à fase de

desenvolvimento em que a criança se encontra, bem como as suas necessidades e o contexto familiar em que estão inseridas, revela-se uma importante medida para o desenvolvimento infantil.

Nesta pesquisa não foi identificada diferença estatisticamente significativa entre as dimensões do QOM e do QEP em função do sexo da criança, porém, Backes (2015) e Bolze (2011) mostraram que o pai possui uma tendência a se envolver e abrir mais ao mundo seus filhos do que suas filhas. Este aspecto pode ser em parte compreendido porque se sentem mais seguros para cuidar de meninos, na medida em que estão mais familiarizados com as necessidades do sexo masculino.

Ainda, o estudo de Bueno, Vieira, Crepaldi e Faraco (2017) analisou por meio da situação de risco a relação de ativação pai-criança com 12 díades compostas por seis pais de meninos e seis de meninas. Os resultados mostraram maior ativação de meninos em comparação com meninas. Apesar da limitação do tamanho da amostra, pode-se inferir que há evidências de que os pais brasileiros, nesta pesquisa, ativam seus filhos, e que os meninos são mais ativados do que as meninas. Esse trabalho apontou a importância de que sejam realizadas mais reflexões sobre a interação do pai com a criança, expandindo a discussão sobre a influência cultural sobre o gênero.

Considerando a Teoria da Relação de Ativação ainda bastante recente (Paquette, 2004c), os estudos que enfocam as especificidades da relação pai-filho, utilizando este aporte teórico no cenário brasileiro, são escassos. Paraventi et al. (2017) realizaram um estudo a respeito da percepção de pessoas sem filhos sobre a função paterna de abertura ao mundo, indicando que na percepção dos participantes em relação aos comportamentos do pai ligados ao sexo da criança, o pai realiza comportamentos de abertura ao mundo mais frequentemente com os meninos do que com as meninas. Sugere ainda a realização de pesquisas, com foco na paternidade, que explorem a percepção de pessoas envolvidas na relação familiar, como os avós, o próprio pai, a mãe e/ou os filhos e filhas (Paraventi et al., 2017).

Em relação aos dados sociodemográficos, encontrou-se que metade dos entrevistados possui ou está cursando pós-graduação, caracterizando uma amostra com alto nível de escolaridade. Assim, verificou-se que quanto maior a escolaridade do pai, mais ele estimula a criança a ter perseverança, tal fato pode ser pensado partindo-se do pressuposto de que o pai quer ser uma referência para a criança e irá transferir seus valores e crenças para o filho. Tal fato também foi constatado nos estudos de Bossardi (2015) e de Bueno (2018). Bossardi (2015) menciona que pais com maior nível de escolaridade apresentam

maior envolvimento de modo geral e em jogos físicos com seus filhos. Bueno (2018), além de evidenciar a elevada média de escolaridade dos pais, destaca a faixa etária em que o fato de os pais terem a criança focal após os trinta anos deduz que possivelmente possam ter aguardado o momento de maior estabilidade financeiro-profissional para gerarem a criança.

Pode-se supor que se o pai se empenhou para atingir o nível de escolaridade que possui atualmente, é esperado que ensine e incentive o seu filho a perseverar perante os desafios. Pleck (1997), em seu estudo acerca da paternidade, destaca que para a compreensão do fenômeno é preciso considerar fatores institucionais, como o trabalho do pai. Turcotte e Gaudet (2009) endossam tal aspecto, ressaltando a influência das características sociodemográficas, como o nível de escolaridade, no envolvimento paterno.

Considerando a abertura ao mundo e a forma como suas próprias dimensões correlacionam-se, pode-se constatar que quanto mais o pai realiza estímulo ao risco, maior é seu estímulo à perseverança e à punição. Ou seja, à medida que o pai incentiva para que o filho realize determinada tarefa, apesar dos obstáculos encontrados, mais ele desafia o seu filho a realizar atividades com maior grau de dificuldade. Esse grau de dificuldade está associado às capacidades da criança e depende de seu estágio de desenvolvimento. Portanto, um estímulo ao risco pode envolver descer ou subir uma escada, andar de balanço, andar de skate.

Segundo Paquette (2014, 2004a, 2004b), esse estímulo dado pelo pai é essencial para promover o desenvolvimento infantil, pois possibilita novas aprendizagens à criança, como autonomia e autocontrole. Enquanto o pai motiva o filho, ele também impõe limites e regras por meio da punição, a fim de conquistar, também, a obediência da criança. Bueno (2018) encontrou que a dimensão punição se apresentou positivamente correlacionada com algumas dificuldades da criança (indícios de problemas clínicos, problemas de relacionamento com colegas e hiperatividade). A autora aponta que a dimensão punição apresenta algumas limitações em sua elaboração no instrumento QOM, de modo que ela não poderia ser uma dimensão negativa, pois necessitaria contemplar o controle positivo/disciplina na promoção da abertura ao mundo e imposição de limites.

Essa interação pai-filho, de acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Prati et al., 2008; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 1994), pode ser chamada de processo proximal, pois impulsiona o desenvolvimento de ambas as partes, seja do pai ou do filho. Nesse contato, ambos devem estar engajados em uma atividade,

essa interação deve ser frequente por períodos regulares de tempo, as tarefas realizadas devem ser cada vez mais complexas, permeadas de reciprocidade e afeto e, por último, os símbolos e objetos presentes no ambiente devem ser capazes de despertar a atenção, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento (Papalia & Feldman, 2013). Neste caso, a brincadeira de lutinha é uma dessas atividades promotora de desenvolvimento entre pai e filho (Paquette & Dumint, 2013a). Dessa forma, o envolvimento do pai e a abertura ao mundo que ele proporciona ao filho possibilitam que ele aprenda novos comportamentos, enriquecendo seu papel como pai (Gomes, 2011).

Um dos objetivos desta pesquisa foi relacionar o envolvimento paterno e a abertura ao mundo. Essa relação acontece de tal forma que quando o pai realiza estímulo à perseverança com seu filho, mais ele estimula ao risco e, simultaneamente, ele fornece suporte emocional à criança se mostrando envolvido de maneira geral com ela. Por outro lado, quando o pai utiliza a punição com a criança, menos suporte emocional ele propicia e menos cuidados básicos ele realiza com o filho.

Isso aponta para uma interação entre pai e filho(a), mediada por afeto, no qual o pai, ao mesmo tempo que incentiva também se envolve emocionalmente e oferece segurança para a criança. De acordo com Paquette (2014), a relação de ativação é a ligação afetiva que a criança desenvolve em relação ao genitor que realiza com ela a abertura ao mundo. Portanto, é esperado que o vínculo entre pai e filho forneça a segurança necessária para que a criança se sinta tranquila e encorajada para vencer obstáculos, superar-se, arriscar-se, em um contexto de confiança, em que ela se sinta protegida frente aos possíveis perigos. Uma relação de ativação de boa qualidade é aquela em que a criança aprenderia a ter confiança em suas próprias habilidades de encarar os riscos e as situações desconhecidas em seu ambiente físico e social, visto que seu pai tem lhe estimulado em um contexto seguro a experimentar algo semelhante anteriormente (Paquette, 2014).

Esse vínculo e segurança dados pelo pai à criança são fortalecidos por meio do suporte emocional e da abertura ao mundo que compõem a relação de ativação. Portanto, esse vínculo e envolvimento do pai é o que permite que a criança tenha coragem para enfrentar os desafios e etapas de seu desenvolvimento.

Como foi verificado nesta pesquisa, há uma correlação estatisticamente significativa entre a maior punição, menor suporte emocional e menos realização de cuidados básicos pelo pai com a criança. Esse comportamento pode estar relacionado quando o pai, ao tentar estabelecer limites, utiliza a punição, por meio de castigos, repreensão,

constrangimentos ou até mesmo agressão física ou verbal. Assim, ele não constrói uma relação com seu filho, baseada no afeto e segurança, podendo parecer não disponível emocionalmente e participando pouco de seus cuidados. Dessa forma, como não há uma ligação afetiva suficientemente forte na qual a criança se sinta protegida e encontre conforto, ela acaba não estabelecendo confiança com seu genitor, o que pode fazer com que ela lhe desobedeça. Dessa forma, o pai não consegue exercer sua autoridade de forma democrática e, muitas vezes, recorre à punição para exercer o controle e disciplina com seu filho. Contudo, essa estratégia pode trazer sérios danos para o desenvolvimento da criança e repercutir em sua vida adulta (Paquette, 2014).

No estudo desenvolvido por Lima, Serôdio e Cruz, (2011) com 346 crianças portuguesas, avaliando a percepção delas sobre a forma como os pais (pai e mãe) assumem suas responsabilidades, encontrou-se que quanto mais o pai encarrega-se de responsabilidades, cuidados básicos, jogos e o brincar, maior é a satisfação da criança com aquele envolvimento. A abertura ao mundo fundamenta-se sobre duas dimensões básicas: a estimulação e o controle/disciplina. A estimulação diz respeito aos comportamentos do pai em interação com a criança que visam a incentivar a criança a explorar o ambiente, assumir riscos, tomar decisões. O controle/disciplina visa ao estabelecimento de regras, punição, limites e proteção do pai em relação à criança (Bueno, 2018; Vieira et al., 2017; Paquette, 2004d).

A determinação de limites é essencial e saudável, desde que não seja um limite coercitivo ou violento, pois é através deles que os pais promovem a proteção e segurança de seus filhos. Por meio da ligação afetiva, ela passa a confiar no pai, aceitando os limites que são impostos e se tornando obediente a ele, pois vai adquirindo a consciência de que a orientação dada por seus pais é para seu benefício (Paquette, 2014). Desta forma, o suporte emocional é vital para o estabelecimento de segurança e confiança e, conseqüente, obediência da criança.

6.2 Caracterização do Apego do Pai

Nesta pesquisa buscou-se compreender como o tipo de apego adulto que o pai possui pode ou não influenciar no seu envolvimento com seu filho e na forma como ele ativa ou abre a criança ao mundo, incentivando-a a descobrir o ambiente e a vivenciar novas relações. Por meio da análise de cluster, encontrou-se que nesta amostra 78 pais possuem o perfil de apego seguro e 93 pais, o perfil de apego inseguro. Portanto, a maioria dos participantes da pesquisa constituiu, desde sua

infância, até as relações atuais, padrões de comportamentos característicos de um perfil inseguro.

A Escala de Apego Adulto (EAA) utilizada neste trabalho caracteriza, de acordo com os escores obtidos nas escalas de proximidade, confiança e ansiedade, três diferentes tipos de apego: Apego Seguro, Apego Inseguro Evitativo e Apego Inseguro Ansioso (Collins & Read, 1990). Ao realizar a análise de clusters, o perfil Apego Inseguro Ansioso não pode ser considerado isoladamente, pois apresentou características as quais não correspondiam adequadamente ao Perfil de Apego Inseguro Ansioso, pois os resultados referentes à subescala “ansiedade”, os quais deveriam ser relativamente altos neste perfil, estavam baixos. Portanto, para que os perfis de apego estivessem adequados, os perfis de Apego Inseguro Ansioso e Inseguro Evitativo foram agrupados como pertencentes ao mesmo perfil: o Perfil de Apego Inseguro. Dessa forma, este trabalho aborda e relaciona esses dois perfis, o Apego Seguro e o Apego Inseguro. Esta decisão estatística e teórica pode ter influenciado no maior número de pais com apego inseguro desta amostra.

Ao analisar as médias gerais dos dois grupos de pais, identificou-se que os pais com apego seguro, pertencentes ao perfil 1, possuem médias mais altas do que os pais inseguros (perfil 2) para as dimensões: Estímulo à Perseverança, Estímulo a correr riscos e Cuidados Básicos, sendo que apenas a dimensão estímulo à perseverança não se mostrou estatisticamente significativa, quando realizado o teste t.

Isso confirma o pressuposto deste trabalho de que o tipo de apego do pai interfere na maneira como ele vai se relacionar e se envolver com seu filho e de que os pais com apego seguro demonstram maior atitude de encorajamento em relação à criança, estimulando-a a desenvolver diferentes atividades (motoras, intelectuais) e enfrentar desafios. Esses aspectos vão ao encontro dos resultados de um estudo longitudinal desenvolvido por Grossmann e Grossmann (2009) que ressaltam que pais com padrão de apego seguro é um fator preditivo de maior otimização de desenvolvimento da criança, pois quanto mais o pai fornece estímulo, apoio, carinho, atenção e cuidado mais isso repercute de forma positiva no desenvolvimento infantil. Conforme Bronfenbrenner (2005), os processos proximais entre pais e filhos constituem-se na mola propulsora das trajetórias desenvolvimentais.

Os pais com apego seguro desta amostra participam de forma significativa dos cuidados básicos de seus filhos. Portanto, convergem para um papel de pai contemporâneo, isto é, assumem cada vez mais responsabilidades nos cuidados básicos, nas atividades do dia a dia, o que tradicionalmente competia às mães (Bueno, Gomes et al., 2015; Gorin,

2015). O estudo desenvolvido por Lima et al. (2009), que envolveu 189 pais (pai e mãe) no contexto português, relata que quanto mais o pai assume responsabilidades, mais os filhos demonstraram ficar satisfeitos, e quanto mais interagiam com seus filhos mais competentes se sentiam para realizar o cuidado com a criança. Além disso, pode-se supor que o pai com apego seguro tenha vivenciado desde a infância um senso maior de confiança e segurança em relação a si mesmo e aos seus cuidadores, sentindo-se encorajado e estimulado, passando isso para seus filhos, no momento atual (Pontes et al., 2007).

A análise de regressão logística confirmou que a cada aumento de quinhentos reais na renda, a probabilidade de o pai ter apego seguro aumenta em 2%. Trata-se de uma variação baixa, mas pode-se pensar que quanto melhores as condições financeiras do pai maior a probabilidade de ter um apego seguro. Pode-se hipotetizar, por exemplo, que pais com melhores condições financeiras possuem mais recursos para investir em intervenções terapêuticas que possibilitem que ele tenha um espaço para reflexão e aprimore sua competência para exercer seu papel de pai dentro da família; bem como investimento em informação e participação de cursos que abordem o tema da paternidade e relações familiares (Santos & Angonese, 2016).

As médias mais altas para os pais com apego inseguro (Perfil 2) foram, respectivamente: Punição e Suporte Emocional, dessas duas a dimensão punição revelou diferença estatisticamente significativa após o teste *t*.

A análise de regressão logística reafirmou de forma robusta esses achados. Ou seja, isso quer dizer que o pai com apego inseguro possui uma tendência a punir mais seu filho do que o pai com apego seguro. Assim, como o pai com apego inseguro possui maior inclinação a dar mais suporte emocional para seu filho do que o pai com apego seguro.

De acordo com Ainsworth (1985, 1978), pessoas com apego seguro são capazes de manter com seus cuidadores uma base de segurança, mesmo quando estão angustiados. Elas tiveram/têm cuidadores que foram/são sensíveis a suas necessidades, por isso, têm confiança que suas figuras de apego estarão disponíveis, que responderão e lhes ajudarão nas adversidades. No domínio interpessoal, tendem a ser mais acolhedoras, estáveis e com relações íntimas satisfatórias. No domínio intrapessoal, tendem a ser mais positivas, integradas e com perspectivas coerentes de si mesmas. Ainsworth (1978) ainda definiu mais três tipos de apego inseguros (esquivo ou ansioso, ambivalente ou resistente e por último, desorganizado ou desorientado).

Esses padrões de apego influenciam na formação da personalidade da pessoa e na dinâmica que vão estabelecer em suas relações futuras (Melchiori & Dessen, 2008). Isso pode explicar o fato de o pai com apego inseguro punir mais seu filho, por apresentar um modelo de se relacionar baseado na insegurança, utilizando estratégias não positivas para resolver conflitos ou impor sua autoridade e respeito. Portanto, pode-se inferir que este pai com apego inseguro não apresente estrutura psíquica suficientemente forte e segura para enfrentar os desafios no envolvimento com seu filho (Benczik, 2011).

Portanto, um dos aspectos identificados nos estudos sobre o apego é que a segurança do apego é transmitida de uma geração para outra, e as relações de apego com pais e outros cuidadores constituem-se as mais importantes e influentes, nos primeiros anos de vida da criança (Grossmann & Grossmann, 2009; Bowlby, 1982/1969). Esta constatação está embasada em resultados empíricos presentes em uma variedade de estudos, divergindo em relação ao *status* socioeconômico (Tarabulsky, Bernier, Provost, Maranda, Larose, Moss, Larose, & Tessier, 2005), idade da mãe (Ward & Carlson, 1995) e seus aspectos culturais (Grossmann, 2014; Grossmann & Grossmann, 2013; Grossmann, Grossmann, Kindler, & Zimmermann, 2008; Sagi-Schwartz, van IJzendoorn, Grossmann, Joels, Grossmann, Scharf, Koren-Karie, & Alkalay, 2003).

Uma recente análise realizada em uma amostra maior de estudos confirmou este panorama (Verhage, Schuengel, Madigan, Fearon, Oosterman, Cassibba, Bakermans-Kranenburg, & IJzendoorn, 2016; Bortolini & Piccinini, 2015). O enfoque teórico que apoia a continuidade intergeracional do apego tornou-se mais complexo ao longo do tempo, de acordo com evidências crescentes nesta área (Verhage, Schuengel, Madigan, Fearon, Oosterman, Cassibba, Bakermans-Kranenburg, & van IJzendoorn, 2016; Bortolini & Piccinini, 2015). De acordo com essas pesquisas, a sensibilidade dos cuidadores é identificada inicialmente como veículo principal do processo de transmissão. Outro ponto crucial ressaltado por Kreppner (2000) e Tudge (2008) é que além das figuras parentais, contextos como a escola, o trabalho, a família estendida, entre outros, pode influenciar o desenvolvimento infantil e a transmissão intergeracional de comportamentos e atitudes relacionadas aos padrões de apego (Pontes et al., 2007).

Nessa perspectiva, pode-se considerar o apego uma construção na medida em que engloba processos dinâmicos, possibilitando transformações de forma que o apego inseguro possa ser interrompido e modificado (Velderman, Bakermans-Kranenburg, Juffer, & van IJzendoorn, 2006). Essa mudança pode estar relacionada com o fato de os

pais entrarem em contato com a história de sua própria infância, refletirem sobre sua relação com seus próprios cuidadores e, também, adquirirem informações a respeito de como responder mais adequadamente às demandas de seus filhos. Dessa forma, tornam-se conscientes de sua própria trajetória, modificando, assim, suas condutas para um desenvolvimento satisfatório seu e de seus filhos.

6.3 Relação Entre os Perfis de Apego do Pai e os Perfis de Abertura ao Mundo

A abertura ao mundo realizada pelo pai em relação ao filho foi investigada através da análise de cluster, a qual produziu perfis de abertura ao mundo, ou seja, os pais foram agrupados de acordo com as semelhanças nas médias das dimensões, resultando em quatro perfis diferentes: (1) pai ativador; (2) pai protetor; (3) pai imprudente; (4) pai autoritário.

O perfil de pai ativador (1) caracteriza-se por pais que obtiveram altos índices de estímulo à perseverança e escores médios de estímulo a assumir riscos e punição. Portanto, caracteriza-se pela adequada ativação, evidenciando que os pais com esse perfil promovem a abertura ao mundo de seus filhos, repercutindo significativamente no desenvolvimento de sentimentos como confiança em si mesmo, controle da ansiedade, agressividade e ajudando nas habilidades sociais como ser cooperativo, proativo e corajoso, ao enfrentar perigos ou desafios, seja na presença dos cuidadores como na ausência dos mesmos (Gaumon et al., 2016; Dumont & Paquette, 2013; Gaumon & Paquette, 2013; Paquette & Dumont, 2013a, 2013b; Brussoni & Olsen, 2011).

O perfil de pai protetor (2) é constituído por pais que estimulam a criança à perseverança e incentivam pouco a criança a vivenciar outras experiências no meio externo e com outras pessoas e quase não exercem punição. Este perfil alinha-se com o que Paquette & Bigras (2010) caracterizaram como crianças subativadas, quando os pais adotam um comportamento de disciplina e proteção maior do que o incentivo a explorar o ambiente e participar de brincadeiras ou situações de risco controlado. Essa postura parental pode trazer prejuízos ao desenvolvimento da criança, impedindo de ela ter experiências em que aprenderia a identificar riscos, colocando-a em situação de insegurança (StGeorge et al., 2015).

Por outro lado, as pontuações medianas na dimensão Estímulo a Assumir Riscos podem ser decorrentes de receio dos cuidadores que seus filhos corram risco de machucar-se. Um estudo sobre interação de 49

díades pais-filhos e o risco de as crianças ferirem-se corroboraram este aspecto, pois apontou que o Estímulo à Perseverança pode ser considerado um fator protetivo para as crianças, enquanto o Estímulo ao risco foi apontado como fator de risco para acidentes com a criança (StGeorge et al., 2015).

O perfil de pai (3) imprudente engloba pais que relataram alto índice de Estímulo à Perseverança, elevado Estímulo a Assumir Riscos e pouca Punição. Esses pais, ao propiciar uma elevada estimulação da criança a assumir riscos, apresentam comportamento compatível com a superativação estudada por Paquette e Bigras (2010). Ao mesmo tempo em que incentivam a criança para a autonomia, curiosidade, como fatores positivos, assumem um comportamento de risco à criança na medida em que não impõem limites ou disciplina, pois tendem à pouca punição (Brussoni & Olsen, 2011). Esse comportamento paterno pode propiciar maior risco de acidentes, ferimentos graves à criança, questionando-se sua potencialidade de protegê-la.

O perfil de pai autoritário (4) reúne pais que realizam Estímulo à Perseverança e Punição de modo mediano e raramente estimulam seus filhos a assumir risco. Este pai, em geral, pode revelar ter tido pais autoritários, severos com alto grau de punição e impedimento de correrem risco, de participarem de brincadeiras mais desafiantes, reproduzindo esta postura do pai tradicional, provedor e disciplinador, podendo estar associado, ainda, com baixa escolaridade ou baixo nível socioeconômico. Essa criança subativada, insegura e submissa tem grande dificuldade de tomar iniciativa e integrar-se em atividades grupais (Paquette & Bigras, 2010). Por outro lado, o pai autoritário pode romper com este comportamento por meio do apoio terapêutico, de modo a conhecer e explorar condutas adequadas para disciplinar os filhos (Böing & Crepaldi, 2016).

Os resultados encontrados no presente estudo alinham-se com o período de transição das mudanças na parentalidade, ocorridas nas últimas décadas (Barroso & Machado, 2015; Gorin, Mello, Machado, & Féres-Carneiro, 2015; Martins, Nunes, Oliveira, Vieira, Manfroi, & Rubin, 2014). A ocorrência de níveis similares de Estímulo a Assumir Riscos e Punição revela maior vinculação dos pais na vida de seus filhos, como apresentado pela literatura (Bossardi et al., 2013; Gomes et al., 2013). Este dado corrobora os achados atrelados à participação paterna no desenvolvimento de crianças e adolescentes de estudos longitudinais relatados em recentes revisões da literatura (Gomes et al., 2013; Vieira et al., 2014).

Nota-se uma sociedade em transição, com famílias em que as mães são responsáveis pela educação das crianças, e outras em que essa responsabilidade é dividida entre o casal. Como apontado por Martins et al. (2014), as práticas parentais não se transformam na mesma velocidade que as exigências sociais. Isso porque esse fenômeno refere-se a questões culturais que enfatizam a responsabilização da mulher pelo cuidado com os filhos e com os afazeres domésticos e, que nesse sentido, contribuem para que a mãe regule a possibilidade ou não do pai envolver-se com a criança.

Tendo isso em vista, ao falar de perfis de abertura ao mundo, pode-se construir um paralelo com os estilos educativos parentais. A investigação tem mostrado diversos resultados que apontam para a importância das relações precoces e das atitudes e comportamentos parentais neste âmbito, nomeadamente no que diz respeito aos padrões educativos dos pais (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Numa abordagem tipológica, Baumrind contribui para o debate em torno da influência dos pais no desenvolvimento das crianças, com a sua proposta de três estilos parentais: Autoritário, autoritativo e permissivo (Marin, Piccinini, Gonçalves, & Tudge, 2012; Piccinini, Frizzo, Alvarenga, Lopes, & Tudge, 2007; Baumrind, 1989, 1978, 1971; Darling & Steinberg, 1993). Na definição da autora, os pais com um estilo autoritário, o que se aproximaria do perfil de pai autoritário encontrado nesta pesquisa, apresentam valores reduzidos de afetividade e elevados níveis de controle e restritividade. Exercem um controle psicológico rígido, tentam influenciar, controlar e avaliar o comportamento e atitudes dos filhos de acordo com um padrão absoluto, valorizam a obediência, favorecem a punição e tentam imprimir à criança valores tradicionais como o respeito pela autoridade, pelo trabalho, pela tradição e preservação da ordem (Baumrind, 1971, 1978, 1989).

Numa configuração autoritativa (o estilo ideal para Baumrind), o qual se assemelha aos pais tidos como ativadores e protetores, os pais exercem um controle firme e são afetuosos, calorosos e correspondem às necessidades das crianças. Estimulam a comunicação aberta e o diálogo entre si e os seus filhos e encorajam a sua autonomia e individualidade. Compartilham as decisões tomadas, reconhecem os seus direitos e os direitos da criança, procuram encaminhar as suas atividades de modo racional e têm uma atitude de enfrentamento face às divergências, sem exagerar nas restrições.

Explicitam os seus valores esperando que as crianças atendam às normas que lhes dizem respeito e partilham com elas as razões das decisões. Estes pais têm níveis elevados de exigência, mas também de

afetividade e promovem um ambiente intelectualmente estimulante para os seus filhos. Os pais autoritativos estão altamente comprometidos e investem significativamente na educação dos seus filhos (Baumrind, 1991, 1971). Baumrind menciona que este estilo aumenta a eficácia da parentalidade, modificando as características das crianças que, por sua vez, fortalecem as capacidades dos pais como promotores de socialização (Darling & Steinberg, 1993).

Os pais com um estilo permissivo têm uma atitude tolerante e de aceitação face aos impulsos, desejos e ações da criança e evitam tomar posições de autoridade e impor limite ou restrições aos seus filhos, corresponderiam ao perfil de pai imprudente deste trabalho. São pais pouco punitivos, permitem às crianças regular o seu próprio comportamento e tomar as suas próprias decisões sempre que possível, e exigem poucas regras de rotina (Baumrind, 1971). Tanto os pais com um estilo permissivo como os pais com um estilo autoritário fazem, segundo Baumrind, poucas exigências de maturidade e interação de modo ineficaz (Baumrind, 1978).

As crianças sujeitas a um estilo autoritário tendem a ter valores baixos de autoestima, a ser mais ansiosas, receosas, inseguras, agressivas, dependentes, socialmente inibidas, com dificuldades na regulação das emoções e insatisfação, tendem também a ter mais comportamentos de externalização e delinquência, e podem ter níveis reduzidos de responsabilidade social (Odubote, 2008; Brar, 2003; Hart, Newell, & Olsen, 2003; Nix Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit, & McFadyen, 1999; Steinberg, Dornbusch, & Brown, 1992; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Baumrind, 1971).

Já uma configuração permissiva parece comprometer o desenvolvimento intelectual e social das crianças, no que diz respeito à sua assertividade e responsabilidade social, demonstrando dificuldades na autonomia, regulação das emoções, baixos níveis de autocontrole, autoconfiança, autoestima, persistência e de realização, imaturidade, dependência, impulsividade e agressividade, bem como mais comportamentos disruptivos (Sommer, 2007; Cole & Cole, 2001; Lamborn et al., 1991; Baumrind, 1989, 1971, 1966; Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987; Maccoby & Martin, 1983).

O estilo permissivo parece também estar relacionado com o afeto negativo (Lagacé-Séguin & d'Entremont, 2006). Em comparação com o estilo autoritário e o estilo autoritativo, estas crianças evidenciam níveis reduzidos de autonomia, autoestima, autocontrole e capacidade de exploração. Os filhos de pais autoritativos parecem ser crianças com melhor desempenho intelectual, mais competentes e sociáveis e ter menos

problemas de internalização e externalização (Steinberg, Blatt-Eisengart, & Cauffman, 2006; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, 1994; Steinberg, Dornbusch et al., 1992; Steinberg, Lamborn, Dornbusch, & Darling, 1992; Lamborn et al., 1991; Baumrind, 1989, 1977, 1971, 1966; Grolnick & Ryan, 1989; Steinberg, Elmen, & Mounts, 1989; Dornbusch et al., 1987) e menor tendência para a internalização de sintomas (Williams, Degnan, Perez-Edgar, Henderson, Rubin, Pine, Steinberg, & Fox, 2009).

De forma semelhante, a pesquisa de Nunes, Faraco, Vieira, Lisboa e Rubin (2015) investigou o papel mediador do vínculo de apego na relação entre práticas parentais e problemas externalizantes (agressividade/delinquência) e internalizantes (retraimento social/ansiedade/depressão). Os resultados revelaram o papel mediador do vínculo de apego materno nos problemas externalizantes, mas não nos internalizantes, e salientaram a importância de se considerar a qualidade do apego nas relações entre práticas parentais e problemas emocionais e comportamentais na infância.

Nesse sentido, os perfis de apego seguro (1) e inseguro foram relacionados aos perfis de abertura ao mundo e encontrou-se que, do total dos pais com apego seguro, a maior parte (47,44%) é do perfil pai imprudente (3). O estudo desenvolvido por Byng-Hall (1995), acerca dos padrões relacionais de apego, aponta que a dificuldade no comportamento de cuidado parental pode estar ligada a relatos de dificuldades nos próprios relacionamentos de vinculações infantis desses pais com suas figuras de apego, especialmente em casos de morte, abandono, divórcio ou separações longas dos pais.

O fato de a maior parte dos pais com tipo de apego seguro serem pais imprudentes (perfil 3) pode ser explicado devido a alguns fatores que podem estar relacionados a essa postura, como desejar fornecer maior liberdade ao filho do que tiveram quando crianças (Gabriel & Dias, 2011), diminuindo a responsabilidade que possuem com a segurança da criança e permitindo que a mesma se exponha a uma situação de risco. Esses pais em geral podem estar confundindo comportamento autoritário que evitam ter, com o papel de autoridade que necessitam exercer para que a criança o tenha como referência de figura paterna que inspire confiança e segurança. Dessa forma, esses pais acabam indo de um extremo ao outro (de uma postura autoritária para permissiva), carecendo de um equilíbrio, o qual seria exercer sua autoridade de maneira a conquistar o respeito e obediência do filho, de forma democrática.

Sendo assim, os pais que vivenciaram um estilo de apego seguro terão uma tendência a possuir melhores recursos e estratégias na educação

de seus filhos, pois se sentem mais capazes de atender às demandas da criança e estão mais disponíveis para atender às necessidades infantis. Nos estudos de Backes (2015); Gomes et al. (2013); e Paraventi et al. (2017), são apresentadas a relevância que a figura paterna pode exercer ao auxiliar os filhos no desenvolvimento de habilidades e a autoconfiança em situações novas, ameaçadoras e de competição; o que permite conferir à criança maior autonomia para explorar o mundo e as relações (Paquette et al., 2009).

Pais e mães de perfis “Imprudentes”, por outro lado, relacionam-se com a superativação infantil, essas crianças tendem a apresentar problemas para regular a agressividade de relacionamento com pares e autoridades (Paquette & Bigras, 2010). As estratégias interventivas nesse caso devem focar-se na dificuldade dos cuidadores em estabelecer regras e limites para seus filhos (Koltermann et al., 2018).

Quando o apego inseguro (perfil 2) foi relacionado com os perfis de abertura ao mundo, obteve-se que do total de pais com apego inseguro, a maior parte é de pais do perfil 4 (pai autoritário). Dessa forma, neste trabalho, os pais com apego inseguro demonstraram ter, predominantemente, um perfil mais autoritário com os filhos, utilizando estratégias negativas para educá-los como a punição que já foi discutida anteriormente. Isso pode indicar que o pai com apego inseguro pode ter tido um modelo de cuidadores autoritários em sua infância e reproduz isso com seus filhos, necessitando de estratégias mais afetivas e adequadas de impor limites aos filhos, visto que a literatura aponta para uma relação positiva entre punição corporal e problemas de comportamento infantil, ao longo do desenvolvimento (Rebblon & Straus, 2017; Gershoff & Grogan-Kaylor, 2016). Ainda, estudos relacionam os efeitos danosos à saúde mental da criança com experiência de pai autoritário (Sakamoto, Adachi, & Kitamura, 2014).

Todorov (1996) argumenta que a experiência da parentalidade é um tanto contraditória em seu exercício: por um lado, o amor dos pais pelo filho, almejando que ele se torne uma pessoa independente e que o “amor bem-sucedido” possa permitir o doloroso movimento de afastar o filho de si. Em contraponto, há uma vontade de que os filhos não se emancipem e permaneçam dependentes dos pais. Nesse caso, pode-se pensar que pais que experienciaram um tipo de apego ansioso com sua família de origem, provavelmente apresentarão maiores dificuldades no exercício da parentalidade; podendo superproteger os filhos e tornarem-se vigilantes em excesso, com medo de perderem o afeto deles e não permitindo que sejam emancipados e vivam novas experiências pelo receio do “ninho vazio” e de se tornarem solitários.

Os pais tendem a repetir o modelo parental aprendido. Entretanto, isto nem sempre ocorre. Existem pessoas que rompem com os padrões. Algumas mães que lembram terem se sentido rejeitadas ao invés de aceitas, durante a sua infância, podem se tornar mais responsivas com seus próprios filhos, demonstrando que uma diferenciação pode otimizar as estratégias maternas. Alterações culturais fundamentais ocorreram ao longo do último século. Dentre tais alterações, caracteriza-se “a transição do modelo tradicional – controlador, assimétrico e autoritário – para um dito ‘moderno’, mais centrado na criança, que valoriza a comunicação e a independência dos filhos” (Biasoli-Alves, Caldana, & Silva, 1997).

Em consonância com Bowlby (1990) e Todorov (1996), pode-se dizer que o apego seguro, evidenciado pela boa interação entre pais e filhos, permeado por aspectos de afetividade, disponibilidade da figura parental, limites e segurança, é um elemento fundamental para a saúde mental presente e futura do indivíduo. Assim, o desenvolvimento da confiança durante a infância, o sentimento de ser amado, entre outros aspectos, permite quando adulto, encarar os desafios e as dificuldades que surgirem com mais segurança.

O percurso realizado neste trabalho evidenciou a inter-relação entre os fenômenos investigados, a inegável influência do apego do pai no envolvimento paterno e a abertura ao mundo. Ressalta-se a importância de se investir em pesquisas nesta temática com o planejamento de práticas, intervenções clínicas ou acadêmicas que atentem cada vez mais para a importância do papel do pai para a formação do indivíduo e da família. Desse modo, este estudo contemplou a multidimensionalidade da temática apresentada com vistas à sustentação da tese de que o apego do pai influencia na forma com a qual ele se envolve com o filho, estimulando-o a abrir-se ao mundo e às novas experiências e desafios.

7 Considerações Finais

7.1 Principais Conclusões e Contribuições

O presente estudo possibilitou compreender a relação entre o apego adulto do pai, envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre 4 e 6 anos. Destaca-se que os pressupostos do estudo foram confirmados nesta pesquisa: De forma geral, os pais com apego seguro envolvem-se de forma mais predominante em atividades de estímulo ao risco e em cuidados básicos com a criança do que os pais com apego inseguro, e essa diferença mostrou-se estatisticamente significativa. Ou seja, pode-se pensar que os pais que desenvolveram um apego seguro sentem-se mais confiantes para incentivar seus filhos a explorarem o ambiente e a desenvolverem atividades desafiadoras, lhes dando segurança e promovendo sua autonomia, ao passo que também se consideram preparados para cuidar da criança, alimentando-a, dando banho, levando-a à escola, entre outras atividades.

Por outro lado, os pais com perfil de apego inseguro relataram exercer mais punição do que os pais do perfil de apego seguro, e esta diferença também se mostrou estatisticamente significativa. Este dado chama a atenção e propõe que se repense a influência desses padrões de apego também nas práticas educativas parentais, ressaltando-se a importância de se considerarem as relações familiares e demais aspectos do contexto, como cultura, situação socioeconômica, moradia e trabalho. Também se identificou que os pais com perfil de apego inseguro fornecem maior suporte emocional para a criança e que os pais com perfil de apego seguro exercem maior estímulo à perseverança, entretanto, essas diferenças não se mostraram estatisticamente significativas. Isso pode indicar que o pai com apego inseguro pode ter uma necessidade maior de proteger a criança, realizando maior suporte emocional com ela, e o pai com apego seguro encoraja mais a criança a não desistir de determinadas tarefas, estimulando-a a ser persistente. Provavelmente o pai com perfil de apego seguro também tenha sido bastante estimulado por seus pais, reproduzindo isso com o filho.

Salienta-se aqui a contribuição da Teoria do Apego que traz uma alternativa de compreensão do desenvolvimento socioafetivo humano, a qual prioriza aspectos fundamentais das primeiras interações do ser humano com seus cuidadores e revela sua influência nas relações futuras por meio da transmissão intergeracional de padrões de relacionamento. Sendo assim, este estudo possibilitou a investigação aprofundada de aspectos ligados ao apego do pai e como isso interfere na relação com seu

filho através de uma perspectiva sistêmica, levando em conta que ainda não existem na literatura nacional pesquisas que abordem o tipo de apego do pai e sua relação com o envolvimento paterno e a relação de ativação pai-filho.

Enxergar sistemicamente este objeto de estudo significa considerar, além dos fenômenos relacionais, os fenômenos psíquicos de uma complexa rede de relações interpessoais, ou como uma teia de fenômenos recursivamente interligados. Deve-se ampliar o foco pesquisado e analisar cada variável investigada como inter-relacionada e inserida em um contexto maior, evitando o determinismo, mas considerando alguns dados como uma tendência ou probabilidade de ocorrência de um desfecho específico. Dessa forma, constatou-se que o tipo de apego que o pai desenvolveu com seus cuidadores, ao longo de sua vida, influenciou na forma como ele estabeleceu suas relações com outras pessoas, inclusive, no seu próprio exercício da paternidade, assim como a relação com seu filho estará ao mesmo tempo agindo e modificando a sua forma de ser pai, considerando o contexto familiar em que estão inseridos.

Na análise de cluster que foi realizada nesta pesquisa, foram cruzados os perfis de apego com os perfis de abertura ao mundo realizados pelos pais com seus filhos. Esses resultados fornecem um dado importante a respeito da relação entre o tipo de apego e a forma como o pai exerce sua ativação com a criança. Nota-se que a maioria dos pais com perfil de apego seguro são os pais considerados imprudentes e que a maior parte dos pais com apego inseguro pertence ao perfil de pais autoritários. Dessa forma, pode-se compreender que há uma tendência de o pai com apego inseguro utilizar mais práticas de punição na sua conduta com o filho, e o pai com apego seguro tem maior probabilidade de exercer pouca punição.

Assim, percebendo a potencialidade que a Abertura ao Mundo traz ao desenvolvimento infantil, há de se considerar o fomento de políticas públicas voltadas à promoção da parentalidade positiva, bem como ações de atenção aos pais e pessoas em geral, estimulando a participação em grupos psicoeducativos, considerando as especificidades dos perfis parentais e promovendo estratégias interventivas adequadas.

Recomenda-se pensar o apego numa perspectiva relacional contextual mais ampla, ainda que as pesquisas apontem as relações maritais como constituintes do núcleo relacional da vida familiar, a análise contextual possibilita lançar um olhar sobre o apego ligado a aspectos que vão além do contexto familiar, ou seja, além das figuras

parentais, contextos como a escola, o trabalho, a família estendida, entre outros, exerce influência sobre o desenvolvimento infantil.

Cabe ressaltar, também, que o teste t não revelou diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do QEP e do QOM, em função do sexo da criança. Em relação às variáveis sociodemográficas, os participantes desta amostra caracterizam-se por alto nível de escolaridade e renda, sendo que 31,6% dos pais possuíam pós-graduação e 46,2% ganhavam acima de 7.501 reais por mês. Afirma-se que as variáveis sociodemográficas interferem de forma relevante no envolvimento paterno e também na abertura ao mundo. Verificou-se que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos suporte emocional e cuidados básicos ele realiza com a criança. Também se constatou que quanto maior a escolaridade do pai, mais envolvido de forma geral ele é com seu filho. Por outro lado, quanto maior a jornada de trabalho, menos ele se envolve com a criança. Esses dados reafirmam a necessidade de se considerar o contexto, ao estudar esses fenômenos, pois o tempo que o pai dedica ao seu trabalho é um momento em que ele não está presente, dando atenção e cuidando da criança, porém está contribuindo para seu sustento e para prover melhores condições de vida a ela. Ressalta-se a importância de investimento de tempo de interação de qualidade com a criança, cuidando dela sempre que possível com disposição e carinho, fornecendo segurança e suporte emocional a ela.

Portanto, os achados desta pesquisa possibilitam chamar a atenção para a importância do pai no desenvolvimento infantil, desempenhando um papel também de protagonista e não apenas de coadjuvante da mãe nos cuidados à criança. Essa mudança de perspectiva tem se transformado bastante nas últimas décadas, devido às modificações sociais, econômicas e culturais, as quais permitiram que a mulher buscasse sua independência financeira, se inserisse no mercado de trabalho e assim passasse a compartilhar as tarefas de cuidado da casa e dos filhos com seu companheiro. Assim, o pai vem alcançando um lugar de destaque no âmbito familiar e também sendo alvo de pesquisas científicas. Este trabalho mostra como é fundamental aprofundar os conhecimentos sobre a paternidade e suas nuances, a fim de incluir cada vez mais a participação do pai em diferentes contextos e subsidiar a prática de profissionais que trabalhem com o tema, tanto no meio acadêmico como na assistência ou na clínica.

É imprescindível lembrar que existem casos em que a criança não tem a chance de crescer ou conviver com seu pai (biológico ou não) por diversas razões (morte, separação, entre outros). Isso não significa que a criança, por ter crescido sem a figura paterna, terá prejuízos para o seu

desenvolvimento. Geralmente nessas situações existe outra pessoa que exerce essa função e outros aspectos devem ser considerados como o contexto social e familiar da criança, saneamento básico, condições de alimentação, lazer, vestimenta e acesso à escola.

7.2 Considerações Metodológicas e Limitações do Estudo

Com relação aos aspectos metodológicos adotados, os instrumentos utilizados nesta pesquisa atenderam aos objetivos propostos. Entretanto, devem ser consideradas limitações e sugestões para melhor estudar o fenômeno. Uma delas é o fato de que os questionários QEP, QOM e EAA não eram validado²⁰ para o Brasil no momento da coleta de dados, mas foram traduzidos e adaptados e pré-validados para este país e foram validados atualmente. Porém, para atenuar possíveis interpretações equivocadas por parte dos pais no momento da coleta, algumas adaptações foram realizadas nos itens dos questionários (explicitado em detalhes no método), e a pesquisadora estava presente, colocando-se à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento que fosse necessário.

Acredita-se que esta pesquisa traz contribuições acerca da compreensão da Abertura ao Mundo no âmbito nacional e enriquece a literatura pertinente sobre a teoria da Relação de Ativação. Para estudos futuros sobre a Abertura ao Mundo, sugere-se agregar outras variáveis como a coparentalidade, o maternal gatekeeping, bem como dimensões do comportamento do temperamento infantil.

Considera-se importante rever o instrumento QOM, de forma a adequar itens que caracterizem a determinação de regras, de limites e de repreensões condizentes com a dimensão Disciplina e não Punição, alterando desta forma o nome da dimensão para Disciplina. Considerando a diversidade cultural e sociodemográfica do Brasil, interessante que se produzam outros estudos em diferentes regiões, ampliando a discussão dos perfis encontrados.

Um dos grandes desafios de concretização desta pesquisa foi o recrutamento dos participantes, devido ao tamanho da amostra ser extensa e contar com 171 pais. Houve bastante investimento por parte da pesquisadora e de todos os integrantes do grupo de pesquisa, para atingir a meta e conseguir finalizar a coleta de dados. Isso incluiu esforços, organização e disponibilidade de tempo, uma vez que os pesquisadores

²⁰ Agora esses instrumentos já estão validados e os artigos correspondentes encontram-se no prelo.

deveriam se adaptar aos horários em que as famílias se colocavam à disposição. Cabe ressaltar que a coleta teve duração aproximada de um ano e meio, o que também comprova a importância e dimensão deste trabalho, levando em conta as condições e desafios, ao se realizar uma pesquisa deste porte no contexto científico brasileiro. Os pais foram acessados através de instituições de educação infantil, para as quais foram enviadas cartas-convite e, também foi utilizada a estratégia “bola de neve”, por meio desta, os pais que aceitavam participar indicavam outros candidatos a participarem e contribuírem com o objeto de estudo, formando-se uma rede de indicações.

A respeito das medidas de avaliação do apego, de forma geral, a Escala de Apego Adulto (EAA) utilizada neste trabalho tem valor relevante por identificar o padrão de apego ao longo do ciclo vital e sua ação sobre os relacionamentos que o indivíduo estabelece, além de identificar aspectos da representação mental dessas relações e do funcionamento social. A aplicação desses instrumentos permite que os resultados obtidos sejam empregados em intervenções em âmbito clínico ou em programas sociais. Sendo assim, os métodos de avaliação do apego evidenciam recursos significantes para os profissionais da saúde mental, os quais podem utilizá-los em contextos diversos e em várias fases do ciclo vital. Todavia, esses instrumentos que avaliam o apego nas diversas fases do desenvolvimento ainda não foram adaptados e validados para a população brasileira, trazendo desafios para os estudos com essa população e tornando necessária a criação de métodos de avaliação para as diferentes faixas etárias no Brasil. Nesse sentido, esta pesquisa representa um avanço fundamental de aprofundamento e exploração da Teoria do Apego no contexto brasileiro, vislumbrando contribuições gerais para essa teoria e apontando a necessidade de que as pesquisas brasileiras envolvam outras fases do ciclo vital, além da infância, e que procurem investigar a estabilidade dos padrões de apego, ao longo do desenvolvimento.

As discussões e questionamentos a essa perspectiva enfatizam a necessidade de melhor explorar e aprimorar conceitos a respeito da Teoria do Apego por meio de mudanças nos métodos empregados nas pesquisas sobre o apego. Apesar de alguns aspectos da Teoria do Apego serem de caráter naturalista, dado seu foco na etologia, pode-se constatar que os conceitos dessa teoria agregam também conhecimentos de aprendizagem, flexibilidade e adaptação, proporcionando uma compreensão ampla do desenvolvimento humano. Assim, devem ser considerados os aspectos controversos na Teoria do Apego, como, por exemplo, o determinismo

implícito nas relações de apego precoce, sendo que é inquestionável seu valor para a psicologia.

7.3 Desdobramentos para a Prática e Estudos Futuros

Ainda que alguns questionamentos apontem para a necessidade contínua de pesquisas para o enriquecimento da Teoria do Apego, os padrões de apego formados na infância têm sido entendidos como duradouros e presentes, nas diferentes fases do ciclo de vida. A Teoria do Apego representa um campo farto de alternativas de aplicações, propícias às áreas referentes à compreensão do desenvolvimento humano. Além disso, as pesquisas sobre a Teoria do Apego, em relação aos aspectos ligados ao apego, nas diversas fases do ciclo vital, têm sido desenvolvidas em diversos países, embora no Brasil a maioria delas ainda esteja restrita ao estudo do apego na infância.

Considerando as relações entre apego adulto e sua influência no envolvimento paterno e interação pai-filho, é imprescindível chamar a atenção para a importância e especificidades sobre a relação pai-filho. Dessa forma, podem ser pensadas e planejadas ações no âmbito dos setores da saúde, educação e assistência social, com vistas a desenvolver programas de intervenção que atentem para questões relacionadas à paternidade.

Uma proposta interessante seria fazer um levantamento sobre o interesse dos pais e suas famílias, nestes setores, sobre os tipos de atividades que gostariam de ver oferecidas para participarem e que temas gostariam de discutir nestes espaços. Programas de prevenção e práticas educativas coercitivas também são fundamentais, quando se lida com pais no Brasil, país em que a violência contra a criança é um problema grave. Programa cuja eficácia seja testada para que tenha credibilidade.

No contexto da clínica psicológica, um desdobramento possível deste trabalho seria o de adotar uma postura de incluir o pai nas decisões a respeito da vida do filho ou também de motivá-lo e conscientizá-lo da importância de sua presença, ao longo da vida da criança, trabalhando no sentido de fortalecer os vínculos e promover relacionamentos saudáveis.

Com base nos resultados encontrados, sugerem-se alguns temas que ainda podem ser explorados em estudos empíricos futuros:

- a) apego, envolvimento paterno e abertura ao mundo, utilizando método observacional, em estudos longitudinais;
- b) investigação do apego, envolvimento paterno e da abertura ao mundo em novas configurações familiares (famílias recasadas ou homoafetivas) e condições socioeconômicas;

- c) acompanhamento longitudinal dos pais pesquisados: semelhanças e diferenças no envolvimento paterno e estrutura familiar, ao longo do tempo;
- d) a formulação e avaliação da eficácia de programas de intervenção que valorizem a presença e as funções que o pai exerce;
- e) investigar o apego em diferentes faixas etárias;
- f) investigar a transmissão intergeracional dos padrões de apego, no contexto familiar;
- g) explorar diferenças e influências culturais na formação do apego e suas influências para o desenvolvimento do sujeito;
- h) produção de outros instrumentos (como entrevista por exemplo) que avaliem de forma mais aprofundada e detalhada a abertura ao mundo e a dimensão da punição;
- i) pesquisar sobre outros determinantes da parentalidade e paternidade;
- j) incremento de pesquisas sobre função de abertura ao mundo que comparem pais e mães e diferentes culturas (estudo transcultural);
- k) emprego de medidas observacionais em conjunto com questionários de autorrelato, com vistas a aprimorar os estudos sobre a Relação de Ativação.

Concluem-se, então, estas considerações e este trabalho, esperando ter atingido o propósito de contribuir com o aprofundamento dos resultados empíricos das pesquisas brasileiras sobre apego, paternidade e abertura ao mundo, tendo em vista que as pesquisas sobre ambas as variáveis principais deste estudo ainda são escassas no país.

Referências

- Adamsons, K., & Johnson, S. K. (2013). An updated and expanded meta-analysis of nonresident fathering and child well-being. *Journal of Family Psychology, Washington, 4*(27), 589-599. doi: 10.1037/a0033786
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond Infancy. *American Psychologist, 44*, 709-716.
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Attachments across the lifespan. *Bulletin of the New York Academy of Medicine, 61*(9), 792-812.
- Ainsworth, M. D. S. (1978). *Patterns of attachment: assessed in the strange situation and at home*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S. (1972). Attachment and dependency: a comparison. In J. L. Gewirtz (Ed.), *Attachment and dependency* (pp. 97-137). Washington, D.C.: V.H. Winston.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment. A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Alvarenga, P., Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2009). Estabilidade e mudanças nas práticas educativas de mães e pais dos 18 para os 24 meses. *Interação em Psicologia, 13*(2), 253-262. Recuperado de: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index/php/psicologia/article/viewFile/12719/11371>
- Alvarenga, P., Gomes, Q. S., Freitas, L. M. A., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Modelos Teóricos e instrumentos para a avaliação da relação pai-criança. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. S. do Vale Zucoloto (Eds.), *Paternidade na sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família* (pp. 195-212). Curitiba: Juruá.
- Andolfi, M. (1984). *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andrade, R. P. de, Costa, N. R. D. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2006). Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. *Paidéia, 16*(34), 241-252. doi:10.1590/S0103-863X2006000200012
- Aragão, M., Andrade, M. N. S., & Santana, A. A. (2017, Maio). *Disciplina positiva: possibilidades para repensar os castigos escolares no contexto da educação infantil*. Pôster apresentado no Décimo Encontro Internacional de Formação de Professores e Décimo primeiro Fórum Permanente Internacional de Inovação

- Educacional, Aracajú, Sergipe. Recuperado em: [file:///C:/Users/mari_/Downloads/4860-21176-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/mari_/Downloads/4860-21176-2-PB%20(1).pdf).
- Arruda, S. L. S., & Lima, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 201-216. doi: 10.5433/2236-6407.2013v4n2p201
- Aspesi, C. C., Dessen, M. A., & Chagas, J. F. (2005). A Ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 19-36). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aunola, K., & Nurmi, J. E. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, 76(6), 1144-1159. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00840.x-il
- Backes, M. S. (2015). *A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Backes, M. S., Becker, A. P. S., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2018). *A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. (no prelo)*.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade. *Análise psicológica*, 2(22), 377-386.
- Balancho, L. S. (2012). *Ser pai, hoje* (9a ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Bandeira, M., Goetz, E. R., Vieira, M. L., & Pontes, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. In F. A. R. Pontes, W. L. B. Magalhães, R. C. S. Brito & W. L. B. Martin (Orgs), *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea* (pp. 191-230). Belém, Pará: UFPA.
- Bailey, H.N., Redden, E., Pederson, D. E., & Moran, G. (2016). Parental disavowal of relationship difficulties fosters the development of insecure attachment. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 48(1), 49-59. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/cbs0000033>
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67, 3296-331.
- Barros, L. (2015). Intervenção com Pais: Processo e Fases de Mudança. In A. I. Pereira, A. R. Goes & L. Barros (Eds.), *Promoção da parentalidade positiva: intervenções psicológicas com pais de crianças e adolescentes* (pp. 1-14). Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2015). *Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. Fundamentos da família como*

- promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco.* (pp. 16-32). São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.
- Baruffi, A. M. Z. (2000). *Família e socialização: um estudo das implicações da situação de presença/ausência paterna* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907. doi: <http://dx.doi.org/10.2307/1126611>
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monograph*, 4, 1-103. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/h0030372>.
- Baumrind, D. (1977). *The development of instrumental competence through socialization.* In *Minnesota Symposium on child development* (pp. 3-46). University of Minnesota Press, Minneapolis, MN.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence en children. *Youth and Society*, 9(2), 239-276.
- Baumrind, D. (1989). Rearing competent children. In W. Damon (Ed.), *Child development today and tomorrow* (pp. 349-378). San Francisco: Jossey-Bass.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Belsky, J. (1996). Parent, infant, and social-contextual antecedents of father-son attachment security. *Developmental Psychology*, 32(5), 905-913.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32, 205-226.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. Psicopedagogia*, 28(85), 67-75.
- Benjamini, Y., & Hochberg, Y. (1995). Controlling the false discovery rate: a practical and powerful approach to multiple testing. *Journal of the Royal Statistical Society Series B*, 57(1), 289-300.
- Benjamini, Y., & Yekutieli, D. (2001). The control of the false discovery rate in multiple testing under dependency. *Annals of Statistics*, 29, 1165-1188.
- Biasoli-Alves, Z. M. M., Caldana, R. H. L., & Silva, M. H. G. F. D. (1997). Práticas de educação da criança na família: a emergência

- do saber técnicocientífico. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 7(1), 49-62.
- Bigras, M., & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental": une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 91-102.
- Bolze, S. D. A. (2011). *A relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais [Relationships between parents and children: understanding the interplay of the parental and coparental relations]. *Educar em Revista*, 59, 17-33. doi: [10.1590/0104-4060.44615](https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615)
- Bolze, S. D. A., & Crepaldi, M. A. (2015). O pai e seus relacionamentos familiares: Uma perspectiva intergeracional. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 31-41). Curitiba: Juruá.
- Bolze, S. D. A. (2016). *Táticas de resolução de conflitos conjugais e parentais: uma perspectiva da transmissão intergeracional* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bolze, S. D. A. (2011). *A relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Borisenko, J. (2007). Fatherhood as a personality development factor in men. *Spanish Journal of Psychology*, 10(1), 82-90. doi: <http://dx.doi.org/10.1017/S1138741600006338>
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bortolini, M., & Piccinini, C. A. (2015). Transmissão intergeracional do apego seguro: evidências a partir de dois casos. *Psicologia em Estudo*, 20(2), 247-259.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bossardi, C. N. (2015). *Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: Relações com os sistemas parental e conjugal* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2010). Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 44(1), 205-221.
- Bossardi, C. N., Souza, C. D., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (in press) (2018). Adaptação transcultural e evidências de validade do questionário de engajamento paterno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. (no prelo).
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento Paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 237-246.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2016). Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. S. V. Zucoloto (Eds.), *Paternidade na sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família* (pp. 81–100). Curitiba: Juruá.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: attachment* (Volume 1). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: separation, anxiety, and anger* (Volume 2). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: loss* (Volume 3). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: attachment* (2 ed. rev., Volume 1). New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: apego: a natureza do vínculo* (Volume 1). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy development*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990). *Formação e rompimento de laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brar, S. (2003). *Child temperament, parenting style and externalizing and internalizing behavior of young children of Indian immigrants in Canada* (Doctoral dissertation), University of Massachusetts.
- Brasil. (1990). *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Brasília, DF.
- Brasil. (2009). *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília.

- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(2), 151-161.
- Brenning, K., Soenens, B., & Braet, C. (2017). Testing the incremental value of a separate measure for secure attachment relative to a measure for attachment anxiety and avoidance. *European Journal of Psychological Assessment*, 33(1), 5-13.
- Bretherthon, I. (2010). Fathers in attachment theory and research: a review. *Early Child Development and Care*, 18(2), 9-23.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment: A construct revisited. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research and clinical application* (pp. 89-111). New York: Guilford.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, J. S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychol Rev*, 101(4), 568-586.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical 138 models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115-125.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology* (pp. 993-1027, volume 1). New York: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In M. Gauvain & M. Cole (Eds.), *Readings on the development of children* (2 ed., pp. 37-43). New York: Freeman.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: a future perspective. In P. Moen, G. H. Elder & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environments across the life span:*

- Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.
- Bronfenbrenner, U. (2005). The bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings human: bioecological perspectives on human development* (pp. 3–15). California: Sage Publications.
- Brussoni, M., & Olsen, L. (2011). Striking a balance between risk and protection: Fathers' attitudes and practices toward child injury prevention. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 32(7), 491-498. doi: 10.1097/DBP.0b013e31821bd1f5 .
- Bueno, R. K. (2013). *Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bueno, R. K. (2018). *Associações entre relação de ativação paicriança, funcionamento familiar e comportamento da criança pré-escolar em famílias biparentais*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bueno, R.V., Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2015). Papel do pai no contexto contemporâneo. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 110-124). Curitiba: Juruá Editora.
- Bueno, R. K., Gomes, L. B., & Crepaldi, M. A. (2015). Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: recursos, desafios e possibilidades* (pp. 95-107). Curitiba: Juruá.
- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Faraco, A. M. X. (2017). Father-child activation relationship in the Brazilian context. *Early Child Development and Care*, 187, 1-11. doi: <http://doi.org/10.1080/03004430.2017.1345894>
- Bureau, J.-F., Yurkowski, K., Schmiedel, S., Martin, J., Moss, E., & Pallanca, D. (2014). Making children laugh: parent-child dyadic synchrony and preschool attachment. *Infant Mental Health Journal*, 35(5), 482-494. doi:10.1002/imhj
- Burkhart, M. L., Borelli, J. L., Rasmussen, H. F., & Brody, R. (2017). Parental mentalizing as an indirect link between attachment anxiety and parenting satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 31(2), 203-213. doi: 10.1037/fam0000270.
- Bussab, V. M. R., & Otta, E. (2005). Escala de Estilo de Relacionamento. (Tradução da Collins e Read Adult Scale) (1994). Trabalho não publicado.

- Bustamante, V., & Trad, L. A. B. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: Um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.
- Byng-Hall, J. (1995). *Rewriting family scripts: improvisation and systems change*. New York/London: The Guilford Press.
- Cabrera, N. J., & Bradley, R. H. (2012). Latino Fathers and Their Children. *Child Development Perspectives*, 6(3), 1-7.
doi:10.1111/j.1750-8606.2012.00249.x
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Cairns, R.B., Elder, G. H., & Costello, E. J. (Orgs.). (1996). *Development science*. New York: Cambridge University Press.
- Campana, N. T. C., Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2017). Cuidado parental igualitário: modelo de relação pais-bebê no contemporâneo? In M. A. Santos, D. Bartholomeu & J. M. Montiel (Eds.), *Relações interpessoais no ciclo vital: conceitos e contextos* (pp. 37-48). São Paulo: Vetor Editora.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (2006). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F., & Luisi, P. L. (2014). *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo: Cultrix.
- Cardoso, J., & Verissimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise psicológica [online]*, 31(4), 393-406.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2 ed., pp. 7-29). Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, A. B. (2016). Políticas de apoio à família e à paternidade: uma visão comparada entre as políticas norte-americanas e brasileiras. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. S. V. Zucoloto (Eds.), *Paternidade na sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família* (pp. 315-333). Curitiba: Juruá.
- Caspi, A., & Silva, P. A. (1995). Temperamental Qualities at Age Three Predict Personality Traits in young adulthood: longitudinal

- evidence from a Birth Cohort. *Child Development*, 66(2), 486-498. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1995.tb00885.x>
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 67-74.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2006). Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai – filho. *Psico-USF*, 11(2), 257-264.
- Cia, F., D’Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*, 14(29), 277-286. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300004>.
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., & Williams, L. C. A. (2008). O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psicologia em estudo*, 13(2), 351-360.
- Cia, F., Williams, L., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão de literatura. *Revista psicologia escolar e educacional*, 9(2), 225-233.
- Cole, M., & Cole, S. R. (2001). *The development of children* (4th ed.). New York: Worth Publishers.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment style, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. M. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. *Developmental Psychology*, 45(5), 1276-1283. doi: 10.1037/a0016911
- Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2016). Transições familiares normativas, qualidade da relação do casal e desenvolvimento sadio dos filhos. In Walsh, F. (Org.), *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Coyne, A. E., Constantino, M. J., Ravitz, P., & McBride, C. (2017). The interactive effect of patient attachment and social support on early alliance quality in interpersonal psychotherapy. *Journal of*

- Psychotherapy Integration*, 28(1), 46-59. doi:
<http://dx.doi.org/10.1037/int0000074>
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. de. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em estudo*, 11(3), 579-587. doi: 10.1590/S1413-73722006000300014
- Crowell, J. A., Treboux, D., Gao, Y., Fyffe, C., Pan, H., & Waters, E. (2002). Assessing secure base behavior in adulthood: development of a measure, links to adult attachment representations, and relations to couples communication and reports of relationships. *Developmental Psychology*, 38(5), 679-693. doi:
<http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.38.5.679>
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para windows*. Porto Alegre: Artmed.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an interactive model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. doi:
<http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dassen, P. R., & Mishra, R. C. (2000). Cross-cultural views on human development in the third millennium. *Internacional Journal of Behavioral Development*, 24(4), 428-434.
- Detle-Hagenmeyer, D. E., Erzinger, A. B., & Reichle, B. (2014). The changing role of the father in the family. *European Journal of Development Psychology*, 11(2), 129-135. doi:
<https://doi.org/10.1080/17405629.2014.883313>
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58(5), 1244-1257.
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71-98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Dumont, C., & Paquette, D. (2012). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child Attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 1-17. <https://doi.org/10.1080/03004430.2012.711592>

- Dumont, C., & Paquette, D. (2013). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 430-446. doi: [10.1080/03004430.2012.711592](https://doi.org/10.1080/03004430.2012.711592)
- Dwyer, K. M. (2005). The meaning and measurement of attachment in middle and late childhood. *Human Development*, 48, 155-182.
- Elder, G. H. (1996). Human lives in changing societies: Life course and development insights. In R.B. Cairns, G. H. Elder & E. J. Costello (Orgs.), *Development science* (pp. 31-32). New York: Cambridge University Press.
- England, P., & Srivastava, A. (2013). Educational differences in US parents' time spent in child care: The role of culture and cross-spouse influence. *Social Science Research*, 42(4), 971-986. doi: [10.1016/j.ssresearch.2013.03.003](https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2013.03.003)
- Ensink, K., Normandin, L., Plamondon, A., Fonagy, P., & Berthelot, N. (2016). Intergenerational pathways from reflective functioning to infant attachment through parenting. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 48(1), 9-18. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/cbs0000030>
- Fagan, J. (1997). Patterns of mother and father involvement in day care. *Child & Youth Care Forum*, 26(2), 113-126.
- Falceto, O. G, Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista Saúde Pública*, 42(6), 1034-1040. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102008000600009>.
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento* (12a ed.). São Paulo: Edicon.
- Ferreira, J. H. B. P. (2009). *Sócio-sexualidade e desconto do futuro: mecanismo de alocação de investimentos e tomada de decisão* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando o SPSS*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Flanders, J. L., Leo, V., Paquette, D., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2012). Rough-and-Tumble play and the regulation of aggression: an observational study of father-child play dyads. *Agress Behav*, 35(4), 285-295. doi:10.1002/ab.20309.
- Flanders, J. L., Simard, M., Paquette, D., Parent, S., Vitaro, F., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2010). Rough-and-Tumble play and the development of physical aggression and emotion regulation: a

- five-year follow-up study. *Journal of Family Violence*, 25(4), 357-367. doi:10.1007/s10896-009-9297-5
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em estudo*, 8(num esp), 31-38.
- Fleith, D. S., & Costa Junior, A. L. (2005). Métodos de pesquisa em psicologia: o que é relevante considerar? In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37-49). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fletcher, J. (2012). Positive parenting, not physical punishment. *CMAJ*, 184(12). doi: 10.1503/cmaj.121070
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2004). Early father's and mother's involvement and child's later educational outcomes. *British Journal of Educational Psychology*, 24(2), 141-153.
- Fonagy, P. (2001). *Attachment theory and psychoanalysis*. New York: Other.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de psicologia*, 16(3), 253-261. doi:10.1590/S1413-294X2011000300007
- Gabriel, M. R. (2012). *Transformações no envolvimento paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Gaumon, S., & Paquette, D. (2013). The father-child activation relationship and internalising disorders at preschool age. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 447-463. doi:10.1080/03004430.2012.711593
- Gaumon, S., Paquette, D., Cyr, C., Émond-Nakamura, M., & St-André, M. (2016). Anxiety and attachment to the mother in preschoolers receiving psychiatric care: the father-child activation relationship as a protective factor. *Infant Mental Health Journal*, 37(4), 372-387. doi:10.1002/imhj.21571
- Gauthier, A. H., Smeeding, T. M., & Furstenberg, F. F. (2004). Are parents investing less time in children? Trends in selected industrialized countries. *Population and Development Review*, 30(4), 647-660.
- Gelman, A., & Hill, J. (2007). *Data analysis using regression and multilevel: hierarchical models*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Gershoff, E. T., & Grogan-Kaylor, A. (2016). Spanking and child outcomes: old controversies and new meta-analyses. *Journal of Family Psychology, 30*(4), 453-69. doi: 10.1037/fam0000191
- Godbout, N., Daspe, M. E., Lussier, Y., Sabourin, S., & Dutton, D. (2017). Early exposure to violence, relationship violence, and relationship satisfaction in adolescents and emerging adults: the role of romantic attachment. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 9*(2), 127-137.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. O. (2001). Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. *Revista psicologia: reflexão e crítica, 14*(2), 635-642. doi:[10.1037/fam0000191](https://doi.org/10.1037/fam0000191).
- Golse, B. (1998). *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança* (3a ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gomes, Q. S., & Alvarenga, P. (2016). O envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos. *Psicologia: teoria e pesquisa, 32*(3), 1-19.
- Gomes, A. A., & Melchiori, L. E. (2012). *A Teoria do Apego no contexto da produção científica contemporânea*. São Paulo: UNESP.
- Gomes, L. B. (2015). *Envolvimento parental, desenvolvimento social e temperamento de pré-escolares: um estudo comparativo com famílias residentes em Santa Catarina e em Montreal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do Pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando famílias, 18*(2), 3-16.
- Gomes, L. B., Crepaldi, M. A., & Bigras, M. (2013). O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia, 23*(54), 21-29. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272354201304>
- Gorin, M. C. (2015). *A parentelidade no pós-divórcio* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade [The contemporary statute of parenthood]. *Revista da SPAGESP, 16*(2), 3-15. Retrieved from

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002

- Gottman, J. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*, (49), 169-197.
- Gou, L. H., & Woodin, E. M. (2017). Relationship dissatisfaction as a mediator for the link between attachment insecurity and psychological aggression over the transition to parenthood. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 6(1), 1-17. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/cfp0000072>
- Grandesso, M. A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real* (2a ed.). Porto Alegre: Penso.
- Grolnick, W., & Ryan, R. (1989). Parent styles associated with children's self-regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology*, 81(2), 143-154.
- Grossmann, K., Grossmann, K.E., Kindler, H., & Zimmermann, P. (2008). A wider view of attachment and exploration: the influence of mothers and fathers on the development of psychological security from infancy to young adulthood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (2a ed., Chapter 36, pp. 857-879). New York: Guilford Press.
- Grossmann, K., & Grossmann, K. E. (2009). O impacto do apego à mãe e ao pai e do apoio sensível à exploração nos primeiros anos de vida sobre o desenvolvimento psicossocial das crianças até o início da vida adulta. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância* (2a ed., pp. 1-7).
- Grossmann, K.E. (2014). Sviluppo dell'identità nelle relazioni di attaccamento. *Attaccamento e Sistemi Complessi*, 1(1), 25-44. Recuperado de <http://www-app.uni-regensburg.de/Fakultaeten/PPS/Psychologie/Grossmann/en/?Publications>
- Gryczkowski, M. R., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2010). Differential relations between mothers' and fathers' parenting practices and child externalizing behavior. *Journal of Child and Family Studies*, 19(5), 539-546. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-009-9326-2>
- Hart, C. H., Newell, L. D., & Olsen, S. F. (2003). Parenting skills and social/communicative competence in childhood. In J. O. Greene &

- B. R. Burlleson (Eds.), *Handbook of communication and social interaction skill* (pp. 753-797). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C. (2012). A natureza essencial das relações conjugais. In Jhonson, S. M. & Whiffen, V. E. (Orgs.), *Os processos do apego na terapia de casal e família* (pp. 40-59). São Paulo: Roca.
- Hewlett, B. S. (2000). Culture, history and sex: anthropological contributions to conceptualizing father involvement. In E. Peters & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: research, interventions and policies* (pp. 59-73). Binghamton: The Haworth Press.
- Hinde, R. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Sussex, UK: Psychology Press.
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: an introduction. In: Hoghugh, M. & Long, N. (Ed), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 1-18). Londres: Sage.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2012). Brasília. Estatísticas de casamentos. Recuperado em www.ibge.gov.br/censo
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Jain, A., Belsky, J., & Crnic, K. (1996). Beyond fathering behaviors: Types of dads. *Journal of Family Psychology*, 10(4), 431-442. doi: <http://doi.org/10.1037/0893-3200.10.4.431>
- James, G., Witten, D., Hastie, T., & Tibshirani, R. (2013). clustering methods. In *an introduction to statistical learning: with applications in R* (Volume 103, pp. 385–396). New York: Springer.
- Jayamaha, S. D., Girme, U. Y., & Overall, N. C. (2017). When attachment anxiety impedes support provision: the role of feeling unvalued and unappreciated. *Journal of Family Psychology*, 31(2), 181-191.
- Jeynes, W. H. (2014). A Meta-Analysis: The relationship between father involvement and student academic achievement. *Urban Education*, 49(5), 1-37.
- Kaplan, M. D. (1996). The role of fathers. *J Am Acad Child Adolescent Psychiatry*, 35(6), 699-700.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (2002). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica* (7a ed.). Porto Alegre: Artmed.

- Khalifian, C. E., & Barry, R. A. (2016). Trust, attachment, and mindfulness influence intimacy and disengagement during newlyweds' discussions of relationship transgressions. *Journal of Family Psychology, 30*(5), 592-601.
- Koltermann, J. P., Bueno, R. K.; Souza, C. D., Paraventi, L., Vieira, M. L. (2018). *Abertura ao Mundo de pais e mães de pré-escolares em famílias biparentais. (no prelo).*
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia: teoria e pesquisa, 16*(1), 11-22. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000100003>
- Kromelow, S., Harding, C., & Touris, M. (1990). The role of the father in the development of stranger sociability during the second year. *American Journal of Orthopsychiatry, 60*(4), 521-530. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/h0079202>
- Labrell, F. (1996). Paternal play with toddlers: recreation and creation. *European Journal of Psychology of Education, 11*(1), 43-54.
- Lagacé-Séguin, D., & d'Entremont, M. (2006). The role of child negative affect in the relations between parenting styles and play. *Early Child Development and Care, 176*(5), 461-477.
- Lamb, M. E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. *Human Development, 18*, 245-266. doi: <https://doi.org/10.1159/000271493>
- Lamb, M. E. (1978). Qualitative aspects of mother- and father-infant attachments. *Infant Behavioral Development, 1*, 265-75. doi: [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(78\)80038-1](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(78)80038-1)
- Lamb, M. E. (Org.). (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: an overview. In H. E. Peters, G. W. Peterson, S. K. Steinmetz & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: research, interventions and policies*. The USA: Haworth Press, Inc.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist, 25*(3), 883-894.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. S. Rossi & L. R. Sherroa (Eds.), *Parenting across the lifespan: biosocial dimensions*. New York: Aldine de Gruyter.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbush, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents

- from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development*, 6(5), 1049-1065.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 15(1), 9-16.
- Lima, A. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: as responsabilidades paternas no cotidiano das crianças em idade escolar. *Análise psicológica*, 29(4), 67-578.
- Lima, A., Serôdio, R., & Cruz, O. (2009). O envolvimento do pai no processo desenvolvimental dos filhos: Uma abordagem intergeracional. *Psicologia: revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 23(2), 103-114.
- Lordelo, E. (2009). Fatores bio-ecológicos e culturais na concepção e organização do cuidado à criança. Relatório de pesquisa, Salvador, Universidade Federal da Bahia.
- Love, H. A., Nalbone, D. P., Hecker, L. L., Sweeney, K. A., & Dharnidharka, P. (2018). Suicidal risk following the termination of romantic relationships. *Crisis: The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention*, 39(3), 166-174.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27. doi: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.51.1.1>
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In P. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology: socialization, personality, and social development* (4th ed., 4 vol., pp. 1-101). New York: John Wiley.
- Madigan, S., Plamondon, A., Vaillancourt, K., McKibbin, A., & Benoit, D. (2016). The developmental course of unresolved/disorganized states of mind in a sample of adolescents transitioning into parenthood. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 48(1), 19-31. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/cbs0000037>
- Magill-Evans, J., Harrison, M. J., Rempel, G., & Slater, L. (2006). Interventions with father of young children: systematic literature review. *Journal of Advanced Nursing*, 55(2), 248-264.
- Main, M. & Weston, D. R. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behavior and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, 52(3), 932-940. doi: 10.2307/1129097
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment*

- theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50(209), 66-104.
- Manfroi, E. C., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 21(1), 59-69.
- Marin, A. H.; Piccinini, C. A.; Gonçalves, T. R.; Tudge J. R. H. (2012). Práticas educativas parentais, problemas de comportamento e competência social de crianças em idade pré-escolar. *Estudos de psicologia*, 17(1), 05-13.
- Marmarosh, C. L. (2017). Fostering engagement during termination: applying attachment theory and research. *Psychotherapy*, 54(1), 4-9. doi: 10.1037/pst0000087.
- Martins, R. P., Nunes, S. A. N., Oliveira A. M. F., Vieira, M. L., Manfroi, E. C., & Rubin, K. H. (2014). Práticas parentais: associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia argumento*, 32, 89-100.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo de vida familiar. In F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: diversidade e complexidade* (pp. 375-398). Porto Alegre: Artmed.
- Meece, D., & Robinson, C. M. (2014). Father-child interaction: associations with self-control and aggression among 4.5-year-olds. *Early Child Development and Care*, 184(5), 783-794. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/03004430.2013.818990>
- Melchiori, L. E., & Dessen, M. A. (2008). A teoria do Apego: contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano. In: Capellini, V. L. F., Manzoni, R.M. (Orgs). Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise psicológica*, 26(3), 395-409.
- Moraes, C. L.; Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar a violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-175.
- Morin, E. (1990). *Introducción al pensamiento complejo* (3a ed.). Barcelona: Gedisa.

- Morin, E. (2011). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Morse, M. K. (2010). *The determinants and consequences of empathic parenting: Testing an expansion of Belsky's model of parenting using SEM* (Tese de Doutorado). Universidade North Texas, Texas, Estados Unidos.
- Moura, M. L. S., Oliva, A. D., Vieira, M. L., Macarini, S. M., Martins, G. F., Britto, R. C. S., Santos, I. C. C., Bussab, V. S. R., Ribeiro, F. L., & Otta, E. (2006). *Tradução e adaptação para o português da escala de apego adulto de Collins & Read*. In Anais da XXXVI Reunião Anual de Psicologia, Salvador, BA.
- Muzzio, E. G., Muñoz, M. M., & Santelices, M. P. (2008). Efectividad de las intervenciones en apego con infancia vulnerada y en riesgo social: un desafío prioritario para Chile. *Terapia psicológica*, 26(2), 241-51. doi: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-48082008000200010>.
- Nascimento, C. C., & Coelho, M. R. M. (2006). Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 6(2), 426-449.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In S. Koller (Orgs.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 55-69). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, 26(3), 484-494. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140086>
- Newland, L. A., & Coyl, D. D. (2010). Father's role as attachment figures: na interview with Sir Richard Bowlby. *Early Child Development and Care*, 180(2), 25-32. Doi: <https://doi.org/10.1080/03004430903414679>
- Nisenbaum, M. G., & Lopez, F. G. (2015). Adult attachment orientations and anger expression in romantic relationships: a dyadic analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 62(1), 63-72. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/cou0000047>
- Nix, R., Pinderhughes, E., Dodge, K., Bates, J., Pettit, G., & McFadyen, S. (1999). The relation between mothers' hostile attribution tendencies and children's externalizing behavior problems: The mediating role of mothers' harsh discipline practices. *Child Development*, 70(4), 896-909. doi: <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00065>

- Nunes, S. A. N., & Vieira, M. L. (2009). Fundamentos históricos e epistemológicos no estudo do comportamento paterno. *Psicologia argumento*, 27(57), 103-115.
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., Lisboa, C. S. M., & Rubin, K. H. (2015). relação entre práticas parentais e problemas de externalização e internalização: papel mediador do vínculo do apego. *Interação Psicol.*, 19(3), 371-383.
- Odobote, B. A. (2008). *Parenting style, race and delinquency: a comparative study of European American, African American and Nigerian families*. (Doctoral dissertation). University of Minnesota, Minnesota.
- Palacios, J. R. P., & Álvarez, M. P. S. (2006). Apego adulto: los modelos operantes internos y la teoria da mente. *Terapia psicológica*, 24(2), 201-210.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: AMGH.
- Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: a procedure for assessing the father-child activation relationship. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 33-50. Doi: 10.1080/03004430903414687
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013a). Is father-child rough-and-tumble play associated with attachment or activation relationships? *Early Child Development and Care*, 183(6), 760-773. doi: [10.1080/03004430.2012.723440](https://doi.org/10.1080/03004430.2012.723440)
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013b). The father-child activation relationship, sex differences, and attachment disorganization in toddlerhood. *Child Development Research*, 1-9. doi:10.1155/2013/102860
- Paquette, D. (2004a). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47(4), 237-238. doi: [10.1159/000078726](https://doi.org/10.1159/000078726)
- Paquette, D. (2004b). La relation père-enfant et l'ouverture au monde. *Enfance*, 56(2), 205-225.
- Paquette, D. (2004c). Le rôle du père dans la capacité du garçon à gérer son agressivité. *Revue de psychoéducation*, 33(1), 61-73.
- Paquette, D. (2004d). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
- Paquette, D. (2005). Plus l'environnement se complexifie, plus l'adaptation des enfants nécessite l'engagement direct du père.

- Enfances, Familles, Générations*, 3. Recuperado em <http://www.erudit.org/revue/efg/2005/v/n3/012533ar.html>
- Paquette, D. (2012). The father-child activation relationship: a new theory to understand the development of infant mental health. *The Signal*, 20(1), 1-5. doi: [10.1080/03004430.2012.711593](https://doi.org/10.1080/03004430.2012.711593)
- Paquette, D. (2014). *Ce que les chimpanzés m'ont appris*. Montréal: Éditions MultiMondes.
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: defining and associating variables. *Infant and Child Development*, 9(4), 213-230. doi: [https://doi.org/10.1002/1522-7219\(200012\)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0](https://doi.org/10.1002/1522-7219(200012)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0)
- Paquette, D., Eugène, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M. N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99-122). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Paraventi, L., Bittencourt, I. G., Schulz, M. L. C., Souza, C. D., Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2017). A percepção de pessoas sem filhos sobre a função paterna de abertura ao mundo. *Revista PSICO*, 48(1), 1-11.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Paul, P. (2005). Transdisciplinaridade e antropofomação: sua importância nas pesquisas em saúde. *Saúde e Sociedade*, 14(3), 72-92. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902005000300005>
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia clínica*, 19(2), 57-69. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000200005>
- Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., Alvarenga, P., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. R. H. (2007). Práticas educativas maternas e paternas em crianças aos 18 meses de idade. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23(4), 369-378.
- Pleck, J. H., & Pleck, E. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: historical dimensions. In Lamb, M. E. (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 33-48). New York: John Wiley & Sons.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources and consequences. In Lamb, M. E. (Ed.), *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.

- Pluciennik, G. A., Lazzari, M. C., & Chicaro, M. F. (Orgs). (2015). Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco (1a ed.). São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.
- Polônia, A. C., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior (Ed.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 71-89). Porto Alegre: Artmed.
- Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C, Garotti, M., Magalhães, C. M. C. (2007). Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. *Aletheia*, (26), 67-79.
- Porter, C. L., & Dyer, W. J. (2017). Does marital conflict predict infants' physiological regulation? A short-term prospective study. *Journal of Family Psychology*, 31(4), 475-484.
- Prado, J. C., & Abrão, J. L. F. (2015). Paternidade: um estudo sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. *Colloquium HuImanarum*, 11(1), 94-112.
- Prado, A. B., & Vieira, M. L. (2003). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de ciências humanas*, 34, 313-334.
- Prado A. B. & Vieira, M. L. (2004). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de ciências humanas*, 34, 313-334.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P. P., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Revisando a Inserção ecológica: uma proposta de sistematização. *Psicologia: reflexão e crítica*, 21(1), 160-169. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000100020>
- Price, D. S. (1976). A ciência desde a Babilônia. Belo Horizonte, Itatiaia.
- Pulkkinen, L., & Metsapelto, R. (2003). Personality traits and parenting : neuroticism, extraversion, and openness to experience as discriminative factors. *European Journal of Personality*, 17(1), 59-78. doi: <http://dx.doi.org/10.1002/per.468>
- Rebellon C. J., & Straus, M. (2017). Corporal punishment and adult antisocial behavior: A comparison of dyadic concordance types and an evaluation of mediating mechanisms in Asia, Europe, and North America. *International Journal of Behavioral Development*, 41(4), 503-513. doi: [10.1177/0165025417708342](https://doi.org/10.1177/0165025417708342)

- Reich, N. (2014). Fathers' childcare: the difference between participation and amount of time. *Journal of Family and Economic Issues*, 35(2), 190-213. doi: 10.1007/s10834-013-9359-y
- Rempel, L. A., Khuc, T. N., Rempel, J., & Vui, L. T. (2017). Influence of father–infant relationship on infant development: a father-involvement intervention in Vietnam. *Developmental Psychology*, 53(10), 1844-1858. Doi: <http://dx.doi.org/10.1037/dev0000390>
- Ribas, A. F. P., & Moura, M. L. S. (2004). Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 315-322
- Sagi-Schwartz, A., Van IJzendoorn, M. H., Grossmann, K. E., Joels, T., Grossmann, K., Scharf, M., Koren-Karie, N., & Alkalay, S. (2003). Attachment and traumatic stress in female holocaust child survivors and their daughters. *Am J Psychiatry*, 160(6), 1086-92
- Sakamoto, A., Adachi, K., & Kitamura, T. (2014). The Impact of Authoritative, Authoritarian, and Permissive Parenting Styles on Children's Later Mental Health in Japan: Focusing on Parent and Child Gender. *J Child Fam Stud.*, 23(2), 293-302 DOI 10.1007/s10826-013-9740-3
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2006). *Metologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Santos, D. S., & Angonese, A. S. (2016). O impacto da figura paterna no desenvolvimento emocional e da personalidade dos filhos. *Unoesc & ciência: ACBS Joaçaba*, 7(1), 97-104.
- Saraff, A., & Srivastava, H. C. (2009). Pattern and determinants of paternal involvement in childcare: na empirical investigation in a metropolis of India Population. *Research and Policy Review*, 20(2), 249-273. doi: 10.1007/s11113-009-9139-4
- Schachner, D. A., Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2012). Teoria do apego adulto, psicodinâmica e relações conjugais: uma visão geral. In. Jhonson, S. M. & Whiffen, V. E. (Orgs.), *Os processos do apego na terapia de casal e família* (pp.17-39). São Paulo: Roca
- Scheeren, P., Vieira, R. V. de A., Goulart, V. R., & Wagner, A. (2014). Marital quality and attachment: the mediator role of conflict resolution Styles. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24(58), 177-186. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272458201405>
- Schmitz, M. E. S. (2018). *A relação entre envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares em famílias biparentais*.

- (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Schneebeli, F. C. F., & Menandro, M. C. S. (2014). Com quem as crianças ficarão?: representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 175-184. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000100019>
- Schober, P. S. (2012). Paternal child care and relationship quality: a longitudinal analysis of reciprocal associations. *Journal of marriage and family*, 74(2), 281-296. doi:10.1111/j.1741-3737.2011.00955.x
- Seabra, K. C., & Moura, M. L. S. (2011). Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. *Interação em psicologia*, 15(2), 135-147.
- Semensato, M. R., & Bosa, C. A. (2013). O script de apego compartilhado no casal. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 65(1), 138-151.
- Sena, L. M., Mortensen, A. C. K. (2014). *Educar sem violência: criando filhos sem palmadas*. São Paulo: Papirus.
- Serrán, G., H., & Ayala, S. E. (2016). “Amigos con beneficios”: salud sexual y estilos de apego de hombres y mujeres. *Saúde e Sociedade*, 25(4), 1136-1147.
- Scheeren, P., Vieira, R. V. A., Goulart, V., & Wagner, A. (2014). Qualidade conjugal e apego: o papel preditor dos estilos de resolução de conflito. *Paidéia*, 24(58), 177-186. doi: 10.1590/1982-43272458201405
- Shelton, A. J., & Wang, C. D. C. (2017). Adult attachment among U.S. Latinos: validation of the Spanish experiences in Close Relationships Scale. *Journal of Latina/o Psychology*, 6(1), 1-17. doi: 10.1037/lat000008
- Shiramizu, V. K. M., Natividade, J. C., & Lopes, F. A. (2013). Evidências de validade do Experience in Close Relationships (ECR) Inventory para o Brasil. *Estudos de psicologia (Natal)*, 18(3), 457-465.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de psicologia*, 24(4), 561-573.
- Silva, G. A. (2008). *Estudo longitudinal sobre prevalência e fatores de risco para depressão pós-parto em mães de baixa renda*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

- Silva, M. L. I. (2017). *Relação entre a personalidade paterna e a abertura ao mundo em pais de criança de 4 a 6 anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Simões, R., Isabel, L., & Maroco, J. (2010). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças, 11*(2), 339-356.
- Smith, S. D., & Ng, K. (2009). Association Between adult romantic attachment styles and family-of-origin expressive atmosphere. *The Family Journal, 17*(3), 220-228. doi: <https://doi.org/10.1177/1066480709337806>
- Sommer, K. L. (2007). *The relationship between parenting style, parental reading involvement, child behavior outcomes, child classroom competence and early childhood literacy*. (Master thesis). University Oklahoma State.
- Sousa, C., & Carneiro, M. (2014) Adaptação à parentalidade: o nascimento do primeiro filho. *Revista de enfermagem referencia, 4*(3), 17-26.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia, 19*(42), 97-106. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100012>
- Sperling, M. & Berman, W. (1994). *Attachments in adults: clinical and development perspectives*. New York: The Guilford Press.
- Sroufe, L. A., & Flesson, J. (1986). Attachment and the construction of relationships. In W. Hartup & Z. Rubin. (Eds.), *Relationships and development* (pp. 51-71). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Stanton, S. C. E., Campbell, L., & Pink, J. C. (2017). Benefits of Positive Relationship Experiences for Avoidantly Attached Individuals. *Journal of Personality and Social Psychology, 113*(4), 568-588. doi: 10.1037/pspi0000098
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: teoria e prática, 10*(1), 174-185.
- Steinberg, L., Blatt-Eisengart, I., & Cauffman, E. (2006). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes: A replication in a sample of serious juvenile offenders. *Journal of Research on Adolescence, 16*(1), 47-58.
- Steinberg, L., Dornbusch, S. M., & Brown, B.B. (1992). Ethnic differences in adolescent achievement: An ecological perspective. *American Psychologist, 47*(6), 723-729.

- Steinberg, L., Elmen, J. D., & Mounts, N. S. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development, 60*(6), 1424-1436.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbush, S. M. (1994). Overtime changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development, 65*(3), 754-770.
- Steinberg, L., Lamborn, D. S., Dornbusch, S. M., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development, 63*, 1266-1281.
- Stevenson, M. M., & Crnic, K. A. (2013). Activative fathering predicts later children's behaviour dysregulation and sociability. *Early Child Development and Care, 183*(6), 774-790.
- StGeorge, J., Fletcher, R., Freeman, E., Paquette, D., & Dumont, C. (2015). Father-child interactions and children's risk of injury. *Early Child Development and Care, 185*(9), 1409-1421. doi:10.1080/03004430.2014.1000888
- Szepsenwol, O., Griskevicius, V., Simpson, J. A., Young, E. S., Fleck, C., & Jones, R. E. (2017). The effect of predictable early childhood environments on sociosexuality in early adulthood. *Evolutionary Behavioral Sciences, 11*(2), 131-145. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/ebs0000082>
- Szepsenwol, O., Simpson, J. A., Griskevicius, V., & Raby, K. L. (2015). The Effect of Unpredictable Early Childhood Environments on Parenting in Adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology, 109*(6), 1045-1067. doi: 10.1037/pspi0000032
- Tarabulsy, G., Bernier, A., Provost, M., Maranda, J., Larose, S., Moss, E., Larose, M., & Tessier, R. (2005). Another look inside the gap: Ecological contributions to the transmission of attachment in a sample of adolescent mother - infant dyads. *Developmental Psychology, 41*(1), 212-224. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.41.1.212>
- Target, M. (2007). Teoria e pesquisa sobre apego. In E. S. Person, A. M. Cooper & G. O. Gabbard (Org.), *Compêndio de psicanálise* (pp. 169-182, D. Bueno, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2005).
- Todorov, T. (1996). *A vida em comum: ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papirus.

- Toneli, M. J., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2006). *Paternidade e cuidados: diferentes olhares teórico-metodológicos em Psicologia*. (Relatório de pesquisa não publicado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? In L. V. C. Moreira & A. M. A. Carvalho (Eds.), *Família e educação: olhares da psicologia* (pp. 209–231). São Paulo: Paulinas.
- Tudge, J. R. H., Mokrova, I., Hatfield, B. E., & Karnik, R. B. (2009). Uses and misuses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development. *Journal of Family Theory & Review*, *1*(1), 198-210.
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l'engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 39-70). Québec, Canada: Les presses de l'Université Laval.
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência* (8a ed.). Campinas (SP): Papirus.
- Vasconcellos, M. J. E. de. (2010). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência* (9a ed.). Campinas (SP): Papirus.
- Vaughn, B. E., Coppola, G., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, J. A., Posada, G., Carbonell, O., Plata, S. J., Walters, H. S., Bost, K. K., McBride, B., & Shun, N. (2007). The quality of maternal secure-base scripts predicts children's secure base behavior at home in three sociocultural groups. *Internacional Journal of Behavioral Development*, *31*(1), 63-76. doi: 10.1177/016502540707357
- Velderman, M. K., Bakermans-Kranenburg, M. J., Juffer, F., & van IJzendoorn, M. H. (2006). Effects of attachment-based interventions on maternal sensitivity and infant attachment: differential susceptibility of highly reactive infants. *Journal of Family Psychology*, *20*(2), 266-274. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.266
- Verhage, M. L., Schuengel, C., Madigan, S., Fearon, R. M. P., Oosterman, M., Cassibba, R., Bakermans-Kranenburg, M. J. & van IJzendoorn, M. H. (2016). Narrowing the transmission gap: A synthesis of three decades of research on intergenerational transmission of attachment. *Psychol Bull*, *142*(4), 337-366. doi: 10.1037/bul0000038
- Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., Bossardi, C. N., Gomes, L.B., Bolze, S., & Piccinini, C. A. (2013). Paternity in the Brazilian Context. Em

- Seidl-De-Moura, M. L. South American and African Contexts (Cap. 3. pp. 37-64). Rijeka, Croácia: InTech.
- Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Bossardi, C. N., Souza, C. D., Gomes, L. B., Backes, M. S., & Bueno, R. K. (2017). As bases das relações afetivas nos primeiros anos de vida: a relevância dos cuidados parentais. In M. A. Santos, D. Bartholomeu & J. M. Montiel (Eds.), *Relações interpessoais no ciclo vital: conceitos e contextos* (pp. 13-24). São Paulo: Vetor.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos Empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000200008>
- Wall, G., & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering?: An exploration of the contemporary culture of fatherhood. *Gender & Society*, 21(4), 508-527. doi:10.1177/0891243207304973
- Ward, M. J., & Carlson, E. A. (1995). Associations among adult attachment representations, maternal sensitivity, and infant: mother attachment in a sample of adolescent mothers. *Child Development*, 66(1), 69-79.
- Waters, E. (2003). *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March.
- Wendt, N. (2006). *Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Williams, L., Degan, K., Perez-Edgar, K., Henderson, H., Rubin, K., Pine, D., Steinberg, L., & Fox, N. (2009). Impact of behavioral inhibition and parenting style on internalizing and externalizing problems from early childhood through adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(8), 1063-1075.
- Winterheld, H. A. (2017). Hiding feelings for whose sake? Attachment avoidance, relationship connectedness, and protective buffering intentions. *Emotion*, 17(6), 965-980. doi: 10.1037/emo0000291

- Zaouche-Gaudron, C., & Le Camus, J. (1996). Analyse des processus de subjectivation au travers de la relation père-nourrisson. *Psychiatrie de l'enfant*, 39, 251-296.
- Zaouche-Gaudron, C. (2001). Contribution à l'analyse de l'implication paternelle. *Revue européenne de psychologie appliquée*, 51(1-2), 69-75.

Anexos
Anexo 1: Autorização Institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Autorização Institucional

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, e como Representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo**, e cumprirei os termos da Resolução 466/2012 e suas complementares, e como esta Instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução nos termos propostos.

Assinatura do responsável pela instituição

_____, ____ de _____ de _____

Identificação do responsável pela instituição:

Anexo 2: Carta-Convite



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Carta convite

Prezados pai/padrasto e mãe/madrasta:

Gostaríamos de convidá-los a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade sobre as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 6 anos. Sua participação poderá ocorrer de duas maneiras: a) por meio de uma observação da criança com o pai e com a mãe na Universidade Federal de Santa Catarina, e respostas a questionários que abordam o tema da pesquisa, ou b) somente respostas do pai e da mãe a questionários que abordam o tema da pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa ajudarão a pensar em formas de melhorar as relações familiares. Os participantes não serão identificados e esta pesquisa já teve aprovação no Comitê de Ética da Universidade. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações filmadas e/ou relatadas. A pesquisa se dará com a participação voluntária de vocês e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso vocês aceitem participar, por favor preencham as informações abaixo e devolvam esta carta à escola de seu filho que entraremos em contato com vocês para agendar uma data e horário para realização da pesquisa.

Qualquer dúvida, vocês podem entrar em contato com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do telefone (48) 3721-8606 ou pelo e-mail maurolvieira@gmail.com. Nosso site é www.nepedi.ufsc.br.

A ser preenchida pelo participante:

Aceita participar no formato () A () B

Nome do participante pai/padrasto:

Nome da participante mãe/madrasta:

Nome e idade do(s) filho(s) :

.....

Data de nascimento do(s) filho(s):

.....

Endereço:

.....

Telefone:

E-mail:

Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vimos por meio deste convidar você a participar da pesquisa “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”, que tem como objetivo investigar as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 6 anos. Esse estudo é importante para um maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno e irá contribuir para melhorar as relações familiares. Sua participação é voluntária, não remunerada e acontecerá por meio de respostas sua e de seu(sua) companheiro(a) à questionários.

Essa pesquisa segue as normas da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. O material será utilizado somente para fins de pesquisa e só os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas, pois os questionários receberão apenas um código e as repostas vão ser somadas as repostas das outras famílias.

A sua participação na pesquisa pode permitir reflexões sobre suas vivências e sentimentos sobre ser pai ou mãe, o que pode gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC ou a outro profissional mais próximo ao seu local de residência. Ao participar da pesquisa, você terá os seguintes benefícios: poderá refletir e reelaborar suas ideias e sentimentos sobre as relações familiares, o desenvolvimento infantil, bem como sobre as práticas educativas parentais.

Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada a pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo. Caso tenha alguma despesa relacionada à pesquisa, você terá o direito de ser ressarcido (a) e você terá a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você pode recusar a participar, parar ou desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer dano ou Punição.

A devolução dos resultados da pesquisa será feita em data a ser

agendada. Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre o TCLE, e caso se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com o (a) pesquisador (a) Mauro Luís Vieira no telefone (048) 37218606, ou no endereço Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Campus Universitário, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil, Trindade CEP: 88049-900 - Florianópolis, SC - Brasil - Caixa-postal: 476. Ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, pelo telefone (48) 3721-6094, endereço: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu

.....
....., abaixo assinado, declaro através deste documento o meu consentimento em participar desta pesquisa.
RG: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: _____

Pesquisador Responsável

Fone: (48) 3721-8606

site: <http://www.nepedi.ufsc.br/>

E-mail: maurolvieira@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (questionários e observação)

Vimos por meio deste convidar você a participar da pesquisa “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”, que tem como objetivo investigar as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 6 anos. Esse estudo é importante para um maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno e irá contribuir para melhorar as relações familiares. Sua participação é voluntária, não remunerada e acontecerá por meio de respostas à questionários, entrevistas, e se aceitar, de um grupo focal e observações de você, seu/sua companheiro/a e da criança.

Essa pesquisa segue as normas da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Caso seu(sua) filho(a) sinta-se desconfortável ou não queira participar, será respeitado o desejo da criança. As observações e a aplicação de questionários serão gravadas e filmadas para serem analisadas na íntegra. O material será utilizado somente para fins de pesquisa e só os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas, pois os questionários receberão apenas um código e as repostas vão ser somadas as repostas das outras famílias.

A sua participação na pesquisa pode permitir reflexões sobre suas vivências e sentimentos sobre ser pai ou mãe, o que pode gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC ou a outro profissional mais próximo ao seu local de residência. Ao participar da pesquisa, você terá os seguintes benefícios: poderá refletir e reelaborar suas ideias e sentimentos sobre as relações familiares, o desenvolvimento infantil, bem como sobre as práticas educativas parentais.

Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada a pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo. Caso tenha alguma despesa relacionada à

pesquisa, você terá o direito de ser ressarcido (a) e você terá a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você pode recusar a participar, parar ou desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer dano ou Punição.

A devolução dos resultados da pesquisa será feita em data a ser agendada. Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre o TCLE, e caso se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com o (a) pesquisador (a) Mauro Luís Vieira no telefone (048) 37218606, ou no endereço Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Campus Universitário, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil, Trindade CEP: 88049-900 - Florianópolis, SC - Brasil - Caixa-postal: 476. Ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, pelo telefone (48) 3721-6094, endereço: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu

.....
, abaixo assinado, declaro através deste documento o meu consentimento em participar desta pesquisa.
 RG: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: _____

() Também autorizo a utilização da filmagem para fins de utilização acadêmica, como exibição em aula ou evento científico. (Se você não assinalar este item, o vídeo será assistido apenas por pesquisadores deste grupo para fins de pesquisa).

Pesquisador Responsável

Fone: (48) 3721-8606

site: <http://www.nepedi.ufsc.br/>

E-mail: maurolvieira@gmail.com

**Anexo 4: Aplicação do questionário sociodemográfico – Escala de
Apego Adulto (EAA) - Questionário de Envolvimento Paterno
(QEP)**

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

CÓDIGO: _____ DATA _____ PARENTESCO COM A
CRIANÇA _____

1. Cidade de residência: _____

2. Número de pessoas (informar quem são as pessoas que moram na casa, sem contar os empregados? Incluir o respondente)

3. Quem vive na casa (anotar idade)

- Respondente 1 IDADE: _____ Anos
- Companheiro (a)..... 2 IDADE: _____ Anos
- Filhos de 0 a 3 anos..... 3 Quantos? _____
- Filhos de 4 a 6 anos..... 4 Quantos? _____
- Filhos de 7 a 16 anos..... 5 Quantos? _____
- Filhos com mais de 16 anos..... 6 Quantos? _____
- Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos)7 Quantos? _____
- Outros parentes adultos 8 Quantos? _____
- Amigos adultos 9 Quantos? _____

Quantos filhos frequentam a escola: _____ (contando a criança-alvo)

Em que período a criança alvo frequenta a escola?

Manhã (); Tarde (); Integral ()

4. Composição familiar:

- Família nuclear pais biológicos de todos os filhos
- Família nuclear pais adotivos da criança alvo.
- Família recasada com pais biológicos da criança alvo
- Família recasada com madrasta da criança alvo
- Família recasada com padrasto da criança alvo
- Família recasada com mãe adotiva da criança alvo e padrasto
- Família recasada com pai adotivo da criança alvo e madrasta
- Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos

- Família estendida com madrasta da criança alvo e outros parentes e amigos
- Família estendida com padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos
- Família estendida com pais adotivos das crianças e outros parentes e amigos
- Família estendida com mãe adotiva e padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos
- Família estendida com pai adotivo e madrasta da criança alvo e outros parentes e amigos

5. Escolaridade: Qual a sua e qual a escolaridade de seu companheiro?

| | Mãe | Companheiro |
|---|-----------|-------------|
| Não alfabetizado | 1 | 1 |
| Ensino fundamental incompleto: primário incompleto | 2 | 2 |
| Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto | 3 | 3 |
| Ensino fundamental completo | 4 | 4 |
| Ensino médio incompleto | 5 | 5 |
| Ensino médio completo | 6 | 6 |
| Ensino superior incompleto | 7 | 7 |
| Ensino superior completo | 8 | 8 |
| Pós-graduação | 9 | 9 |
| Não sabe | 10 | 10 |

Quantos anos concluídos de escolaridade?

Mãe: _____ Pai: _____

Renda Familiar

| | Respondente | Companheiro (a) |
|--------------------------------|-------------|-----------------|
| 6. Profissão | | |
| 7. Atividade atual | | |
| 8. Jornada de trabalho semanal | | |

9. Você tem empregada/babá: () **Sim** () **Não**

10. Quem cuida da criança quando ela não está na escola: _____

11. Quem leva a criança para a escola: _____

12. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua

() Sim () Não

Quem? _____

Qual? _____

13. Renda familiar mensal

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Até R\$500,00 | <input type="checkbox"/> R\$4.001,00 a R\$4.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$501,00 a R\$1.000,00 | <input type="checkbox"/> R\$4.501,00 a R\$5.000,00..... |
| <input type="checkbox"/> R\$1.001,00 a R\$1.500,00 | <input type="checkbox"/> R\$5.001,00 a R\$5.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$1.501,00 a R\$2.000,00 | <input type="checkbox"/> R\$5.501,00 a R\$6.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$2.001,00 a R\$2.500,00 | <input type="checkbox"/> R\$6.001,00 a R\$6.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$2.501,00 a R\$3.000,00 | <input type="checkbox"/> R\$6.501,00 a R\$7.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$3.001,00 a R\$3.500,00 | <input type="checkbox"/> R\$7.001,00 a R\$7.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$3.501,00 a R\$4.000,00 | <input type="checkbox"/> Acima de R\$7.501,00..... |

14. Número de cômodos da residência: Quantos cômodos tem sua casa?
(Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda): _____

15. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria ()

Casa de Madeira ()

Casa Mista ()

ESCALA DE APEGO ADULTO (EAA)

Código: _____ data _____ Parentesco com a
criança _____

Serão apresentadas agora algumas descrições de estilos de relacionamento, ou seja, como as pessoas se ligam afetivamente, com o que se preocupam, com o que se sentem bem. Pedimos que você avalie o grau de semelhança entre o que você costuma sentir e cada uma das afirmações que serão apresentadas. Dê uma nota para cada afirmação, desde 1 = não tem nada a ver comigo, até 5 = tem tudo a ver comigo.

| | Não tem nada a ver comigo 1 | Tem um pouco a ver comigo 2 | Tem mais ou menos a ver comigo 3 | Tem bastante a ver comigo 4 | Tem tudo a ver comigo 5 |
|---|--------------------------------|--------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------|----------------------------|
| 1. Acho relativamente fácil me aproximar das pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Acho difícil confiar nos outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Muitas vezes fico preocupado pensando se minha parceira amorosa realmente me ama. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Acho que as outras pessoas não querem se aproximar de mim tanto quanto eu gostaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Eu me sinto bem confiando nas outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Eu não me incomodo quando as pessoas ficam muito ligadas afetivamente a mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Eu acho que as pessoas nunca estão lá quando a gente precisa delas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Eu me incomodo um pouco com a proximidade afetiva das outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Frequentemente me preocupo com a possibilidade da minha parceira amorosa não querer ficar mais comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Quando demonstro meus sentimentos para os outros, tenho medo que eles não sintam o mesmo por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Muitas vezes me pergunto se minha parceira amorosa realmente gosta de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Eu me sinto bem quando estabeleço relações próximas com outras pessoas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

| | | | | | |
|---|--------------------------------|--------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------|----------------------------|
| 13. Eu não gosto quando alguém fica muito ligado afetivamente a mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Eu sei que as pessoas estarão lá quando eu precisar delas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Eu quero me aproximar das pessoas, mas tenho medo de me ferir. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| | Não tem nada a ver comigo 1 | Tem um pouco a ver comigo 2 | Tem mais ou menos a ver comigo 3 | Tem bastante a ver comigo 4 | Tem tudo a ver comigo 5 |
| 16. Eu acho difícil confiar inteiramente nos outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Em geral, minha parceira amorosa quer que eu fique emocionalmente mais próximo dela do que eu gostaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Não tenho certeza de poder contar sempre com os outros quando eu precisar deles. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

QUESTIONÁRIO DE ENVOLVIMENTO PATERNO (QEP)

Código: _____ data _____ Parentesco com a
criança _____

Temos aqui a lista das atividades ou tarefas que os pais podem executar. Pode ser que seu (sua) companheiro (a) se ocupe mais que você de certos aspectos da vida da sua família, e não de outros aspectos. Responda com que frequência você mesmo (a) faz cada uma das atividades.

| | Nunca | Uma vez por mês | 2 ou 3 vezes por mês | Uma vez por semana | Várias vezes por semana | Todos os dias | Não se aplica |
|---|-------|-----------------|----------------------|--------------------|-------------------------|----------------------|------------------------|
| 1. Preparar as refeições. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 2. Dar de comer ou beber a seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 3. Lavar a louça. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 4. Dar banho em seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 5. Vestir seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 6. Lavar roupa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 7. Colocar seu/sua filho(a) na cama à noite. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 8. Supervisionar a rotina matinal (café da manhã, vestimenta, etc...) | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 9. Cuidar dos cabelos de seu/sua filho(a) (lavar, pentear). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 10. Elogiar quando ele/ela se comporta bem ou tem um ato educado. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 11. Limpar a casa (vassoura, aspirador, tirar o pó). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 12. Acariciar, afagar o seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| | Nunca | Raramente | Às vezes | Regularmente | Frequentemente | Muito frequentemente | Não é possível avaliar |
| 13. Lavar as orelhas de seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 14. Se ocupar do conserto do carro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 15. Cuidar de seu/sua filho(a) quando ele/ela está doente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 16. Falar de alegrias ou de problemas com seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 17. Tranquilizar seu/sua filho(a) quando ele tem medo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 18. Levar ao médico ou a outros profissionais da saúde quando seu/sua filho(a) tem necessidade. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 19. Dar os primeiros socorros quando o seu/sua filho(a) se machuca. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 20. Propor brincadeiras educativas para seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 21. Tentar saber de seu/sua filho(a) se algo está errado com ele/ela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 22. Parabenizar seu/sua filho(a) quando ele/ela consegue fazer algo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 23. Consolar seu/sua filho(a) quando ele/ela chora. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 24. Acalmar seu/sua filho(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 25. Incentivar seu/sua filho(a) quando ele/ela consegue fazer algo difícil. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |
| 26. Intervir rapidamente quando seu/sua filho(a) dá sinais de dificuldade ou desconforto. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 0 |